

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

CRISTINA YUKIE MIYAKI FUCHS

**OS MARCADORES *-GA* E *-WA* EM JAPONÊS:
UM ESTUDO DOS TRAÇOS MORFOSSINTÁTICOS E
SEMÂNTICOS PARA A INSERÇÃO VOCABULAR**

**FLORIANÓPOLIS
2009**



CRISTINA YUKIE MIYAKI FUCHS

**OS MARCADORES *-GA* E *-WA* EM JAPONÊS:
UM ESTUDO DOS TRAÇOS MORFOSSINTÁTICOS E
SEMÂNTICOS PARA A INSERÇÃO VOCABULAR**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientadora:

Prof^a. Dra. Maria Cristina Figueiredo Silva

FLORIANÓPOLIS

2009

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da
Universidade Federal de Santa Catarina

F951m

Fuchs, Cristina Yukie Miyaki

Os marcadores -ga e -wa em japonês [tese] : um estudo dos traços morfosintáticos e semânticos para a inserção vocabular / Cristina Yukie Miyaki Fuchs ; orientadora, Maria Cristina Figueiredo Silva. - Florianópolis, SC, 2010.

173 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Língua japonesa - Morfologia. 3. Caso nominativo. 4. Tópico. 5. Foco. I. Silva, Maria Cristina Figueiredo. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

CDU 801

OS MARCADORES *-GA* E *-WA* EM JAPONÊS:
UM ESTUDO DOS TRAÇOS MORFOSSINTÁTICOS E
SEMÂNTICOS PARA A INSERÇÃO VOCABULAR

Orientadora: Professora Doutora Maria Cristina Figueiredo Silva

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Aprovada por:

Presidente, Prof^{fa}. Dr^a. Maria Cristina Figueiredo Silva (UFSC)

Membro, Prof^{fa}. Dr^a. Mary A. Kato (UNICAMP)

Membro, Prof. Dr. Alessandro B. de Medeiros (USP)

Membro, Prof^{fa}. Dr^a. Izete L. Coelho (UFSC)

Membro, Prof. Dr. Carlos Miotto (UFSC)

Suplente, Prof^{fa}. Dr^a. Izabel C. Seara (UFSC)



**A Kiyomi e Kitem Miyaki, referências e exemplo em minha vida.
A Denilson, preciosa bússola na imensidão do mar.
A Natália Yume, estrela sempre brilhante.**



AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida, pelos desafios com que me presenteia, para que eu possa crescer e ser melhor a cada dia.

À minha orientadora Maria Cristina Figueiredo Silva. Seu profissionalismo e competência, com aquele toque de bom-humor e transparência, foram motivadores constantes. A cada dia eu a admiro mais.

Aos amados familiares e amigos. Seu olhar de ternura, suas palavras de ânimo e preocupação verdadeira alimentaram esta minha caminhada.

Às incansáveis informantes Miyoko Saito e Kiyomi Miyaki, que muito contribuíram para este trabalho, e também às informantes Satomi Azuma e Julia Orie.

A todos os professores que, com sabedoria e de modo peculiar, compartilharam seu conhecimento e me motivaram ao questionamento, a buscar sempre mais: Carlos Miotto, Ruth Lopes, Maria José Foltran, Max Guimarães.

À Pontifícia Universidade Católica do Paraná, especialmente ao Curso de Letras, pelo apoio e flexibilidade nesse período de estudo.



RESUMO

Esta tese, assumindo a arquitetura de gramática da Morfologia Distribuída, tem por objetivo apresentar a descrição dos traços morfossintático-semânticos presentes nos contextos de emprego de *-ga*, marcador morfológico do Caso nominativo, e de *-wa*, marcador de tópico temático e de tópico contrastivo na língua japonesa.

Seu objetivo específico é identificar quais os feixes de traços morfossintático-semânticos envolvidos nos diferentes contextos em que o marcador de nominativo *-ga* e o marcador de tópico *-wa* aparecem nas sentenças e quais combinações específicas desses traços geram as diferentes interpretações associadas a cada marcador.

Apresentamos uma breve retrospectiva sobre a noção de caso, e tratamos do Caso abstrato e do caso morfológico, diferenciando-os. Abordamos também os traços de referencialidade e de definitude dos DPs em japonês, e estabelecemos uma relação com as noções de juízo categórico e juízo tético.

Descrevemos os marcadores *-ga* e *-wa* como Itens de Vocabulário que são inseridos para indicar respectivamente o DP nominativo e também o DP foco contrastivo e não-contrastivo e o DP tópico temático ou contrastivo; apresentamos os vários traços morfossintático-semânticos que devem fazer parte do feixe de traços desses marcadores (como a exaustividade e a contrastividade) e analisamos alguns fenômenos específicos como a marcação do objeto nominativo e a alternância entre o marcador de genitivo e o marcador de nominativo nos DPs focalizados.

Finalizamos com a apresentação de uma hipótese sobre o que pode ser o conjunto de regras de inserção dos Itens de Vocabulário *-ga* e *-wa* nos contextos estudados.

Palavras-chave: Morfologia Distribuída, língua japonesa, caso nominativo, tópico e foco.



ABSTRACT

This dissertation, assuming the architecture of grammar of Distributed Morphology (DM), aims to present the description of the morphosyntactic/semantic traces present in the contexts of use of *-ga*, morphological marker of the nominative Case, and of *-wa*, marker of both the thematic and contrastive topics in the Japanese language.

It identifies which are the strings of the morphosyntactic/semantic traces involved in the different contexts in which the nominative marker *-ga* and the topic marker *-wa* appear in the sentences and which specific combinations of such traces generate the different interpretations associated with each marker.

A brief retrospective on the notion of case is presented, and the abstract as well as the morphological Cases are treated, and a distinction between them is drawn. The referentiality and the definiteness traces of the DPs in Japanese are tackled as well, and it was established a relation with the notions of categoral sense and thematic sense.

The markers *-ga* and *-wa* are described as Vocabulary Items that are inserted to indicate the contrastive and non-contrastive focus DP and the thematic or contrastive topic DP respectively, the morphosyntactic/semantic traces (such as the exhaustivity and the contrastivity) are presented and some specific phenomena such as the marking of the nominative object and the alternation between the genitive marker and the nominative marker in the DPs focused are analysed.

This dissertation is concluded with the presentation of the set of rules of insertion of the Vocabulary Items *-ga* e *-wa* in the contexts studied.

Keywords: Distributed Morphology, Japanese language, nominative case, topic, focus.



SUMÁRIO

Introdução	21
Capítulo 1 – A sintaxe da língua japonesa: tipologia e sistema de casos morfológicos	23
1.1 Características Tipológicas do Japonês	23
1.2 A marcação de caso morfológico na língua japonesa	25
1.2.1 Os casos nominativo, acusativo, dativo e genitivo: breve diferenciação	25
1.2.2 A alternância das posposições marcadoras de caso na sentença ..	26
1.2.2.1 A ausência marcada do nominativo <i>-ga</i> e do acusativo <i>-o</i> : alternância com marcadores de topicalização (<i>-wa</i>) e de ênfase (<i>-mo</i>)	26
1.2.2.2 O objeto nominativo <i>-ga</i>	27
1.2.2.3 O genitivo <i>-no</i>	28
Capítulo 2 – O Fenômeno em Estudo: <i>-ga</i> e <i>-wa</i>	33
2.1 Sobre o emprego de <i>-ga</i> e <i>-wa</i>	33
2.2 <i>-ga</i> descritivo e <i>-ga</i> de listagem exaustiva	37
2.3 <i>-ga</i> após DPs Quantificados	43
2.4 O Objeto Nominativo: <i>-ga</i> marcando o objeto da sentença	45
2.5 O DP- <i>ga</i> e a Focalização	47
Capítulo 3 – Caso Abstrato e Caso Morfológico	53
3.1 Uma retrospectiva sobre a noção de caso	53
3.2 Caso Abstrato e caso Morfológico	57
3.3 Caso inerente	59

Capítulo 4 - A marcação morfológica da referencialidade, da definitude e da especificidade no japonês e os juízos categórico e tético	63
1.1 A atribuição de Caso e as marcas morfológicas <i>-ga</i> e <i>-wa</i>	63
4.2 Definitude	66
4.3 Especificidade	71
4.4 Juízo categórico e tético em japonês e as noções de referencialidade e definitude	75

Cap 5 – A Morfologia Distribuída e a Subespecificação dos Itens de Vocabulário	79
5.1 A Morfologia Distribuída como Quadro Teórico e Metodológico ..	79
5.2 A Noção de Léxico, os Itens de Vocabulário e os Morfemas	80
5.3 As Operações Morfológicas	83
5.3.1 <i>Merger, Fusion, Impoverishment</i> e Fission	83
5.4 O Spell-out e a Hierarquia de Traços	86
5.5 Os níveis de derivação e as três listas: o Léxico Estrito, o Vocabulário e a Enciclopédia	89
5.6 A Estrutura Morfológica (MS)	90

Capítulo 6 - Formas de Focalização em Japonês e Apresentação dos Tipos de Foco	93
6.1 Foco Contrastivo e Não-contrastivo em Japonês	93
6.2 Formas de Focalização Morfossintática em Japonês	98
6.2.1 A Posição do DP Foco na Estrutura Sintática e a Realização Morfológica dos Marcadores <i>-ga</i> , <i>-o</i> e <i>-wa</i>	99
6.2.1.1 Foco sobre o sujeito	99
6.2.1.2 Foco sobre o objeto	102
6.2.1.3 Foco sobre o adjunto	104

Capítulo 7 – O Tópico – wa em japonês	105
7.1 O Tópico sujeito e o tópico objeto	105
7.2 A marcação do sujeito: DP-wa, DP-ga ou Ø?	111
7.3 O Tópico temático –wa ₁ e o tópico contrastivo –wa ₂	114
7.3.1 O fenômeno da topicalidade contrastiva (Kuno 1973) e o tópico sobre o objeto	115
7.3.2 O objeto nominativo e o tópico contrastivo	122
7.3.3 O tópico contrastivo sobre o sujeito	127
7.3.4 O tópico contrastivo sobre sintagmas adjuntos	130
Capítulo 8 – O tópico contrastivo (-wa₂) e os focos identificacional e contrastivo (-ga₂)	135
8.1 –wa e -ga : traços em comum?	135
8.2 –wa ₂ e -ga ₂ : diferenciação dos contextos de emprego	137
8.2.1 O tópico contrastivo e o foco contrastivo sobre o sujeito	138
8.2.2 O tópico contrastivo e o foco contrastivo sobre o objeto VT e sobre o objeto nominativo	139
8.2.3 O tópico contrastivo e o foco contrastivo sobre o adjunto	141
Capítulo 9 – DP_{ga} Genitivo + DP_{ga} Nominativo: focalização e possibilidade de ocorrência	145
9.1 O Caso genitivo e a relação semântica parte-todo	145
9.2 O Caso genitivo e a relação semântica de posse (possuidor-possuído)	150
9.3 O Caso genitivo e as orações relativas	154
Capítulo 10 - A Morfologia Distribuída e as regras de inserção dos Itens de Vocabulário –ga e –wa	157
Considerações Finais	163
Referências	165



LISTA DE SIGLAS

ACC	Caso acusativo
AS	Estrutura de Asserção
DAT	Caso dativo
DP	<i>Determiner Phrase</i>
F / FOC	Foco
GEN	Caso genitivo
GGT	Gramática gerativo-transformacional/ Gramática gerativa
INE	Inergativo
INTERR	Partícula interrogativa
NOM	Caso nominativo
PART	Partitivo
PP	Sintagma preposicional
TOP	Tópico



INTRODUÇÃO

Esta tese, assumindo a arquitetura de gramática da Morfologia Distribuída, fará uma descrição dos traços morfossintáticos e semânticos presentes nos contextos de emprego de *-ga*, marcador morfológico do Caso nominativo e de foco, e de *-wa*, marcador de tópico temático e de tópico contrastivo na língua japonesa.

Tem como objetivo responder às seguintes questões sobre o comportamento e a distribuição dos Itens de Vocabulário *-ga* e *-wa*:

- a) Que feixes de traços morfossintático-semânticos estão envolvidos nos diferentes contextos em que o marcador de nominativo *-ga* e o marcador de tópico *-wa* aparecem nas sentenças?
- b) Quais combinações específicas desses traços geram as diferentes interpretações associadas a essa forma?
- c) Como esses significados são gerados por essas combinações?
- d) Como explicar a marcação *-ga* sobre o objeto nominativo e a alternância genitivo *-no*/nominativo *-ga* dentro do DP sujeito nas sentenças?
- e) Quais informações contextuais devem ser associadas a esses itens para que os falantes os insiram adequadamente na estrutura da sentença?

Há uma multiplicidade de estruturas que subjazem à forma *-ga*, do Caso nominativo, e também ao marcador morfológico *-wa* de tópico, quando estes marcadores se realizam na superfície da sentença. As formas morfológicas do marcador *-ga* e do marcador *-wa* são subespecificadas, e podem realizar várias informações gramaticais, como a marcação de caso estrutural e os traços morfossintáticos e semânticos de exaustividade, contrastividade, referencialidade e definitude dos DPs.

Conforme prevê o referencial teórico da Morfologia Distribuída, os Itens de Vocabulário trazem consigo informação suficiente (sobre traços sintáticos, morfológicos e semânticos) para sua inserção nos nós resultantes das operações sintáticas e morfológicas; no entanto, esses Itens podem ser subespecificados, ou seja, num nó sintático/morfológico pode haver mais informação do que aquela que contém o Item de Vocabulário a ser inserido nele.

A tese se divide da seguinte forma: os capítulos 1 e 2 descrevem brevemente a sintaxe da língua japonesa e apresentam o fenômeno em estudo: a distribuição de *-ga* e *-wa* em suas diferentes interpretações.

O capítulo 3 faz uma retrospectiva sobre a noção de caso, tratando da diferença entre o Caso abstrato e o caso morfológico. No capítulo 4 abordamos os traços de referencialidade e de definitude dos DPs em japonês, e estabelecemos uma relação com as noções de juízo categórico e juízo tético.

No capítulo seguinte, apresentamos o referencial teórico da Morfologia Distribuída, quadro teórico e metodológico desta tese.

A partir do capítulo 6 descrevemos os marcadores *-ga* e *-wa* como Itens de Vocabulário que são inseridos para indicar o DP foco e o DP tópico, apresentamos os traços morfossintático-semânticos e analisamos alguns fenômenos específicos como a marcação do objeto nominativo e a alternância entre o marcador de genitivo e o marcador de nominativo nos DPs focalizados.

O capítulo 10 apresenta uma hipótese sobre qual deve ser o conjunto de regras de inserção dos Itens de Vocabulário *-ga* e *-wa* nos contextos estudados.

CAPÍTULO 1 – A SINTAXE DA LÍNGUA JAPONESA: TIPOLOGIA E SISTEMA DE CASOS MORFOLÓGICOS

1.1 Características Tipológicas do Japonês

Com relação à origem e às afiliações genéticas, a língua japonesa está geneticamente relacionada ao coreano; ambas as línguas são semelhantes na morfologia e na estrutura sintática. No entanto, fazem parte da formação do japonês um extensivo contato e empréstimos de outras línguas, incluindo línguas melo-polinésias e o chinês (Miller, 1967). Há numerosos dialetos japoneses, alguns ininteligíveis para falantes do dialeto de Tóquio, que constitui o modelo padrão moderno.

O japonês é uma língua cuja ordem básica para sentenças transitivas é Sujeito – Objeto – Verbo (SOV), uma ordem de palavras também exibida para línguas como o ainu, o burmese, o tAMIL, o navaho e o mongoliano. Observe-se, no entanto, que a língua japonesa, nas sentenças, tem uma ordem das palavras relativamente livre; a única restrição de ordem rígida pesa sobre o verbo, que deve aparecer na posição final da sentença obrigatoriamente:

- | | | | | |
|-----|----|---------------------------|-----------|-----------------|
| (1) | a. | Mary ga | hon o | kat-ta. |
| | | Mary NOM | livro ACC | comprar passado |
| | | ‘A Mary comprou o livro.’ | | |
| | b. | Hon o | Mary ga | kat-ta. |
| | c. | *Mary ga | kat-ta | hon o. |
| | d. | *Kat-ta | hon o | Mary ga. |

(1a) representa a ordem canônica das palavras na sentença, mas (1b) também é gramatical. (1c) e (1d) desrespeitam a posição rígida do verbo no final da sentença, o que as torna agramaticais.

Segundo Kuno (1973), apesar da ordem SOV na língua japonesa, há evidência de que para sentenças existenciais como *Há livros sobre a mesa*, o locativo precede o sujeito na ordem básica das palavras.

- | | | | | |
|-----|-------------------------|-----------|------------|----------|
| (2) | Tsukue no | ue ni | hon ga | arimasu. |
| | Mesa GEN | acima DAT | livros NOM | existem |
| | Há livros sobre a mesa. | | | |

Muitas das características do japonês estão relacionadas com o fato de ser essa uma língua SOV: é uma língua posposicional (em oposição à preposicional), apresenta *left-branching* e as expressões WH não têm que se mover para a posição inicial da sentença.

Como não há preposições na língua, todas as relações de caso e outras relações funcionais que seriam representadas em português por preposições e conjunções, são expressas em japonês por partículas, que são posposicionais, como nos exemplos a seguir (Kuno, 1973:5).

- (3) a. John ga Mary ni hon o yatta.
 John NOM Mary DAT livro ACC deu
 ‘John deu para Mary o livro.’
- b. John ga Mary to kuruma de Kobe ni itta.
 John NOM Mary com carro de Kobe para foi
 ‘John foi para Kobe de carro com Mary.’

Há aproximadamente 70 partículas posposicionais em japonês, mas nenhuma partícula preposicional. Elas não são usadas apenas para representar relações gramaticais. Existem aquelas que ocorrem após os verbos que marcam final de sentença, e representam a atitude do falante em relação ao conteúdo da sentença.

- (4) a. Kore wa hon desu yo.
 Isto TÓP livro é
 ‘Estou dizendo que isto é um livro.’
- b. Kore wa hon desu ne.
 Isto TÓP livro é
Eu espero que você concorde que isto é um livro.
- c. Kore wa hon desu ka.
 Isto TÓP livro é (interrog.)
 Isto é um livro ?

Outra partícula é *wa*, que especifica o tema ou tópico da sentença.

- (5) a. John wa Mary ni hon o yatta.
 John TÓP Mary DAT livro ACC deu
 ‘A respeito de John, (ele) deu para Mary o livro.’

1.2 A marcação de caso morfológico na língua japonesa

1.2.1 Os casos nominativo, acusativo, dativo e genitivo: breve diferenciação

O sistema fundamental de marcação de caso na língua japonesa se assenta no uso de posposições: *-ga* representa o caso nominativo, *-o* o acusativo, *-no* o genitivo, e *-ni* o dativo. Essas posposições acompanham o DP (*determiner phrase*), indicando assim o caso e a função sintática desempenhada por ele na sentença, afirma Ono (1973).

Observem-se os exemplos:

Caso Nominativo

- (6) Harumi **ga** kimashita.
 Harumi NOM veio
 “Harumi veio.”

Caso Acusativo

- (7) Harumi **ga** tegami **o** kakimashita.
 Harumi NOM carta ACC escreveu
 “Harumi escreveu (uma/a) carta.”

Caso Genitivo

- (8) Harumi **no** inu **ga** otonashii desu.
 Harumi GEN cachorro NOM manso é
 “O cachorro de Harumi é manso.”

Caso Dativo

- (9) Harumi **ga** Taro **ni** tegami **o** kakimashita.
 Harumi NOM Taro DAT carta ACC escreveu
 “Harumi escreveu uma carta para Taro.”

Posposições como *-ga* e *-o*, por marcarem respectivamente os casos nominativo e acusativo, permitem maior liberdade de posicionamento dos sintagmas na sentença, ainda que possam diferir em sua interpretação ou em seu uso.

- (10) a. Taro **ga** ronbun **o** kaku.
 Taro NOM dissertação ACC escreve.
 “Taro escreve a dissertação.”

- b. Ronbun **o** Taro **ga** kaku.
 Dissertação ACC Taro NOM escreve
 “Taro escreve a dissertação.”

A língua japonesa apresenta essa atribuição de casos padrão; no entanto, as posposições *-ga* (nominativo) e *-no* (genitivo) também podem acompanhar DPs atribuindo-lhes outras funções na sentença, como veremos mais à frente.

Essas observações serão exemplificadas na próxima seção.

1.2.2 A alternância das posposições marcadoras de caso na sentença

1.2.2.1 A ausência marcada do nominativo *-ga* e do acusativo *-o*: alternância com marcadores de topicalização (*-wa*) e de ênfase (*-mo*)

Na língua japonesa, observa-se que algumas posposições, marcadoras de contraste/ênfase (*-mo*) e topicalização (*-wa*), podem substituir o marcador de caso acusativo *-o*; no entanto, apesar de sua ausência, a interpretação do DP como objeto fica garantida. Fenômeno semelhante ocorre com o nominativo *-ga*, caso em que está garantida a interpretação pertinente para o DP.

Observem-se os exemplos retirados de Torisawa (2002, pág.78):

- (11) a. Taro *ga* ronbun **mo** kaku.
 Taro NOM dissertação também escreve
 “Taro escreve também a dissertação (além de outros textos).”
- b. Taro **mo** ronbun *o* kaku.
 Taro também dissertação ACC escreve.
 “Também Taro (além de outros) escreve a dissertação.”
- c. Taro *ga* ronbun **wa** kaku.
 Taro NOM dissertação TÓP escreve.
 “A respeito da dissertação, Taro (a) escreve.”
- d. Taro **wa** ronbun *o* kaku.
 Taro TÓP dissertação ACC escreve.
 “A respeito de Taro, ele escreve a dissertação.”

-wa topicaliza e *-mo* enfatiza. O DP modificado por *-wa* e *-mo* aparece sem a outra posposição, *-o* (acusativo), no entanto, o DP *ron-bun* ‘dissertação’ continua sendo marcado como complemento, conforme afirma Torisawa (2002). O mesmo ocorre com o DP sujeito *Taro*. Assim, *-wa* e *-mo* não co-ocorrem com *-ga* e *-o*, mas a interpretação do Caso estrutural fica garantida.

Em relação aos casos dativo e genitivo, o que se observa é a co-ocorrência de *-mo*, por exemplo, com a marca de dativo *-ni*, como vemos em (12a). A alternância das marcas é impossível, como mostra a agramaticalidade de (12b).

- (12) a. John *ga* Mary **ni mo** tegami o kaita.
 John NOM Mary dat também carta ACC escreveu
 “John escreveu uma carta também para Mary.”
- b.*John *ga* Mary **mo** tegami o kaita.
 John NOM Mary também carta ACC escreveu
 “John escreveu uma carta também para Mary.”

1.2.2.2 O objeto nominativo *-ga*

Além da sua função prototípica de marcar o sujeito da sentença, *-ga* pode marcar objetos diretos na ‘construção do objeto nominativo’ (NOC), como afirma Kuno (1973).

O tipo de predicado é que determina se uma sentença pode ou não ter uma NOC. Caso o predicado não suporte a NOC, o complemento será marcado pela posposição *-o* (acusativo).

Segundo Kuno (1973), a estatividade do predicado é o fator determinante: os verbos e os nomes transitivos estativos licenciam a NOC. Esses predicados correspondem a uma certa classe de predicados *individual-level*. Se um predicado é [- estativo] ele solicita o caso acusativo para seu complemento, o qual receberá o marcador *-o*. Caso contrário, o DP complemento será marcado por *-ga*. Observem-se os exemplos de Uehara (2003, pág.53) em (13) e (14) abaixo:

- (13) a Jon *ga* orandago **ga** dekiru.
 Jon NOM holandês (NOC) pode fazer [+ estativo]
 “Jon pode falar holandês.”

- b.* Jon ga orandago **o** dekiru.
Jon NOM holandês ACC pode fazer [+ estativo]
- (14) a. Jon ga beeguru **o** taberu.
Jon NOM bagel ACC come. [- estativo]
“Jon come bagels.”
- b.* Jon ga beeguru **ga** taberu.
Jon NOM bagel (NOC) come. [- estativo]

Segundo Uehara (2003), exemplos de predicados que aceitam NOC são os verbos *aru* ‘existir/ter’, *iru* ‘precisar’, *sukii* ‘gostar’, *hoshii* ‘querer’.

Kuno (1973) afirma ainda que existe um outro grupo de predicados que aceita tanto a marcação do acusativo *-o*, quanto a do objeto nominativo *-ga*. É o caso do verbo *wakaru* ‘entender’.

- (15) a. Jon ga nihongo **ga** wakaru.
Jon NOM lg. japonesa (NOC) entende
“Jon entende japonês.”
- b. Jon ga nihongo **o** wakaru.
Jon NOM lg. japonesa ACC entende
“Jon entende japonês.”

Takahashi (1996) assume que os predicados que suportam NOC pertencem a uma classe de predicados experienciadores, isto é, predicados que não atribuem papel temático de AGENTE, mas de EXPERIENCIADOR a um de seus argumentos.

1.2.2.3 O genitivo *-no*

A posposição *-no* é também frequentemente usada em japonês e assume diversas funções. Em uma delas, aproxima-se da preposição *de* indicadora de posse da língua portuguesa. Tipicamente *-no* forma um sintagma nominal do tipo [DP1 *-no* DP2]. O seu significado depende não somente das propriedades semânticas dos DPs que ocorrem na construção, mas também das informações do contexto.

Segundo Kikuchi & Sirai (2003), existem 2 tipos de *-no*, nas

construções DP1 *-no* DP2: o primeiro deles é marcador de complemento; o segundo, de adjunto.

Seguem alguns exemplos de construções com DP contendo *-no*:

- | | | | |
|------|---|----|---------------------|
| (16) | mati
cidade
“A destruição da cidade” | no | hakai
destruição |
| (17) | Naomi
Naomi
“A mãe de Naomi” | no | haha
mãe |
| (18) | Toyota
Toyota
“O carro da Toyota (feito pela Toyota)” | no | kuruma
carro |

Outra observação relevante envolvendo a posposição *-no* é que, em alguns contextos, ela pode substituir a posposição *-ga* (marcadora de caso nominativo). Isso ocorre em algumas orações relativas e orações que complementam nomes.

Observem-se os exemplos:

- | | | | | |
|------|---|-----------|--|----------------------|
| (19) | Tyuugokugo
Língua chinesa
“É um japonês que entende chinês.” | ga | wakaru nihonjin
entende pessoa japonesa
“É um japonês que entende chinês.” | dessu.
é. |
| (20) | Tyuugokugo
Língua chinesa
“É um japonês que entende chinês.” | no | wakaru nihonjin
entende pessoa japonesa
“É um japonês que entende chinês.” | dessu.
é. |
| (21) | Taro wa [Hanako
Taro TÓP [Hanako
“Taro sabe que Hanako veio.” | ga | kita] koto o
veio] fato
“Taro sabe que Hanako veio.” | shitte iru.
sabe. |
| (22) | Taro wa [Hanako
Taro TÓP [Hanako
“Taro sabe que Hanako veio.” | no | kita] koto o
veio] fato
“Taro sabe que Hanako veio.” | shitte iru.
sabe. |

Nos exemplos (19) e (20), a substituição da posposição *-ga* por *-no* mantém a gramaticalidade da sentença e também aparentemente a sua significação inicial. O mesmo ocorre em (21) e (22).

Nos exemplos abaixo, retirados de Uehara (2003), em um contexto envolvendo um complemento nominal ou oração relativa, a alternância *-ga* (Nominativo)/ *-no* (Genitivo) não afeta a gramaticalidade das sentenças e aparentemente mantém o mesmo sentido.

(23) [Jon **ga** tabeta] pizza
 [Jon NOM comeu] pizza
 “A pizza que Jon comeu”

(24) [Jon **no** tabeta] pizza
 [Jon GEN comeu] pizza
 “A pizza que Jon comeu”

É certo que existem contextos em que a substituição de uma posição atribuidora de caso por outra, de caso distinto, ou ainda por uma partícula não-marcadora de caso, pode não fornecer como resultado sentenças agramaticais na língua japonesa.

Comparem-se os exemplos apresentados por Uehara (2003):

(25) a. Jon **ga** pizza o tabeta.
 Jon NOM pizza ACC comeu
 “Jon comeu a pizza.”

b.#Jon **no** pizza o tabeta.
 Jon GEN pizza ACC comeu
 (Outra leitura: Comi/Comeu a pizza do Jon)

(26) a. Mary ga [Jon **ga** pizza o tabeta] to itta.
 Mary NOM [Jon NOM pizza ACC comeu] que disse
 “Mary disse que Jon comeu a pizza.”

b.#Mary ga [Jon **no** pizza o tabeta] to itta.
 Mary NOM [Jon GEN pizza ACC comeu] que disse
 agramatical
 (Outra leitura: Mary disse que comeu a pizza do Jon)

O falante nativo da língua japonesa percebe a inadequação das sentenças (25b) e (26b). O mesmo falante também reconhece as sentenças

(19), (20), (21) e (22) como gramaticais¹.

A partir dos fenômenos descritos neste capítulo, constatamos que o caso morfológico nominativo apresenta um papel coringa nas sentenças da língua japonesa e, assim, optamos por investigá-lo neste trabalho de tese.

¹ Segundo Takahashi (1996), a possibilidade da alternância *-ga / -no* está relacionada à transitividade dos predicados e à distinção entre argumento e adjunto.

Terada (1987) analisa a alternância *-ga / -no* como possível somente com predicados inacusativos.

E Miyagawa (1989) observou que essa alternância é sempre possível nas orações-argumento, mas é permitida nas orações adjunto somente com verbos inacusativos.



CAPÍTULO 2 – O FENÔMENO EM ESTUDO: *-GA* E *-WA*

Após um levantamento inicial sobre o emprego dos casos morfológicos em japonês e uma breve observação do seu comportamento (sua posição posposta ao DP, e a possibilidade de sua ausência marcada e de alternância), o capítulo 2 visa a apresentar, com base no referencial teórico a partir da década de 1960, uma descrição do comportamento do marcador de caso nominativo e do marcador de tópico na língua japonesa.

2.1 Sobre o emprego de *-ga* e *-wa*

O papel mais prototípico de *-ga* é marcar o sujeito gramatical simples de uma oração com o Caso nominativo. Quando há apenas uma ocorrência na sentença, o DP-*ga* é sem dúvida o sujeito de sua própria oração.

De acordo com Kuno (1973)², o sujeito marcado com *-ga* recebe a leitura de descrição neutra com um predicado que representa uma ação, existência ou estado temporário, e ele somente recebe a interpretação de listagem-exaustiva (*exhaustive-listing*) com um predicado que representa um estado estável. Por exemplo, *kita'veio* 'é um predicado *stage-level*, enquanto *gakusei-desu* 'é estudante' é um predicado *individual-level*.

Quando o DP-*ga* sujeito está em uma sentença, a distinção entre as duas interpretações se torna neutralizada e, não importando o tipo de predicado, ele recebe apenas a interpretação descritiva neutra.

Enquanto alguns pesquisadores (ex. Kuno, 1973a) assumem que há dois tipos diferentes de marcador de sujeito *-ga*, outros (Shibatani, 1990; Fiengo e McClure, 2002; Kuroda, 1992) afirmam que há somente um *-ga* a partir do qual esses dois sentidos naturalmente resultam. Esse é um dos temas a serem discutidos nesta tese.

A seguir, apresentamos o emprego distinto de *-wa* e *-ga* nas sentenças da língua japonesa, veiculando tema, contraste, listagem exhaustiva e descrição neutra.

Esses diferentes usos são descritos por Kuno³ (1973, pág 38).

- (1) - *wa* para o tema (tópico) de uma sentença.
- | | | | |
|------|-----------|----------------|---------------|
| John | <i>wa</i> | <i>gakusei</i> | <i>desu</i> . |
| | | Estudante | é |
- A respeito de John, (ele) é estudante.

² Os exemplos desta seção são retirados de Kuno (1973).

³ Neste capítulo optamos por manter a terminologia e as classificações apresentadas por Kuno (1973).

- (2) - *wa* para marcar contraste entre informações da sentença.
Neste caso, o DP marcado por *-wa* não é tópico da sentença.
Ame wa futte imasu ga ...
Chuva caíndo está mas
A chuva está caíndo, mas ...
- (3) - *ga* para descrição neutra de ações ou estados temporários.
Ame ga hutte imasu.
Chuva NOM caíndo está
A chuva está caíndo.
- (4) - *ga* para indicar listagem exaustiva
John ga gakusei desu.
Estudante é
John (e somente John) é estudante.
- (5) - *ga* para marcar objeto nominativo.
Boku wa Mary ga suki desu.
Eu(masc.) TÓP Mary NOM gostar pres
Eu gosto da Mary.

Os temas⁴ das sentenças em japonês, segundo Kuno (1973), podem ser genéricos ou anafóricos. Uma vez que seu registro é estabelecido na sentença, eles não precisam ser reintroduzidos para cada discurso.

- (6) a. Kujira wa honyuu-doobutsu desu.
Baleia mamífero é
A respeito da baleia, é um mamífero.
- b. John wa watakushi no tomodati desu.
Eu GEN amigo é
A respeito de John, (ele) é meu amigo.
- c. Futari wa party ni kimashita.
Duas pessoas festa para vieram.
A respeito das duas pessoas, (elas) vieram à festa.

⁴ A expressão *temas* é empregada por Kuno e não tem relação com a noção de papéis temáticos. Tema para ele é sinônimo de tópico.

As sentenças (6a) e (6b) são gramaticais porque *kujira* ‘baleia’ e *John* são DPs genérico e anafórico respectivamente. (6c) é gramatical somente quando *futari* ‘duas pessoas’ é tomada com o significado de ‘as duas pessoas (sob discussão)’. A sentença seria agramatical se *futari* não tivesse referência anafórica. É o que ocorre nos exemplos a seguir:

- (7) a. *Oozei no hito wa party ni kimashita.
Muitas pessoas
*A respeito de muitas pessoas, (elas) vieram à festa.
- b. *Dareka wa byooki desu.
Alguém doente está.
*A respeito de alguém, está doente.

(7a) e (7b) são agramaticais porque os DPs marcados pela posposição *-wa* não apresentam referência anafórica, já que seus referentes não fazem parte do registro do presente discurso. Em (7c) a seguir, a interpretação de tópico não é possível porque o DP *ame* ‘chuva’ nesse contexto não é nem genérico, nem anafórico. Já em (7d), a expressão *kyoo no ame* ‘a chuva de hoje’ apresenta referência específica e anafórica, o que justifica sua gramaticalidade.

- c. *Ame wa futte imasu.
Chuva caindo está
*A respeito de chuva, está caindo.
- d. Kyoo no ame wa zuibun hidoi.
Hoje GEN chuva muito intenso
A respeito da chuva de hoje, está muito intensa.

Os DPs genéricos são os que se referem a classes e não a membros arbitrários de classes. Esses DPs genéricos parecem estar num registro permanente do discurso, e não precisam ser reintroduzidos no registro temporário de cada discurso. Nesse sentido, os DPs genéricos são também anafóricos. No exemplo em (8), o falante da sentença assume que o ouvinte já conhece a classe de objetos chamados ‘americanos’:

- (8) America-jin wa se ga takai.
Americanos estatura NOM é alto
A respeito dos americanos, (eles) são altos.

Kuno (1973) reforça que nas sentenças do japonês os temas devem ser anafóricos, o que aparece marcado, segundo o autor, pelo emprego de *-wa* temático. No entanto, existe o *-wa* contrastivo, que marca DPs não-anafóricos veiculando informação contrastiva na sentença.

- (9) a. *Ame wa futte imasu.
 Chuva caindo está
 *A respeito de chuva, está caindo.
- b. Ame wa futte imasu ga, taisita koto wa arimasen.
 Chuva caindo está mas, sério assunto não há
 Está chovendo, mas não muito.

Como tanto DPs genéricos quanto anafóricos podem ser seguidos do *-wa*, temático ou contrastivo, isso resulta em sentenças ambíguas na língua.

- (10) a. Watakusi ga sitte iru hito wa party ni kimasen desita.
 Eu NOM conheço pessoa festa veio não
 1ª leitura: A respeito das pessoas que eu conheço, não vieram à festa.
 2ª leitura: (As pessoas vieram à festa, mas) não havia nenhuma pessoa que eu conheço.

Watakusi ga sitte iru hito ‘pessoas que eu conheço’ é ambíguo: pode significar tanto uma quanto mais pessoas que o falante conhece, de quem ele já ouviu falar, ou algumas pessoas que o falante encontra na festa, de quem ele provavelmente não ouviu falar antes.

Para Kuno, se a primeira leitura se estabelece, teremos o *-wa* temático; caso a expressão seja interpretada não-anafóricamente, a leitura será de *-wa* contrastivo na sentença.

Uma dada sentença pode apresentar apenas um *-wa* temático; se houver mais de uma ocorrência de *-wa* na sentença, apenas a primeira poderá ter a leitura temática, as demais apresentarão leitura contrastiva.

- (11) a. ?Watakushi wa syuumatsu ni wa hon wa yomimasu.
 Eu final-de-semana livro leio
 A respeito de mim, (eu) leio livros no final de semana.
- b. Watakushi wa syuumatsu ni wa hon wa yomimasen.
 Eu final-de-semana livro leio não
 A respeito de mim, (eu) não leio livros no final de semana.

- c. Watakushi wa syuumatsu ni wa hon wa
 Eu final-de-semana livro
- yomimasu ga benkyoo wa simasen.
 leio mas estudos não faço

A respeito de mim, eu leio livros no final de semana, mas não estudo.

A sentença (11a) é certamente contrastiva, ela seria agramatical em contextos neutros (*out of the blue contexts*). O ouvinte espera que seja dada uma declaração que contraste com a informação do ato de ler livros, como ocorre em (11c).

Já a sentença (11b), com a negação do predicado ‘ler’, é perfeitamente natural em contextos neutros, e a natureza contrastiva do predicado é muito clara. Segundo Kuno (1973), isso se deve ao fato de que ambientes não-linguísticos são normalmente positivos, e sentenças negativas como (11b) são contrastivas em relação a tais ambientes positivos. O contexto pragmático para (11b) seria o interlocutor oferecer-lhe um livro para leitura durante o fim-de-semana. Nesse contexto, o enunciado seria naturalmente contrastivo.

2.2 -ga descritivo e -ga de listagem exaustiva

A partícula *-ga* descritiva acompanha o sujeito de verbos de ação, verbos existenciais e adjetivos que representam mudança de estado. Em relação ao *-ga* de listagem exaustiva, essas restrições não se aplicam.

- (12) a. John ga asoko ni tatte iru.
 Lá de pé está
 John está de pé naquele lugar.
- b. Tegami ga kitta.
 Carta veio
 A carta chegou.
- c. Ame ga futte iru.
 Chuva caindo está
 Está chovendo.

Em (12a), (12b) e (12c) temos verbos de ação e, para Kuno, nesses contextos a presença de *-ga* sobre o sujeito é consistente com a descrição neutra dessas ações nas sentenças.

- (13) a. Tsukue no ue ni hon ga arimasu.
 Mesa GEN cima em livros NOM existem
 Há livros sobre a mesa.
- b. Oya, asoko ni John ga iru.
 Oh, lá está
 Olhe, John está lá.

Os predicados *aru* ‘existir’ e *iru* ‘estar’, que representam existência, também recebem a interpretação de descrição neutra, nas sentenças (13a) e (13b), que possuem o DP sujeito marcado por *-ga*.

- (14) a. Sora ga akai.
 Céu NOM vermelho
 O céu está vermelho.
- b. Atama ga itai.
 Cabeça NOM dói
 A cabeça dói./ Tenho dor de cabeça.
- c. Te ga tsumetai.
 Mão NOM gelado
 As mãos estão geladas.

Nas sentenças acima, os predicados (adjetivos) indicam mudança de estado, e as sentenças que possuem o seu sujeito marcado por *-ga* são descrições neutras ou estados temporários atuais.

Segundo Kuno (1973), as sentenças de descrição neutra apresentam uma ação objetivamente observável, existência ou um estado temporário como um novo evento.

Por outro lado, mais alguns exemplos de sentenças, estas com predicados que representam estados permanentes.

- (15) a. John ga gakusei desu.
 John NOM estudante é
 John (Foco) é um estudante.

- b. Saru ga ningen no senzo desu.
 Macaco NOM homem GEN ancestral é
 O macaco(Foco) é o ancestral do homem.
- c. John ga nihongo o shitte iru.
 John NOM japonês ACC sabe está
 John(Foco) sabe japonês.
- d. John ga nihongo ga dekiru.
 John NOM japonês NOM é capaz
 John(Foco) pode falar japonês.
- e. Boku ga osushi ga tabetai.
 Eu (masc) NOM osushi NOM quero comer
 Eu(Foco) quero comer ossushi.

Fora de contexto, as sentenças em (15) causam estranhamento. Elas solicitam um contexto que exija listagem exaustiva (Kuno 1973), ou seja, um contexto em que o primeiro constituinte marcado pelo *ga*-nominativo esteja focalizado. Seriam por exemplo contextos de perguntas como os exemplificados a seguir:

- (16) a. Dare ga gakusei desu ka.
 Quem NOM estudante é interrog.
 Quem é estudante?
- b. Nani ga ningen no senzo desu ka.
 O que NOM homem GEN ancestral é interrog.
 O que é o ancestral do homem?
- c. Dare ga nihongo o sitte iru ka.
 Quem NOM japonês ACC sabe interrog.
 Quem sabe japonês?

A pergunta (16a) acima requer como resposta o nome de um estudante a partir de uma lista exaustiva de pessoas que são estudantes. Isto explica por que *-ga*, e não *-wa*, é usado para acompanhar pronomes interrogativos.

Kuno (1973) reforça que quando verbos de ação, verbos existenciais, e adjetivos de mudança de estado estão nos predicados, as sentenças

com *-ga* marcando seus sujeitos podem ser ambíguas: o DP nominativo nesses casos pode apresentar tanto uma interpretação de descrição neutra, quanto a interpretação focalizada⁵.

- (17) a. Sora ga aoi. (descrição neutra)
 Céu NOM azul
 O céu está azul.
- b. Sora ga aoi. (listagem exaustiva)
 Céu NOM azul
 É o céu que está azul.
- (18) a. John ga kitta. (descrição neutra)
 John NOM veio.
 O John veio.
- b. John ga kitta. (listagem exaustiva)
 John NOM veio.
 Foi o John que veio.
- (19) a. Jon ga sinda. (descrição neutra)
 John NOM morreu
 John morreu.
- b. - Dare ga sinda ka?
 Quem NOM morreu interr
 - Quem morreu?
- b' - John ga sinda. (listagem exaustiva)
 John NOM morreu
 - Foi João que morreu.

Como vimos anteriormente, quando verbos estativos e adjetivos e nominais de estados permanentes estão nos predicados, somente a interpretação focalizada (listagem exaustiva) de *-ga* é obtida.

⁵ Embora esta tese não se debruce sobre a questão prosódica, em alguns momentos fazemos referência a certos fatos que podem ser indício de construções sintáticas distintas.

- (20) a. #Tokyo ga ookii. (descrição neutra⁶)
 Tóquio NOM grande
 Tóquio é grande
- b. Tokyo ga ookii. (listagem exaustiva)
 Tóquio NOM grande
 É Tóquio que é grande

Note-se que (20a) é inadequada na interpretação pretendida de descrição neutra, porque seu predicado representa um estado estável.

Verifica-se também que nem sempre os sujeitos DP-*ga* podem receber a interpretação de descrição neutra quando seus predicados representam ações, existência, ou mudança de estado.

- (21) a. Kinoo, John ga kimashita.
 Ontem, John NOM veio
 Ontem o João veio.
- b. ? Kinoo, John ga Boston ni ikimashita.
 Ontem, John NOM Boston DAT foi
 Ontem John foi para Boston.
- (22) a. John ga asoko ni imasu.
 John NOM lá DAT está
 John está lá.
- b. ? John ga Boston ni imasu.
 John NOM Boston DAT está
 John está em Boston.
- (23) a. # Boku ga Boston ni ikimashita.
 Eu NOM Boston DAT fui
 Eu fui para Boston.
- b. # Boku ga koko ni imasu.
 Eu NOM aqui DAT estou
 Eu estou aqui.

⁶ Para obter-se a interpretação de descrição neutra, em vez de *-ga*, empregariamos DP-*wa*, *Tokyo wa*.

Nestes exemplos de Kuno (1973), os símbolos # e ? não marcam a agramaticalidade das sentenças, mas indicam o fato de que elas não têm a interpretação de descrição neutra. Elas são aceitáveis como sentenças da interpretação que prevê a listagem exaustiva.

Ainda segundo o autor, a partícula *-ga* também é usada para marcar o objeto de predicados estativos, alguns verbos transitivos (como *dekiru* ‘ser capaz de’, *wakaru* ‘entender’, *iru* ‘precisar’), todos os adjetivos transitivos (como *hosii* ‘querer’, *tabetai* ‘desejar comer’) e o que ele chama de adjetivos nominais transitivos (como *sukii* ‘gostar’, *nigate* ‘ser ruim em’). Esse *-ga* que acompanha o objeto (objeto nominativo, na literatura atual) não tem a conotação de listagem exaustiva, ou seja, esse DP objeto não fica focalizado.

- (24) a. John wa eigo ga dekiru.
 John TÓP inglês NOM é capaz
 A respeito de John, ele sabe falar inglês.
- b. Boku wa okane ga hosii.
 Eu TÓP dinheiro NOM quero
 A meu respeito, eu quero dinheiro.
- c. John wa Mary ga suki desu.
 John TÓP Mary NOM gosta
 A respeito de John, ele gosta da Mary.
- d. John ga Mary ga suki desu.
 John NOM Mary NOM gosta
 É John que gosta da Mary.
- e. Boku ni wa nihongo ga nigate desu.
 Eu para TÓP japonês NOM sou ruim
 A meu respeito, não sou bom em japonês.

A partícula *-ga* marcadora de objeto nominativo é de uma natureza diferente da do *-ga* marcador de sujeito. Em todas as sentenças (24a – e) o DP objeto nominativo não está focalizado, tanto nas sentenças com tópico (24a, b, c, e) quanto na sentença que tem o DP sujeito focalizado (24d).

A distinção entre *-wa* temático, marcador de tópico, *-ga* nominativo de descrição neutra e *-ga* de listagem exaustiva torna-se neutralizada em orações subordinadas, conforme Kuno (1973) e Kuroda (1976). O DP

sujeito da encaixada é sempre marcado com *-ga*. Nessa posição a marcação de *-wa* no DP sujeito encaixado é agramatical.

- (25) a. Anata wa John ga/*wa hihongo ga dekiru koto o
 Você NOM/*TÓP japonês NOM conhecimento ACC

sitte imasu ka.

sabe interr

Você sabe se John pode falar inglês?

- b. John ga/*wa suki na ko wa Mary desu.
 John NOM/*TÓP gosta garota Mary é
 A garota de que John gosta é Mary.

As sentenças em (25) descrevem a agramaticalidade do DP-*wa* sujeito na sentença encaixada. Nessa posição sintática, apenas *-ga* é gramatical.

2.3 *-ga* após DPs Quantificados

Mencionou-se que somente sujeitos de predicados indicando ação, indicando existência, ou adjetivos que representam mudança de estado podem ser seguidos pelo *ga*- indicador de descrição neutra. Kuno (1973, pág. 57) refina esse conceito através dos exemplos:

- (26) a. John ga kanemoti desu.
 John NOM rico é
 É John que é rico.

- b. Kono kuni de wa, minna ga kanemoti desu.
 Neste país todos NOM ricos são
 Neste país, todos são ricos.

(26a) é um exemplo de uso de *-ga* indicando focalização do DP sujeito (listagem exaustiva). Significa que entre as pessoas do presente universo do discurso, *John* e somente John é rico. Por outro lado, (26b) não tem uma interpretação de listagem exaustiva⁷. A sentença não signi-

⁷ Sabe-se que *todos* é um quantificador universal.

fica que ‘ todos são ricos, e ninguém mais é ‘. É uma descrição neutra da riqueza das pessoas de determinado país referido no discurso.

De acordo com a restrição sobre o *ga-* descritivo apresentada anteriormente, (26b) como uma descrição neutra seria agramatical, porque para Kuno *kanemoti desu* ‘são ricos’ não representa mudança de estado⁸. No entanto, para o falante nativo da língua, a sentença é perfeitamente gramatical com essa interpretação, não necessitando de um contexto especial.

Observe-se também, a seguir, a ambiguidade da sentença:

- (27) San-nin ga kanemoti desu.
Três-pessoas NOM ricas são

- a. Os três (sobre os quais se fala) e apenas eles são ricos.
b. Há três que são ricos.

Parte da diferença de significado entre as leituras de (27a) e (27b) pode ser atribuída ao fato de que em uma interpretação *san-nin* ‘três pessoas’ é um DP anafórico representando três pessoas identificáveis de maneira unívoca no presente universo do discurso, enquanto a segunda interpretação não é anafórica. Mas isso não pode explicar o fato de que na primeira interpretação *-ga* imprime à sentença o sentido de listagem exaustiva, enquanto que na segunda interpretação o sentido é de descrição neutra.

A generalização de Kuno (1973) e também de Kuroda (1976) é que, quando o DP sujeito contém um numeral ou um quantificador, ele pode ser seguido da partícula *-ga* descritiva mesmo se seu predicado representa um estado estável.

- (28) a. Watakushi no class de wa, go-nin ga
Eu GEN classe em TÓP, cinco-pessoas NOM

otoko de, roku-nin ga onna desu.
homem e seis-pessoas NOM mulher são
Na minha classe, cinco são homens e seis são mulheres.
- b. Daibubun no gakusei ga dokusin desu.
Maioria GEN estudantes NOM solteiro são
A maioria dos estudantes são solteiros.

⁸ Essa argumentação apresenta problemas. O predicado *kanemoti* ‘rico’ é compatível tanto com verbo *ser* quanto com verbo *estar*. Pode ser *individual* ou *stage level*.

- c. Subete no gakusei ga dokusin desu.
 Todos GEN estudantes NOM solteiro são
 Todos os estudantes são solteiros.

Esse fenômeno não é peculiar apenas ao japonês; em inglês e em outras línguas, um sintagma nominal específico mas não-anafórico não pode se tornar o sujeito de um predicado que denote um estado relativamente estável (Perlmutter 1971).

Em japonês, quando os numerais e os quantificadores não estão presentes no DP sujeito de predicados estativos, as sentenças exibem somente a interpretação de *ga*- listagem exaustiva. Por outro lado, quando os numerais e os quantificadores estão presentes, exibem a interpretação ambígua do *-ga*: descrição neutra e também a interpretação de listagem exaustiva.

2.4 O Objeto Nominativo: *-ga* marcando o objeto da sentença

Sabe-se que canonicamente a partícula *-ga* marca o DP sujeito da sentença, e *-o* marca o objeto.

- (29) a. John ga hon o yomimasu.
 John NOM livro ACC lê
 John lê o livro.

No entanto, em algumas construções, *-ga* aparece onde *-o* é esperado. Kuroda (1965) mostra que *-ga* é usado não somente para marcar o sujeito da sentença, mas também marca o objeto de todos os adjetivos transitivos e adjetivos nominais, e de uma certa classe de verbos transitivos. Esses predicados têm uma característica semântica comum: eles não representam ações, mas estados. São denominados predicados estativos.

Tokieda (1941) e Tamura (1969) afirmam que predicados como *hosii* ‘querer’ e *suki* ‘gostar de’ representam sentimentos subjetivos do sujeito em relação ao objeto, e não representam atributos do objeto.

Kuno (1973, pág.81) apresenta uma classificação dos adjetivos transitivos e dos adjetivos nominais nas seguintes categorias semânticas:

Competência: *jyoozu* ‘bom em’, *nigate* ‘ruim em’, *heta* ‘ruim em’, *tokui* ‘orgulhoso de’.

- (30) a. Dare ga eigo ga jyoozu desu ka.
 Quem NOM inglês NOM bom é interr.
 Quem é bom em inglês?

Adjetivos e Adjetivos Nominais de Sentimento: *suki* ‘gostar de’, *kirai* ‘odiar’, *hosii* ‘querer’, *kowai* ‘ter medo’.

- (31) a. Boku wa okane ga hosii.
 Eu TÓP dinheiro NOM quero
 Eu quero dinheiro.

Derivados de –Tai (sufixo verbal indicador de desejo): *yomitai* ‘querer ler’, *tabetai* ‘querer comer’, etc. Apesar de –*ga* ser a partícula preferida para uso, –*o* pode ser usado para marcar os objetos desses predicados.

- (32) a. Boku wa eiga ga/o mitai.
 Eu TÓP filme NOM/ACC desejo ver.
 Eu quero ver filmes.

É importante observar que esses predicados derivados de –*tai*, por representarem um sentimento interno, requerem que seu sujeito esteja na 1ª pessoa nas sentenças afirmativas, e na 2ª pessoa nas sentenças interrogativas. Segundo Kuno, o falante não tem base para fazer um julgamento declarativo sobre o sentimento interno de uma 2ª ou 3ª pessoa. Ele pode expressar somente o seu próprio sentimento. O falante pode perguntar sobre o sentimento interno do ouvinte, mas não sobre o sentimento interno de uma 3ª pessoa, por se tratar de algo extremamente íntimo.⁹

- (33) a. Boku wa eiga ga mitai.
 Eu TÓP filme NOM desejo ver.
 Eu quero ver filmes.
- b. * John wa eiga ga mitai.
 Eu TÓP filme NOM desejo ver.
 John deseja ver filmes.

⁹ Kuno não apresenta informações adicionais sobre esse fenômeno, no entanto, entendemos que nos contextos em que o falante quer referir-se ao desejo de uma terceira pessoa, ele empregará a estrutura *to omoimasu* ‘penso que/acredito que’.

- c. Kimi wa eiga ga mitai?
 Você TÓP filme NOM deseja ver
 Você deseja ver filmes?
- d. * John wa eiga ga mitai?
 John TÓP filme NOM deseja ver.
 John deseja ver filmes?

Competência: *dekiru* (ser capaz de) e formas *re/rare* (sufixos verbais que indicam capacidade de):

- (34) a. Dare ga nihongo ga dekiru ka?
 Quem NOM japonês NOM é capaz de falar japonês?
 Quem é capaz de falar japonês?
- b. Amerika de wa oisii osusi ga tabe-rare-nai.
 América em gostoso osusi NOM comer-poder-não
 Não se pode comer um delicioso osusi na América.

Percepção Não-Intencional: *wakaru* ‘entender’, *kikoeru* ‘ouvir’, *mieru* ‘ver’

- (35) a. Anata wa nihongo ga wakarimasu ka?
 Você TÓP japonês NOM entende interr.
 Você entende japonês?

Ato de Posse, Necessidade: *aru* ‘ter’, *iru* ‘precisar’

- (36) a. Watakushi wa okane ga iru.
 Eu TÓP dinheiro NOM preciso
 Eu preciso de dinheiro.

Esses são os exemplos de predicados de objetos nominativos listados por Kuno, contextos em que o objeto é marcado com *-ga*.

2.5 O DP-*ga* e a Focalização

Na língua japonesa, como em português ou inglês, a focalização de um constituinte da sentença, tanto do sujeito como dos demais consti-

tuintes, pode se revelar pela posição do acento prosódico (representado a seguir pela grafia em caixa alta).

- (37) a. O JOÃO deu dinheiro para a Maria. (Foi o João que deu o dinheiro para a Maria)
 b. O João deu DINHEIRO para a Maria. (Foi dinheiro que o João deu para a Maria)
 c. O João deu dinheiro PARA A MARIA. (Foi para a Maria que o João deu dinheiro)

Esse fenômeno também ocorre na língua japonesa

- (38) a. JOHN ga Mary ni okane o yatta.
 NOM DAT dinheiro ACC deu
 b. John ga MARY ni okane o yatta.
 c. John ga Mary ni OKANE o yatta.

No entanto, para Kuno (1973), quando o *-ga* que pode receber apenas a leitura de listagem exaustiva está presente na sentença, ele tem precedência na interpretação, e nenhum outro sintagma poderá receber o acento prosódico que revele outro lugar na sentença para a focalização.

- (39) a. John ga mainiti gakko ni iku.
 NOM todo dia escola DAT vai
 John (e apenas John) vai à escola todos os dias.
 b. * John ga mainiti GAKKO ni iku.
 NOM todo dia escola DAT vai
 John vai à escola (e somente à escola) todos os dias.

Como o predicado em (39a) representa uma ação habitual, *John ga* pode receber somente a interpretação de listagem exaustiva, e (39b) é agramatical na interpretação em que outro constituinte da sentença é focalizado.

Kuroda (1965) e Mikami (1963) observaram que sentenças como (40a) são ambíguas:

- (40) a. Kono class wa dansei ga yoku dekiru.
 Esta turma TÓP masculino NOM bem desempenha
 A respeito dessa turma, os rapazes se saem bem.

- b. Kono class wa John ga yoku dekiru.
 Esta turma TÓP John NOM bem desempenha
 A respeito dessa turma, John se sai bem.

(40a) pode apresentar duas interpretações possíveis: (i) a leitura de listagem exaustiva, ‘A respeito desta classe, os rapazes e apenas os rapazes se saem bem’, implicando que as garotas não o fazem; e (ii) ‘A respeito dessa turma, os rapazes se saem bem’, que é a interpretação de descrição neutra para *dansei ga* ‘os rapazes NOM’. Esta segunda leitura é a de que em algumas turmas os garotos se saem bem nos estudos, e em algumas outras classes eles o fazem mal, e que esta classe pode ser caracterizada como uma classe na qual os garotos vão bem. A sentença nada afirma sobre as garotas da turma, que poderiam ter um desempenho melhor ou pior do que o dos rapazes.

Já (40b) pode receber somente a interpretação de listagem exaustiva, com a focalização do sintagma *John ga*: ‘nesta turma, John é a única pessoa que se sai bem.

Na língua japonesa, algumas sentenças DP-*wa* DP-*ga*..., cujos exemplos foram analisados anteriormente, possuem correspondentes a sentenças com a estrutura DP-*ga* DP-*ga*. Kuno (1973, pág.67) aborda os seguintes pares de sentenças:

- (41) a. Kono class wa dansei ga yoku dekiru.
 Esta turma TÓP masculino NOM bem desempenha
 A respeito dessa turma, os rapazes se saem bem.
 (*dansei ga*: interpretação de listagem exaustiva ou descrição neutra)
- b. Kono class ga dansei ga yoku dekiru.
 Esta turma NOM masculino NOM bem desempenha
 É nesta turma que os rapazes se saem bem.
 (*dansei ga*: interpretação de descrição neutra)
- (42) a. Nihon wa dansei ga tanmei desu.
 Japão TÓP masculino NOM expectativa de vida curta são
 A respeito do Japão, homens têm uma expectativa de vida curta.
 (*dansei ga*: interpretação de listagem exaustiva ou descrição neutra)

- b. Nihon ga dansei ga tanmei desu.
 Japão NOM masculino NOM expectativa de vida curta são
 É no Japão que homens têm uma expectativa de vida curta.
 (*dansei ga*: interpretação de descrição neutra)

(41a) e (42a) têm leituras ambíguas em relação ao DP *dansei ga* ‘rapazes NOM’, que recebe a interpretação de listagem exaustiva ou de descrição neutra. Por outro lado, (41b) e (42b) não apresentam ambiguidade e *dansei ga* recebe apenas a interpretação de descrição neutra. Esses exemplos reforçam a afirmação de que quando o DP-*ga*, presente em uma sentença, pode receber somente a interpretação de listagem exaustiva, ele tem precedência, e nenhum outro constituinte da sentença pode receber essa interpretação de listagem exaustiva. O DP-*ga* mais à esquerda da sentença (o primeiro mencionado) terá a precedência, e os demais DPs-*ga* serão interpretáveis somente como descrição neutra.

Kuno (1973), no entanto, alerta para o fato de que nem todas as sentenças DP-*wa* DP-*ga*... têm sentenças correspondentes da forma DP-*ga* DP-*ga*..., e complementa a comparação:

- (43) a. Kono class wa John ga yoku dekiru.
 Esta turma TÓP John NOM bem desempenha
 A respeito dessa turma, é John que se sai bem.
 (*John ga*: listagem exaustiva)
- b. * Kono class ga John ga yoku dekiru.
 Esta turma NOM John NOM bem desempenha
 É nessa turma que John se sai bem.
- (44) a. Nihongo wa John ga heta desu.
 Japonês TÓP John NOM ruim é
 A respeito da língua japonesa, é John que é ruim nela.
 (*John ga*: listagem exaustiva)
- b. * Nihongo ga John ga heta desu.
 Japonês NOM John NOM ruim é
 É a língua japonesa que John é ruim nela.

Quando a sentença DP-*wa* DP-*ga*... tem leitura ambígua, a sentença correspondente DP-*ga* DP-*ga*... é gramatical, pois a marcação do primeiro DP com *-ga* indica que naquela sentença a leitura do segundo

DP-*ga* não é focalizada. Mas quando a sentença DP-*wa* DP-*ga*... apresenta unicamente a interpretação de listagem exaustiva, a corresponde sentença DP-*ga* DP-*ga*... é agramatical, pois o segundo DP-*ga* já está focalizado, o que ocasiona a agramaticalidade da focalização do primeiro DP-*ga* simultaneamente na sentença.

O objetivo deste capítulo foi apresentar um panorama descritivo das ocorrências de *-ga* e *-wa* em japonês. A preocupação do autor Kuno (1973)¹⁰ foi descrever e exemplificar os usos de *-ga* e *-wa*, apresentando explicitações de cunho pragmático e discursivo.

Nesta tese, seguindo o referencial teórico da Morfologia Distribuída, abordaremos os marcadores *-ga* e *-wa* como Itens de Vocabulário que são inseridos para indicar o DP foco e o DP tópico da sentença.

As formas morfológicas do marcador *-ga* e do marcador *-wa* são subespecificadas, e podem realizar várias informações gramaticais, como a marcação de caso estrutural e os traços morfossintáticos e semânticos de exaustividade, contrastividade, referencialidade e definitude dos DPs. Além da identificação desses traços morfossintático-semânticos, serão analisados alguns fenômenos específicos como a marcação do objeto nominativo e a alternância entre o marcador de genitivo e o marcador de nominativo nos DPs focalizados.

¹⁰ A obra de Kuno (1973) foi escolhida por ser um texto clássico dos estudos de língua japonesa e por apresentar uma descrição detalhada do fenômeno em estudo.



CAPÍTULO 3 – CASO ABSTRATO E CASO MORFOLÓGICO

3.1 Uma retrospectiva sobre a noção de caso

A tradição gramatical associa caso a certas marcas afixadas às palavras, o chamado caso morfológico. Esta noção se aplica diretamente a línguas com um paradigma casual morfológicamente rico, como o latim, o russo, o finlandês e o japonês, havendo para cada caso um afixo específico. Nesta visão, para cada sintagma marcado com um caso é associada uma determinada função sintática.

A Gramática de casos (Fillmore, 1968), de certa forma, veio romper com esta tradição que associa caso a função sintática. Passou-se a associar caso a noções semânticas como agente, paciente, tema, experienciador. Desta forma, o caso perdeu seu estatuto de entidade mórfica associada a funções gramaticais e ganhou estatuto de noção semântica, central para a Gramática de casos.

Fillmore (1968) objetivou predizer quais papéis semânticos estão associados a quais funções sintáticas. Assim, formulou hierarquias que procuravam estabelecer, dentre um conjunto de casos semânticos dados, quais os que tinham precedência para aparecer como o sujeito da sentença. Observe-se o exemplo a seguir:

- (1) a. Maria abriu a porta com a chave.
- b. A chave abriu a porta.
- c. A porta abriu.

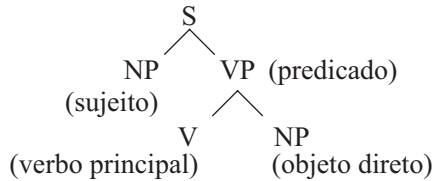
Nesse contexto em que há um conjunto de casos semânticos (*Maria* representa o agente; *a porta* é o tema; e *a chave*, o instrumento) associados ao predicado *abrir*, o primeiro na hierarquia habilitado para ser o sujeito é o agente, o segundo é o instrumento e o último é o tema.

Segundo Butt (2006), o clássico artigo de Fillmore (1968), *The case for case*, situou-se entre as vibrantes discussões em torno do surgimento da GGT - Gramática Transformacional (Chomsky 1965, *apud* Butt, 2006)¹¹. Chomsky apresenta uma definição estrutural das relações gramaticais “sujeito de” e “objeto direto de”, como a seguir:

¹¹ CHOMSKY, N. (1965). *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge: MIT Press.

- (2) i. Sujeito-de: [NP, S]
 ii. Predicado-de: [VP, S]
 iii. Objeto-Direto-de: [NP, VP]
 iv. Verbo-Principal-de: [V, VP]

(3)



Nessa categorização estrutural básica não havia menção ao caso, nem um espaço na árvore para o objeto indireto (posteriormente acomodado pela *extra VP layer*; conforme Larson, 1988).

Chomsky (1965) assume que a marca de caso deveria ser atribuída no nível da realização fonológica, não reconhecendo um papel significativo para o caso morfológico na constituição estrutural de uma língua.

Fillmore (1968) acreditou apresentar uma abordagem alternativa à GGT; no entanto, sua Gramática de caso apresentou uma persuasão teórica independente, que compartilhava algumas idéias fundamentais com a *Dependency Grammar* de Tesnière (1959, *apud* Butt, 2006).

Fillmore propôs uma releitura para a noção de *deep structure* em que as relações sintáticas subjacentes eram codificadas de forma distinta das noções de “objeto de” e “sujeito de”, e também distinta da noção de realização aberta de caso. Uma das idéias fundamentais era que os papéis do caso deveriam ser reconhecidos como uma das bases universais comuns das línguas, ou seja, que de alguma forma o caso desempenharia um papel em todas as línguas. A forma relevante do caso não é sua manifestação aberta por meio de algum tipo de marcação morfológica na sentença, mas uma noção mais abstrata.

O autor argumenta que as relações de caso necessárias para uma análise aplicável às línguas naturais incluiria pelo menos os casos semân-

ticos a seguir (Fillmore, 1968, p.24-25)¹²:

- (4) **Agentivo(A)**: O caso do desencadeador (tipicamente animado) da ação indicada pelo verbo.
Instrumental (I): O caso da força inanimada ou objeto envolvido de maneira causal na ação ou no estado indicado pelo verbo.
Dativo (D): O caso do ser animado afetado pelo estado ou pela ação indicada pelo verbo.
Factitivo (F): O caso do objeto ou ser resultante da ação ou estado identificado pelo verbo, ou entendido como parte do significado do verbo.
Locativo (L): O caso que identifica o lugar ou a orientação espacial do estado ou ação identificada pelo verbo.
Objetivo (O): O caso mais neutro semanticamente, o caso de qualquer coisa representável por um nome cujo papel na ação ou estado indicado pelo verbo é identificado pela interpretação semântica do verbo em si; conceitualmente o conceito deveria ser limitado a coisas que são afetadas pela ação ou estado indicado pelo verbo. O termo não deve ser confundido com a noção de objeto direto, nem com o nome do caso de superfície sinônimo a acusativo.

A parte básica de uma sentença seria constituída de uma proposição P que contém um conjunto de relações sem marcação de tempo¹³ envolvendo verbos e nomes. Estas seriam as relações de caso (C), como apresentado na fórmula:

¹² *Agentive (A)*: The case of the typically animate perceived instigator of the action identified by the verb.

Instrumental (I): The case of inanimate force or object causally involved in the action or state identified by the verb.

Dative (D): The case of the animate being affected by the state or action identified by the verb.

Factitive (F): The case of the object or being resulting from the action or state identified by the verb, or understood as part of the meaning of the verb.

Locative (L): The case which identifies the location or spacial orientation of the state or action identified by the verb.

Objective (O): The semantically most neutral case, the case of anything representable by a noun whose role in the action or state identified by the verb is identified by the semantic interpretation of the verb itself; conceivably the concept should be limited to things which are affected by the action or state identified by the verb. The term is not to be confused with the notion of direct object, nor with the name of the surface case synonymous with accusative.

¹³ A expressão original é *tenseless set of relationships*.

$$(5) \quad P + V + C_1 + \dots + C_n$$

A partir da fórmula básica, seria previsível que as línguas tivessem conjuntos de fórmulas, que corresponderiam aos tipos básicos de sentenças. Assim, segundo Fillmore, uma oração intransitiva seria constituída por um verbo e uma relação de caso agentivo ou objetivo.

Seguem alguns exemplos de Fillmore (1968, p.25):

(6)	V + A	(intransitive, active subject)
	V + O	(intransitive, inactive subject)
	V + O + A	(transitive)
	V + O + D + A	(ditransitive)

A ideia de Fillmore era que a *deep structure* corresponderia a uma estrutura de superfície por meio de uma série de transformações do tipo disponível na GGT.

Segundo Butt (2006), Chomsky (1965) adota a noção de *deep structure*, mas argumenta que uma integração das noções de O, A, D ou Sujeito na estrutura categorial de uma árvore seria um erro. As árvores sintáticas deveriam manipular objetos sintáticos como NP (*noun phrases*) e VP (*verb phrases*), mas não noções funcionais como agentivo e sujeito.

Assim, a proposta de uma Gramática do caso como a de Fillmore como uma variante da GGT não foi aceita; no entanto, a noção de *deep structure* que licencia certos papéis temáticos ou semânticos (*thematic roles*) tornou-se uma parte integrante da teoria linguística chomskiana.

Na obra *Lectures on Government and Binding* (LGB), Chomsky (1981) apresenta um tratamento modular para abordar o que ele vai chamar de Caso¹⁴. Nessa obra o autor busca estabelecer as condições estruturais que permitam a ocorrência de um DP, ou seja, as condições para o seu licenciamento. São propostas duas condições, cada uma estabelecida em um módulo autônomo da gramática: o DP deve ter um Caso e também um papel temático. Embora essas duas condições estivessem presentes, de uma forma ou de outra, em tratamentos anteriores, é em LGB que serão concebidas em módulos autônomos, com uma caracterização precisa sobre o seu papel na sintaxe.

A Teoria temática regula a atribuição dos papéis temáticos, que corresponde ao que a Gramática de casos chamou de caso (caso semântico). É a Teoria do Caso que regula a atribuição de Caso dos DPs na sentença.

¹⁴ Chomsky (1981) cita o trabalho seminal de Rouveret e Vergnaud e a noção de filtro do Caso.

Esta noção de Caso, que não deve ser confundida com caso semântico nem com caso morfológico, corresponde a uma condição universal de licenciamento dos DPs na sentença, uma condição que deve ser observada em todas as línguas naturais. Assim, mesmo que uma língua não tenha marcas morfológicas de caso, assume-se que ela manifesta Caso de alguma maneira. É o que se entende por Caso Abstrato. Essa categoria engloba o caso morfológico como uma das formas da sua manifestação, e exclui a noção de caso semântico.

Os dois módulos, Teoria temática e Teoria do Caso, vão interagir para licenciar um DP. Este precisa ser interpretado tematicamente, e só é visível para a interpretação temática se for marcado por um Caso.

A Teoria do Caso regula a atribuição de Caso abstrato. Estabelece os Casos, os atribuidores e os receptores. Para as línguas acusativo-nominativas, em geral são três os Casos pertinentes: nominativo, acusativo e oblíquo.

Segundo Chomsky (1986), o nominativo é atribuído pela categoria funcional I (que contém [+ tempo] e [+ concordância]) ao seu especificador. Assim, atribui-se o nominativo por concordância, na configuração Spec-núcleo.

Os outros dois Casos, acusativo e oblíquo, são atribuídos pelas categorias lexicais [-N], sob regência. O acusativo é atribuído por um verbo transitivo ao seu complemento, e o oblíquo é atribuído ao seu complemento por uma preposição. Esses são os Casos ditos estruturais porque dependem crucialmente da configuração sintática para se realizarem.

3.2 Caso Abstrato e caso Morfológico

Como mencionado na seção anterior, a Teoria do Caso (Chomsky, 1981) é uma teoria sobre a atribuição de traços de Caso abstrato a sintagmas nominais em posições definidas estruturalmente, e sobre sua realização morfológica¹⁵. Essa realização ocorre em algumas línguas, mas não em todas.

Segundo Sigurdsson (2003), todas as línguas têm acesso ao mesmo conjunto de casos profundos (ou seja, abstratos). O caso morfológico é um expoente de PF (*Phonological Form*) que basicamente tem uma função distintiva (como outros elementos de PF) e não a função de “fazer

¹⁵ A realização morfológica do Caso é considerada pela teoria, mas Chomsky não dedica uma atenção específica para esse tema.

sentido”. O Caso é emparelhado¹⁶ internamente a vP, com os DPs se tornando visíveis ao movimento para fora do vP com o propósito de emparelhar outros traços além do Caso, principalmente Pessoa.

Pesquisas de Nichols (1992, pág. 90) indicam que aproximadamente 45% das línguas do mundo são sem caso realizado morfológicamente, enquanto cerca de 50% poderiam ser línguas com caso. O restante seriam línguas de caso-pobre, do tipo do inglês ou francês (i.e. com marcação aberta de caso apenas nos pronomes). O chinês é provavelmente a língua sem caso mais conhecida¹⁷.

Sigurdsson (2003) questiona se é significativo classificar as línguas pelo caso somente num sentido não-morfológico ou abstrato. E apresenta três abordagens possíveis:

1ª. A ABORDAGEM MORFOLÓGICA

A noção de caso é puramente morfológica; assim, DPs plenos no inglês e todos os DPs no chinês são sem-caso, enquanto que os pronomes no inglês têm caso.

2ª. A ABORDAGEM ESPECÍFICA PARA A LÍNGUA

Uma língua pode ou não ter um sistema de caso. Assim, todos os DPs em inglês têm caso, abertamente ou não, enquanto o caso é ausente no chinês.

3ª. A ABORDAGEM UNIVERSAL

DPs são universalmente marcados com Caso, pelo menos abstratamente.

As abordagens morfológica e universal não são mutuamente exclusivas. Sigurdsson afirma que se pode conceber o Caso abstrato como uma característica ou fenômeno universal (como em Chomsky 1981, 1995, 2000, 2001a) e, também, como um pré-requisito da marcação de caso morfológico estrutural em línguas que têm tal marcação.

A abordagem universal para Caso conduz a um entendimento que é muito diferente das concepções de caso mais tradicionais. Em particular, concebe o caso morfológico como um expoente de PF, enquanto o Caso abstrato é “radicalmente abstrato” no sentido de que é um fenômeno da sintaxe estrita, que não é necessariamente refletido ou expresso em PF.

Isso significa que um único e mesmo Caso profundo pode ter mui-

¹⁶ Nesta tese, vamos traduzir a expressão *matched* como emparelhado.

¹⁷ cf. LI, C.; THOMPSON, S. (1990). *Chinese. The Major Languages of the World*, ed. Bernard Comrie, 811-833. Oxford: Oxford University Press.

tos expoentes de superfície, e também que um único e mesmo caso morfológico pode ser expoente de muitos Casos profundos. Assim, os Casos se relacionam com significado e estrutura de modo semelhante aos morfemas gramaticais: um morfema como o *-s* do inglês, por exemplo, se relaciona a significado e estrutura, mas ele não se relaciona exclusivamente com um único significado ou com uma única estrutura.

A visão universal de língua desenvolvida por Chomsky (2000, 2001a, 2001b) muda profundamente nossa concepção da relação entre a forma física da língua (PF em línguas faladas, “Sign Forms” em línguas de sinais) e seu sistema mental subjacente (LF ou sintaxe estrita). Conforme Sigurdsson (2003), dado que a língua é basicamente uniforme (o Princípio da Uniformidade de Chomsky 2001a, p.2), PF é arbitrária não somente entre línguas diversas, mas também internamente à língua.

Por um lado, a língua é auto-suficiente, i.e., traços e categorias estão normalmente presentes numa estrutura particular sem serem expressas em PF. Um exemplo disso é o Tempo em contextos morfológicamente não flexionados e outro exemplo é o de argumentos nulos em línguas não-flexionais como o chinês.

Por outro lado, a língua pode ser também muito redundante, tolerando uma quantidade considerável de variação morfológica que não tem função linguística, embora se possa argumentar que tenha alguma função social (principalmente aquela de sinalizar que alguém pertence a um certo grupo étnico/social). Classes flexionais arbitrárias são um exemplo. Assim, a subdivisão dos nomes em islandês em 27 classes flexionais, de acordo com a análise de Svavarsdóttir (1993, *apud* Sigurdsson 2003), não tem em sua maior parte qualquer função semântica ou linguística.

Em relação ao japonês, o marcador de nominativo *-ga*, além de marcar o Caso nominativo estrutural, apresenta funções discursivas, como a de sinalizar os traços de exaustividade e contrastividade, como descreveremos no capítulo 6.

3.3 Caso inerente

O que são os Casos inerentes universais? Uma das mais conhecidas tentativas de resposta para esta questão é de Fillmore (1968). Dada uma visão universalista, está claro que os casos morfológicos inerentes tradicionais, tal como o Dativo, Genitivo e outros, não estão entre os casos profundos universais, pois estes têm múltiplas funções, variando não somente entre línguas distintas, mas também internamente a uma língua natural.

Chomsky (2002, p.113) apresenta o seu conceito de Caso:

So, the inherent Cases, the ones which are semantically associated, are really not an imperfection: they are marking a semantic relation the interpreter has to know about (like plurality on nouns). On the other hand, why do we have Nominative and Accusative (or Ergative and Absolutive), what are they doing? They are not interpreted: nouns are interpreted exactly the same way whether they are Nominative or Accusative, and that is like inflectional features on adjectives or verbs: it looks as though they shouldn't be there... [but] they are there as perhaps an optimal method of implementing something else that must be there, namely dislocation.

Assim, diferentemente dos Casos inerentes, os Casos estruturais como o nominativo e o acusativo não seriam interpretados, mas sua presença na sintaxe estrita seria justificada como um método ótimo para implementar o deslocamento de DPs, por exemplo.

Os Casos inerentes universais, por definição, devem ser constantes entre as línguas, o que significa que devem ser puramente semânticos em natureza. Assim, a lista que se segue (Sigurdsson, 2003, p. 228) estaria entre, *a priori*, os plausíveis candidatos (e alguns deles certamente estão entre os casos profundos de Fillmore):

- | | | |
|-------|-------------------------|--|
| (7) | a. The experiencer Case | (dative in many languages) |
| | b. The recipient Case | (dative in many languages) |
| | c. The possessor Case | (genitive in many languages) |
| | d. The partitive Case | (genitive or partitive in many languages) |
| | e. The instrument Case | (instrumental or dative in many languages) |

Sigurdsson (2003) segue estritamente Fillmore no entendimento da noção de Caso profundo (terminologia utilizada para designar os Casos abstratos), assumindo que os Casos profundos inerentes são reflexos diretos de (ou mesmo equivalentes a) papéis temáticos e relações locais. No entanto, a marcação de caso morfológico em muitas línguas é sensível a uma série de vários fatores, como o aspecto mais proeminente, modo e tempo, e ainda outros, tais como variação lexical, variação de estilo e a negação.

Mesmo que muito desta variação de Caso seja semântica em natureza, Sigurdsson a distingue consistentemente da variação de Caso que reflete os Casos profundos.

Dada a visão universalista de língua de Chomsky (2000, 2001 a), Sigurdsson considera a correlação geral entre o conjunto de Casos inerentes universais e seus expoentes nas diversas línguas, e assume que todo o conjunto de Casos profundos universais está presente em todas as línguas. No entanto, como bem visto pelas línguas sem caso do tipo do chinês, os Casos profundos não precisam ser de modo algum abertamente expressos, pelo menos não morfológica ou lexicalmente.

Os Casos profundos não são diferentes, por exemplo, de traços de tempo e aspecto que estão presentes (em LF ou na sintaxe estrita) em todas as línguas, mas são expressos abertamente (ou não) de maneiras muito diferentes nas diversas línguas naturais (Cinque ,1999 e outros).

Sigurdsson também defende que Casos profundos diferentes podem ter alguns expoentes comuns, apesar de não ser comum; e que um único e mesmo Caso profundo pode ter vários expoentes, isto é, existe uma correlação de muitos-para-muitos entre Casos profundos e casos morfológicos. Essas generalizações poderiam se aplicar mesmo internamente a uma única língua, como mostra o autor com os exemplos que se seguem.

Os casos morfológicos inerentes têm tipicamente múltiplos significados ou funções. Assim, por exemplo, o Dativo islandês é utilizado com nove funções ou formas, como as listadas a seguir (Sigurdsson, 2003, p.230) :

- | | | |
|-----|--------------------------|---|
| (8) | a. Subjects | (e.g. ‘ me feels good’ = ‘I feel good’) |
| | b. Indirect objects | (e.g. ‘she gave me the book’) |
| | c. Direct objects | (e.g. ‘she invited me ’) |
| | d. Free benefactives | (e.g. ‘she wrote me a poem’) |
| | e. Possessors | (e.g. ‘she looked into eyes me ’ = ‘my eyes’) |
| | f. Prepositional objects | (e.g. ‘she stayed by me ’) |
| | g. Objects of adjectives | (e.g. ‘she was me nice’ = ‘nice to me’) |
| | h. Instrumentals | (e.g. ‘she stuck him a knife ’ = ‘with a knife’) |
| | i. Other adverbials | (e.g. ‘she was me older’ = ‘older than me’) |

O islandês tem quatro casos morfológicos: nominativo, acusativo, dativo e genitivo. O nominativo é o caso canônico dos sujeitos, NPs predicados, DPs isolados ou externos à oração; o acusativo é o caso canônico dos objetos verbais; o dativo é o caso canônico dos objetos indiretos e dos objetos preposicionais; e o genitivo é o caso canônico dos possessivos adnominais. Estas são apenas as funções mais centrais e típicas dos casos em islandês.

Nesta tese estudaremos um dos Casos inerentes do japonês: o Genitivo, tema do capítulo 9.

CAPÍTULO 4 - A MARCAÇÃO MORFOLÓGICA DA REFERENCIALIDADE, DA DEFINITUDE E DA ESPECIFICIDADE NO JAPONÊS E OS JUÍZOS CATEGÓRICO E TÉTICO

Neste capítulo o objetivo é discutir a interação entre a marcação de Caso nominativo *-ga*, a marcação de tópico *-wa* e os traços de identificação dos DPs em japonês, isto é, as categorias de referencialidade e definitude, marcadas sintaticamente e realizadas morfologicamente. Faremos, também, a relação entre essas categorias e a noção de juízos categórico e tético das sentenças em japonês (Kuroda 1972).

1.1 A atribuição de Caso e as marcas morfológicas *-ga* e *-wa*

Como a atribuição de Caso pode ser estrutural ou inerente, primeiramente retomamos brevemente esses conceitos, a fim de explicitar sua relação com os traços morfossintático-semânticos da referencialidade, da definitude e da especificidade.

Assumimos, seguindo Chomsky (1981,1995), que todos os DPs têm Caso a eles atribuído pelo menos abstratamente.

Segundo Sigurdsson (2003), o Caso é a relação entre o DP e seus arredores sintáticos, e esta relação pode ser semanticamente associada ou não. Caso semanticamente associado é o Caso inerente, enquanto o não associado semanticamente é o Caso estrutural. Tanto o Caso estrutural como o inerente podem, mas não precisam, ser refletidos por um caso morfológico.

As diversas línguas utilizam diferentes meios para a marcação de Caso na superfície da sentença: (i) marcação dos DPs (argumentos ou adjuntos); (ii) marcação nos verbos ou outros predicadores, por meio da flexão de concordância com os argumentos; (iii) marcação refletida em uma ordem específica dos constituintes na sentença; é possível também a combinação desses meios.

Sobre a relação entre Casos abstratos e casos morfológicos, os estudos de Sigurdsson (2003) mostram a existência de uma flexibilidade nas línguas naturais. Com base em dados do islandês, o autor mostra que o mesmo Caso abstrato pode ter várias realizações fonológicas, e que uma forma casual morfológica pode servir como realização para diversos Casos abstratos.

Sigurðsson apresenta exemplos do islandês que nos auxiliam a analisar o fenômeno do caso nominativo múltiplo em japonês quanto a: ocorrências de sujeito padrão nominativo; DP focalizado, que é marcado por *-ga*; objeto nominativo; e a alternância genitivo/nominativo. Essa análise também colabora para a explicitação do emprego do item de vocabulário *-wa* como tópico da predicação da sentença ou como tópico contrastivo.

Segundo a tradição gerativista, o Caso abstrato pode apresentar propriedades sintáticas e semânticas, e se subdivide em Casos estruturais e Casos inerentes¹⁸.

Os Casos estruturais dizem respeito à sintaxe e expressam funções gramaticais como a de sujeito e a de objetos. É denominado Caso estrutural porque é atribuído a um DP com base em uma determinada configuração sintática. Em contrapartida, Sigurðsson reforça que Casos inerentes são considerados reflexos diretos dos papéis temáticos (Fillmore, 1968). Por exemplo, casos oblíquos como Dativo ou Instrumental refletem os papéis temáticos de um DP, atribuídos por um item lexical na estrutura D.

Sigurðsson (2003) discute a correlação entre os conjuntos de Casos universais inerentes e os seus expoentes, ou seja, suas realizações nas línguas naturais. Os Casos abstratos não diferem de traços como o de tempo ou o de aspecto, supostamente presentes em todas as línguas, mas são expressos abertamente de formas diversas, mesmo em línguas correlatas.

Vários trabalhos e discussões surgiram em consequência da ideia de Chomsky (1981) em que Caso é um traço universal das línguas. Em relação aos Casos inerentes, nas línguas que marcam morfologicamente o caso, além do papel temático do argumento, outras informações de natureza semântica são marcadas, como aspecto, modo, tempo verbal, negação, variação léxica e estilo.

Com relação aos casos morfológicos no japonês, eles indicam relações semânticas com traços como a referencialidade e a definitude sobre o DP marcado morfologicamente com *-wa* tópico e com *-ga* nominativo.

Negrão e Viotti (2005) afirmam que a distinção entre Casos estruturais e inerentes acarreta vários problemas. Ao comparar suas propriedades, defendem que as diferenças entre os dois tipos de Casos podem ser insuficientes para justificar uma distinção tão rígida como a proposta pela teoria gerativista. Afirmam que é fundamental um mapeamento detalhado

¹⁸ Tema abordado no capítulo 3, seção 3.2.

das interpretações semânticas específicas para determinar a relação entre o sistema computacional e sua interface com outros sistemas cognitivos externos à faculdade da linguagem.

As autoras adotam a ideia de Chomsky (2002) de que há uma distribuição complementar entre a explicitação de propriedades temáticas, que elas associam ao Caso, e a explicitação de propriedades informacionais, relacionadas à propriedade de deslocamento de seus constituintes. Para elas, além de o Nominativo e o Acusativo mapearem o argumento sujeito e o argumento objeto de um predicador, esses Casos permitem a interpretação dos diferentes papéis semânticos associados a esses argumentos, além da indicação de outras funções semânticas. Isso pode ser exemplificado em japonês com a alternância genitivo/nominativo no DP genitivo focalizado na periferia esquerda da sentença. Quando esse DP genitivo não está focalizado, a marcação morfológica do nominativo é agramatical.

Outro fenômeno do japonês ocorre com a partícula de Caso nominativo *-ga* e a partícula de tópico *-wa*. Quando afixadas ao DP sujeito, indicam a entidade participante do evento, sujeito da predicação. Enquanto *-ga* introduz o DP sujeito no discurso, *-wa* acompanha o DP sujeito já referido anteriormente e por isso marcado com o valor positivo para os traços de definitude e de informação pressuposta discursivamente. Essa distinção é tema do capítulo 7.

O tratamento do Caso na teoria chomskiana concebe o caso morfológico como uma manifestação de PF (Forma Fonológica) e trata o Caso abstrato como um fenômeno da sintaxe que não é necessariamente expresso ou refletido em PF. No entanto, parece claro que não pode haver conflito de informações.

Caso inerente e Caso estrutural são Casos abstratos e, ao se realizarem morfológicamente em japonês, têm significados e funções múltiplas. O marcador de nominativo *-ga* indica o sujeito (focalizado ou não) e também o DP genitivo focalizado (contrastivamente). O DP objeto é marcado com *-ga* nominativo quando o predicado é estativo, mas nos contextos de outros predicados, como o transitivo, por exemplo, o objeto é marcado canonicamente com o *-o* acusativo.

Na próxima seção, apresentaremos os conceitos de referencialidade, definitude e especificidade, seu tratamento como categorias universais e como traços semânticos que se realizam morfológicamente na superfície da sentença. Investigaremos também o marcador de caso nominativo *-ga* e o marcador de tópico *-wa*, verificando quais os traços de referencialidade e definitude que esses marcadores trazem consigo.

4.2 Definitude

A definitude expressa nas línguas naturais não é exclusiva apenas dos artigos¹⁹ definidos, mas há uma gama de fatores sintáticos e semânticos que podem resultar na leitura definida de um DP. Uma das evidências encontra-se em línguas como o japonês e o finlandês, que não possuem artigos, mas que apresentam vários recursos morfossintáticos para expressar ou induzir o efeito de definitude.

O estatuto da definitude como categoria universal nos leva a examinar a variedade de outros recursos, empregados em línguas como o japonês e o finlandês, para expressar a definitude nas sentenças. E também deve-se averiguar como esses recursos funcionam, sua relação com a marcação de caso morfológico, e se o traço [+definido] marcado nessas línguas é idêntico ao expresso pelos artigos em línguas como o português.

Para Chesterman (1991), a definitude não é uma noção semântica primitiva, mas é composta de um número de oposições. Para esse autor ‘definido’ e ‘indefinido’ não são opostos polares, mas conceitos qualitativamente diferentes, ou seja, recebem o tratamento de um fenômeno de escala.

A noção de divisibilidade, segundo Chesterman (1991), é uma categoria importante para o conceito de definitude. Todos os DPs do finlandês são divisíveis ou não-divisíveis. Os não-divisíveis são os que se referem a uma unidade, que pode ser multiplicada, mas não dividida, como o nome singular *poika* (menino), ou os nomes próprios singulares. O nome divisível tem o referente conceitualmente divisível. E somente os DPs divisíveis podem expressar a distinção entre quantidade total e parcial, ou seja, expressar a quantidade parcial por meio do caso partitivo.

Para explicitar o estatuto da definitude em islandês, o autor lista (Chesterman 1991):

- (i) Para sujeitos, a marcação do caso nominativo resulta na leitura definida, enquanto a atribuição do caso partitivo desencadeia a leitura genérica/indefinida.

- (1) a. Vieraat tulivat vastaan.
 Visitas-NOM chegar 3pl Pass contra
 As visitas chegaram para nos recepcionar.

¹⁹ Nas línguas naturais que apresentam artigos, eles fazem parte do grupo de determinantes dos nomes. No japonês, apesar da inexistência de artigos, a definitude é indicada por outros recursos lexicais como os demonstrativos, por exemplo, *kono hon* ‘esse livro’, ou por marcadores morfológicos como *-ga* e *-wa* que acompanham DPs.

- b. Vieraita tuli vastaan.
 Visitas-PART chegar 3pl Pass contra
 Visitas chegaram para nos recepcionar.
- (ii) Nominativo versus Genitivo para sujeitos de algumas construções e estruturas de participios: o Genitivo fornece a leitura definida e o Nominativo a indefinida.
- (2) a. Kirjeen piti tulla minulle.
 Carta-GEN deve chegar me
 A carta devia chegar para mim.
- b. Minulle piti tulla kirje.
 Me deve chegar carta-NOM
 Eu esperava receber uma carta.
- (iii) Acusativo versus Partitivo para objetos: o Acusativo fornece a leitura definida e o partitivo a indefinida.
- (3) a. Luin kirjat.
 Li livros-ACC
 Eu li os livros.
- b. Luin kirjoja.
 Li livros-PART
 Eu li livros/alguns livros.
- (iv) Ordem das palavras (principalmente o sujeito pré-verbal versus o pós-verbal): o Nominativo pré-verbal fornece a leitura definida e o pós-verbal, a leitura indefinida.
- (4) a. Ukko oli tuvassa.
 Velho-NOM estava cabana-INE
 O velho estava na cabana.
- b. Tuvassa oli ukko.
 Cabana-INE estava velho-NOM
 Na cabana havia um velho.
- (v) Palavras funcionais, que são pronomes usados como deter-

minantes, sempre fornecem a leitura definida: *se* (isto, este), *ne* (eles, aqueles), *joku* (algun, alguém), *yksi* (um), *eras* (um certo).

- (5) a. Se mies tuli.
 Este-NOM homem-NOM chegou
 O/este homem chegou.

Além dos contextos citados acima, existem outros fenômenos em finlandês que indicam a definitude, como o caso Elativo versus o Partitivo em algumas estruturas com quantificadores, a concordância de número depois do sujeito precedido pelo numeral cardinal, entre outros.

Em japonês existem as palavras funcionais, como os pronomes demonstrativos, que sempre fornecem a leitura definida:

- (6) Kono kaban wa atarashii desu.
 Esta pasta TÓP nova é
 A respeito desta pasta, é nova.

A noção de definitude também pode ser aplicada aos conceitos de tópico e foco em japonês. Conforme a literatura linguística, a sentença com tópico apresenta a estrutura tópico-comentário. O tópico é a informação compartilhada pelos interlocutores, logo, o tópico é um DP definido. No entanto, há também tópicos que são DPs genéricos, mas que identificam um referente no mundo, nomeando-o e também fornecendo ao interlocutor uma descrição, no contexto da enunciação particular, que permita distinguir o DP tópico de todos os outros indivíduos do universo do discurso.

- (7) Inu wa hoemasu.
 Cachorro TÓP late
 A respeito de cachorros, (eles) latem.

A sentença (7) afirma uma proposição genérica, i.e., uma proposição que diz alguma coisa não sobre um cachorro específico, ou sobre um grupo de cachorros, mas a referência se estende à classe dos cachorros como um todo. Essas proposições genéricas não são marcadas temporalmente.

Com relação ao foco, na estrutura foco-suposição, ele é a informação não-suposta da sentença. Nas respostas a sentenças interro-

gativas, o DP que substitui o constituinte WH é o foco de informação. E observamos em (8b) e (9b) que tanto DPs indefinidos quanto DPs definidos podem ser foco.

- (8) a. *Dono doobutsu ga hoemasu ka?*
 Qual animal NOM late interr.
 Qual animal late?
- b. *Inu ga hoemasu.*
 Cachorro NOM late
 [Cachorros]_F latem.
- (9) a. *Dono inu ga hoemasen desu ka?*
 Qual cachorro NOM late não interr.
 Qual cachorro não late?
- b. *Ano inu ga hoemasen desu.*
 Aquele cachorro NOM late não.
 [Aquele cachorro]_F não late.

Alguns trabalhos, como o de Milsark (1977), tratam do Efeito de Definitude (*Definiteness Effect*), afirmando que sentenças existenciais, como a que exemplificamos a seguir em (10a), normalmente excluem os DPs definidos. Frequentemente a possibilidade de um DP ocorrer nessa posição é considerada como um teste de definitude do DP.

- (10) a. *Bedo no ue ni akatyan ga/*wa imasu.*
 Cama GEN cima em bebê NOM/*TÓP há
 Há um bebê em cima da cama.
- b. *Akatyan wa ookii me o shite imasu.*
 bebê TÓP grande olho ACC está
 A respeito do bebê, (ele) está com os olhos bem abertos.

As sentenças em (10) exemplificam os traços de referencialidade e definitude sobre o DP sujeito em japonês. Como (10a) é uma sentença existencial, temos o DP sujeito *akatyan ga* ‘um bebê’ com leitura indefinida, sendo introduzido no discurso. O marcador morfológico *-ga* é que indica esses traços. Isto é confirmado pela agramaticalidade da marcação *-wa* de tópico, que atribui uma leitura definida ao DP *akatyan wa* ‘o

bebê'. (10b) traz o DP sujeito tópico já referido anteriormente no discurso (em 10a), e por isso o emprego de *-wa* é gramatical.

Ainda em relação à partícula *-ga*, os exemplos que Kuno (1973) apresenta e designa como descrições neutras²⁰, a princípio, correspondem a: i) sentenças apresentativas, em que um novo referente é introduzido no discurso, ii) descrição de cenários, ou iii) introdução de uma figura no cenário. Nesses contextos, observamos que o DP sujeito introduzido ou descrito é marcado com a partícula *-ga*, que tem como função introduzir referentes no discurso, sejam eles conhecidos ou não do ouvinte.

Em sentenças que são descrição de cenário, por exemplo, o DP-*ga* sujeito pode ser definido ou indefinido. Segundo Von Heusinger (2002) será definido se puder ser identificado pelo falante e pelo ouvinte, caso contrário será indefinido.

Observe-se nas sentenças em (11) que o DP sujeito *táxi* é marcado com *-ga* tanto nos contextos em que apresenta a leitura definida quanto nos contextos em que apresenta a leitura indefinida.

- (11a) João está na sacada e presencia uma batida.
Com o barulho, sua esposa chega à sacada e vê a cena.
E ele diz:
- Táxi *ga*/Ano táxi *ga* kuruma ni butsuketa.
Táxi NOM/ aquele táxi NOM carro em bateu
- O táxi /aquele táxi bateu no carro.
- (11b) João comenta com a esposa que Pedro comprou um táxi
e que estava feliz até ontem.
E complementa:
- (11b') - Pedro no táxi *ga* kuruma ni butsuketa.
Pedro GEN táxi NOM carro em bateu
- O táxi do Pedro bateu num carro.
- (11b'') - Táxi *ga* kuruma ni butsuketa.
Táxi NOM carro em bateu
- O táxi bateu num carro.

²⁰ A descrição dos empregos de *-ga* e *-wa* foi tratada no capítulo 2, seção 2.1.

- (11c) João estacionou em fila dupla e subiu ao apartamento para entregar uma encomenda à esposa. De repente ouviu um barulho de batida e corre para a sacada.

Desconsolado, João diz para a esposa:

- Táxi ga kuruma ni butsuketa.

Táxi NOM carro em bateu

- Um táxi bateu no carro.

- (11d) João está na sacada e presencia uma batida. Lá da cozinha sua esposa pergunta o que aconteceu. E João responde:

- Táxi ga kuruma ni butsuketa.

Táxi NOM carro em bateu

- Um táxi bateu num carro.

Nas sentenças (11a), (11b') e (11b'') o DP *táxi ga* apresenta leitura definida, pois tanto o falante (*João*) quanto o ouvinte (*sua esposa*) podem identificar o referente. Em (11c) e (11d) o DP *táxi ga* apresenta leitura indefinida no contexto em que a sentença declarativa *Táxi ga kuruma ni butsuketa* ocorre, porque nesses contextos apenas o falante identifica o referente.

4.3 Especificidade

Em analogia à categoria da referencialidade, que se aplica aos DPs definidos, a noção de especificidade foi introduzida aos DPs indefinidos.

Quine (1960, p.141 *apud* Yeghiazaryan 2005)²¹ exemplifica as propriedades referenciais dos DPs definidos:

- (12) John is looking for the dean.
 a. ..., whoever it might be. (Não-referencial)
 b. ..., namely, for Smith, who happens to be the dean.
 (Referencial)

Observe-se que o DP definido *the dean* se comporta de maneira diferente sob o escopo do verbo intencional *look for*. Uma ambiguidade

²¹ YEGHIAZARYAN, L. (2005). *Sobre a interação da marcação de caso e a definitude no armênio*. SP: USP. Dissertação de mestrado.

semelhante pode ser encontrada em DPs indefinidos. Fillmore (1967) denominou esse tipo de contraste de específico vs. não-específico.

- (13) John is looking for a pretty girl.
 a. ... Whoever he will meet, he will take her to the movies.
 (Não-específico)
 b. ... , namely Mary. (Específico)

Abaixo, outro exemplo (Fodor & Sag 1982 *apud* Yeghiazaryan 2005)²² apresenta esse contraste na leitura das expressões indefinidas:

- (14) A student in Syntax I cheated on the exam.
 a. His name is John.
 b. We are all trying to figure out who it was.

Na interpretação específica, o referente do DP indefinido *a student* ‘um estudante’ em (14a) é identificado pelo falante, diferentemente do que ocorre em (14b).

Apesar de a noção de especificidade ainda não apresentar uma definição uniforme, Von Heusinger (2002) menciona que ela é considerada uma propriedade dos DPs indefinidos. Os DPs definidos são empregados quando tanto o falante quanto o ouvinte podem identificar o referente; no caso do DP indefinido, o traço [+ específico] é usado quando somente o falante identifica o referente; e o traço [- específico] do DP indefinido indica que nem o falante nem o ouvinte podem identificar o referente, conforme quadro (15):

(15)

Referente identificado pelo	DP Definido	DP Indefinido Específico	DP Indefinido Não-específico
Falante	+	+	-
Ouvinte	+	-	-

Em línguas indo-europeias como o português, a marcação da definitude do DP ocorre por meio de recursos como o artigo; no entanto, a marcação do traço de especificidade ocorre empregando-se também outros recursos. Muitas línguas marcam a especificidade lexical ou morfológicamente.

²² YEGHIAZARYAN, L. (2005). *Sobre a interação da marcação de caso e a definitude no armênio*. SP: USP. Dissertação de mestrado.

Enç (1991) e Von Heusinger (2002) apresentam o exemplo do caso acusativo em turco e a respectiva marcação morfológica da especificidade.

Von Heusinger (2002) assume que as duas categorias semânticas, especificidade e definitude, são independentes uma da outra. A definitude expressa uma propriedade pragmática do discurso, a familiaridade, enquanto a especificidade espelha uma estrutura das relações referenciais mais afinada com os itens usados no discurso.

Tanto os DPs definidos como os indefinidos podem apresentar várias formas de referência. Vejam-se os exemplos de Prince (1981, p.231, apud VON HEUSINGER 2002)²³:

- (16) Modos de referência de DPs indefinidos
- | | |
|---|-------------|
| a. A body was found in the river yesterday. | Específico |
| b. A tiger has stripes. | Genérico |
| c. John is a plumber. | Predicativo |
| d. I never saw a two-headed-man
(não-específico) | Atributivo |
- (17) Modos de referência de DPs definidos
- | | |
|--|-------------|
| a. The body was found in the river yesterday. | Específico |
| b. The tiger has stripes. | Genérico |
| c. John is the president. | Predicativo |
| d. They'll never find the man that will please them. | Atributivo |

A especificidade afeta tanto DPs definidos quanto indefinidos. O DP com o traço [+ específico] indica que o item associado ao discurso é referencialmente ancorado a um outro item do discurso, logo, assume as propriedades de escopo de sua âncora, entre outras propriedades. Observe-se que o emprego do determinante (artigo definido ou indefinido) no DP é o recurso fundamental para a marcação do traço [+/- definido] em línguas como o inglês e o português. Em japonês a marcação ocorrerá por meio de outros recursos, como o emprego das marcas morfológicas *-wa* e *-ga*.

Quando o DP sujeito é genérico, será marcado com *-wa* tópico, conforme (18) e (19). Em línguas como o português o referente genérico pode se realizar como um DP definido ou como um DP indefinido.

²³ VON HEUSINGER, K. (2002). *Specificity and Definiteness in Sentence and Discourse Structure*. Journal of Semantics 19, 1-30, Oxford University Press.

- (18) Kujira wa honyuu-doobutsu desu.
 Baleia TOP mamífero é
 A respeito da baleia, é um mamífero.
 A respeito de baleias, são mamíferos.
- (19) Ame wa taisetsu desu.
 Chuva TOP importante é.
 A respeito da chuva, (ela) é importante.
 A respeito de chuva, é importante.

Em outro contexto, o mesmo DP ame ‘chuva’ pode ser marcado com *-ga* e apresentar a leitura [+definida,+específica], conforme (20).

- (20) Dois agricultores conversam sobre a chuva que está caindo no momento e que salva suas plantações. E um deles diz:
 - Ame ga /Kono ame ga taisetsu desu.
 Chuva NOM / essa chuva NOM importante é
 - A chuva / Essa chuva é importante!

O DP sujeito também será marcado com *-ga* quando no contexto sua leitura for [indefinida, +específica], i.e., quando o falante reconhece o referente, mas o ouvinte não, conforme (21) e (22):

- (21) Maria é professora e comenta com o esposo:
 - Aru seito ga tottemo kashikoi desu.
 existente aluno NOM muito inteligente é.

 Watashi no seito desu.
 Eu GEN aluno é
 - Um estudante é muito inteligente. É meu aluno.
- (22) João comenta com Lucia:
 - Otoko no hito ga shigoto o
 Masculino GEN pessoa NOM trabalho ACC

 sagashite imasu.
 procurando está
 - Um homem está procurando emprego.

E há também o contexto em que tanto o falante quanto o ouvinte

não identificam o referente, e o DP sujeito com os traços [indefinido, -específico] também será marcado com *-ga*, conforme o exemplo abaixo:

- (23) - Kyoushi ga konkuuru ni tootta. Dareka ga
 Professor NOM concurso em passou Quem NOM

shiritai.

queremos saber

- Um professor passou no concurso. Queremos saber quem é.

Segundo Enç (1991), para a relação especificidade versus definitude, tanto não-específicos quanto indefinidos exigem que seus referentes discursivos não tenham relação com referentes discursivos previamente estabelecidos. Por outro lado, assim como os definidos, os específicos também exigem que seus referentes discursivos sejam ligados a referentes previamente estabelecidos. A relação discursiva relevante para os definidos consiste em uma relação de identidade, enquanto para os específicos a relação importante é a de inclusão.

4.4 Juízo categórico e tético em japonês e as noções de referencialidade e definitude

Na língua japonesa, segundo Kuroda (1972, 1976), as estruturas gramaticais fornecem um bom suporte para sustentarmos a existência de dois tipos básicos de juízos humanos, podendo ser comparados à distinção lógica entre juízos categórico e tético. O autor classifica as sentenças do japonês como sendo de dois tipos, associando-as aos dois tipos de juízos.

Para Kuroda, há duas formas diferentes de julgamentos, uma com a estrutura sujeito-predicado e a outra sem. A característica de um julgamento categórico é que é expresso por uma sentença iniciada por um DP-*wa*, que representa o sujeito do julgamento. E uma sentença sem o DP-*wa* inicial expressa um julgamento tético. O autor (Kuroda 1972, p.154) exemplifica:

- (24) a. Inu ga hassite iru.
 Cachorro NOM correndo está
 O/um cachorro está correndo.

- b. Inu wa hassite iru.
 Cachorro TOP correndo está
 A respeito do cachorro, (ele) está correndo.

A sentença (24a) é empregada no contexto em que um falante de japonês presencia um cachorro correndo e descreve a cena para seu interlocutor. Em (24a), o juízo subjacente a essa declaração expressaria o reconhecimento, pelo falante, de um evento (o de correr), e o reconhecimento de um cachorro como o agente de correr, uma decorrência necessária da ação a que o evento remete.

Por outro lado, em (24b), o conteúdo total do juízo envolveria mais do que o simples reconhecimento de um evento juntamente com seus respectivos participantes. O interesse do falante estaria primeiramente direcionado à entidade que corresponde ao participante do evento, para após se estabelecer a relação entre o evento e a entidade em particular. A sentença (24b) é composta por duas etapas: (i) o reconhecimento e a apresentação da entidade como indivíduo e (ii) a associação do predicado à entidade.

DPs-*wa* seriam sujeitos no sentido lógico, o correlato na sintaxe de sujeitos categóricos. Para justificar essa afirmação, Kuroda diz que sintagmas-*wa* não podem ser semanticamente indefinidos, ou seja, não são usados pelo falante para referir-se a uma entidade não particularmente individualizada, ou sem identidade previamente estabelecida em sua mente. Os DPs-*wa* são usados quando o falante endereça seu interesse a uma entidade individual particularizada. Por definição (Kuroda 1969), sujeitos de juízos categóricos devem pressupor existência. Exemplificamos:

- (25) Maria conversa com uma amiga na sala, aponta para o seu gato e comenta:
- a. - Neko wa asoko de nemutte iru.
gato TOP lá dormindo está
- A respeito do gato, está dormindo lá.
- b. #- Neko ga asoko de nemutte iru.
gato NOM lá dormindo está
- Um gato está dormindo lá.

Os DPs específicos, segundo Kuroda (1972), podem ser subdivididos em definidos e indefinidos. Por outro lado, os genéricos não se inserem no grupo dos específicos. Para o autor a noção de especificidade está contida na de referencialidade²⁴, pois os DPs podem ser usados re-

²⁴ Nesta seção, em respeito à terminologia adotada por Kuroda, empregamos o termo ‘específico’; no entanto, como essa noção está contida na de referencialidade, nos demais capítulos da tese empregaremos o termo ‘referenciado’. Nesta tese adotamos a noção de definitude e especificidade de Enç (1991) e Von Heusinger (2002), tratada nas seções 4.2 e 4.3.

ferencialmente ou não-referencialmente. Um DP no uso referenciado se refere a alguma entidade individual específica ou a um grupo de entidades individuais (em um mundo real ou imaginário), o que não ocorre no uso não-referenciado.

Para o contexto apresentado em (25a), emprega-se o DP *Neko wa* ‘o gato TÓP’ porque ele está referenciado no discurso. A marca *-wa* atribui a leitura do traço [+definido] ao DP. O emprego da marcação de nominativo *-ga* seria inadequado nesse contexto porque *neko ga* ‘um gato’ apresenta o traço [-definido] e seria adequado em um contexto de sentença apresentativa.

Segundo Kuroda, a incompatibilidade entre a interpretação indefinida e DPs-*wa* deriva do fato de DPs-*wa* serem a expressão sintática de sujeitos de juízos categóricos em japonês. Esses sujeitos, devido à sua natureza pressuposicional, não podem ser interpretados como indefinidos. Assim, DPs-*wa* com interpretação indefinida são bloqueados, nos seguintes contextos (Kuroda, 1972, p.153-185):

- (a) Sentenças genéricas absolutas, com interpretação neutra, devem ter DPs-*wa* em posição inicial.
- (26) a. Cachorros latem. a’. Fido late.
 b. Inu wa (...) b’. Fido wa (...)
 c. *Inu ga (...) c’. * Fido ga (...)

Constituintes de sentenças genéricas são interpretados ou como genéricos, ou como definidos; porém, nunca como indefinidos. Como apenas DPs-*wa* nunca têm interpretação indefinida, então apenas DPs-*wa* podem ser constituintes de sentenças genéricas.

DPs específicos, na terminologia de Kuroda (1972), podem ser [+definido], ao contrário dos não-específicos, obrigatoriamente [-definido]. Se o traço [+específico] é o que envolve pressuposição de existência como condição necessária, logo apenas a DPs [+específico] [+definido] cabe a interpretação de sujeitos de juízos categóricos, os DPs-*wa* em japonês, que indicam o tópico da sentença. As sentenças com DPs [-específico] (e consequentemente [-definido]) são interpretadas como expressão de juízo tético.

- (b) As sentenças absolutas universais, consideradas por Kuroda como um caso especial de sentenças genéricas, também representam juízos categóricos. O autor denomina sentenças universais aquelas com sujeito universalmente quantificado interpretadas como sentenças genéricas.

- (27) Ningen wa mina shi o manugare nai
 homem TÓP todo morte ACC evitar não pode
 A respeito de todo homem, é mortal.

Kujira wa zenbu honyuu-doobutsu desu.
 Baleia TÓP toda mamífero é
 A respeito de todas as baleias, são mamíferos.

- (c) Sentenças genéricas absolutas com DPs-*ga* podem também ser gramaticais, desde que tais DPs sejam interpretados como focalizados²⁵.
- (28) a. São cachorros que latem.
 b. * Inu wa (...)
 c. Inu ga (...)

Ao sustentar que sentenças com DPs-*wa* em posição inicial no japonês representam juízos categóricos, Kuroda refere-se a um fato da gramática dessa língua: o tópico da sentença indica o sujeito do julgamento que a sentença representa.

Kato (1989) realiza um estudo sobre o sujeito anteposto e o sujeito posposto no português oral, classificado como uma língua de proeminência de tópico e de sujeito (Pontes1981), e estabelece um paralelo com o estatuto categorial e funcional do sujeito e do tópico no japonês.

Em sua discussão, a autora menciona que a distinção entre o *-wa* e o *-ga* parece dispensar duas funções gramaticais, podendo haver uma distinção apenas no nível da função textual: tópico e foco. Assim, quando uma língua dispõe de duas posições para o sujeito gramatical, como ocorre com o português, a topicalidade pode ser atribuída ao sujeito anteposto gramatical, em oposição ao sujeito posposto, que não teria essa função, mas sim a de foco da sentença, ou seja, de parte do predicado. Se a língua não dispõe dessas duas posições, como ocorre com o japonês, que é V-final, a diferença entre sujeito externo (topical) e sujeito interno (focal) é marcada através da morfologia casual.

Tópico e foco em japonês são o tema dos capítulos 6 e 7 desta tese.

²⁵ O DP-*ga* e a focalização é o tema do capítulo 6.

CAP 5 – A MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA E A SUBESPECIFICAÇÃO DOS ITENS DE VOCABULÁRIO

Neste capítulo apresentaremos os pressupostos teóricos que embasam a análise proposta nesta tese. O capítulo se organiza como se segue: na seção 5.1 apresentamos os pressupostos da Morfologia Distribuída; em 5.2 são delineadas as noções de léxico, Itens de Vocabulário e morfemas; nas demais seções apresentamos as operações morfológicas, os níveis de derivação, as três listas e a estrutura morfológica.

5.1 A Morfologia Distribuída como Quadro Teórico e Metodológico

Os princípios teóricos da Morfologia Distribuída (MD) foram introduzidos por Morris Halle e Alec Marantz no início dos anos 1990. Essa teoria se distingue de outras teorias morfológicas devido a três propriedades centrais: a Inserção Tardia (*Late Insertion*), a Subespecificação (*Underspecification*) e a Estrutura Sintática *Top-Down* (*Hierarchical Structure All the Way Down*), a serem explicitadas nesta seção.

Segundo o modelo da MD (Halle e Marantz, 1993), a sintaxe não manipula itens lexicais, mas gera estruturas pela combinação de traços morfossintáticos (por meio de *Move* e *Merge*²⁶) selecionados do inventário disponível, e sujeitos aos princípios e parâmetros que regem a combinação dos traços em feixes.

A Inserção Tardia se refere à hipótese de que a expressão fonológica dos terminais sintáticos sempre é fornecida no mapeamento da PF (*Phonological Form*). Assim, as categorias sintáticas são puramente abstratas, não tendo conteúdo fonológico. Somente depois da sintaxe as expressões fonológicas (denominadas Itens de Vocabulário) são inseridas pelo processo de *Spell-Out*. Observe-se que não há diferenciação pré-sintática entre dois nós terminais que tenham conteúdo de traços idêntico, apesar de após o *Spell-Out* eles poderem ser realizados por Itens de Vocabulário distintos.

A Subespecificação dos Itens de Vocabulário significa que as expressões fonológicas não precisam estar totalmente especificadas para as posições sintáticas onde elas podem ser inseridas. Assim, não há necessidade de os pedaços fonológicos (*phonological pieces*) de uma palavra fornecerem todos os traços morfossintáticos daquela palavra. Os Itens de

²⁶ Essas operações serão explicadas na seção 5.3.

Vocabulário são, em muitas circunstâncias, sinais²⁷ *default* inseridos em uma configuração para a qual nenhuma outra forma específica está disponível. Em outras palavras, os Itens de Vocabulário não estão obrigatoriamente associados a traços morfossintáticos completamente especificados; esses traços podem estar subespecificados. O que não pode haver é incompatibilidade de traços entre o nó sintático e o Item do Vocabulário.

Segundo a hipótese da Estrutura Sintática *Top-Down* (*Hierarchical Structure All the Way Down*), os elementos do interior da sintaxe e do interior da morfologia entram nos mesmos tipos de estruturas de constituinte (como as que podem ser diagramadas por meio de árvores binárias). A MD é *piece-based*, no sentido de que tanto os elementos da sintaxe quanto os da morfologia são compreendidos como constituintes discretos, e não como resultados de processos morfofonológicos.

Essa estrutura sintática *Top-Down* indica que os nós terminais nos quais os Itens de Vocabulário são inseridos estão estruturados hierarquicamente, de acordo com princípios e operações da sintaxe. Não existe um componente morfológico com regras distintas das regras sintáticas; ao contrário, montar uma palavra é fundamentalmente fazer sintaxe, porque os feixes de traços são manipulados seja na parte da derivação relacionada à construção da frase, seja na parte da derivação após *Spell-Out*, quando será necessário produzir certas operações sobre os conjuntos de traços nos nós terminais para que a inserção lexical possa ocorrer. Há um certo *continuum* entre a sintaxe e a morfologia.

5.2 A Noção de Léxico, os Itens de Vocabulário e os Morfemas

No quadro teórico da MD, não há um componente como o léxico no sentido familiar das versões anteriores da Gramática Gerativa. Segundo Halle e Marantz (1993), as funções atribuídas ao Léxico nas teorias predecessoras estão distribuídas entre vários componentes, ou seja, em 3 Listas separadas. A Lista 1 (na Figura de Harley e Noyer (1999) chamada de Lista A) contém as raízes (que talvez já sejam inseridas com conteúdo fonológico) e os traços morfossintáticos, também denominados Itens Lexicais, tais como [Determinante], [Plural], [+Passado]; a Lista 2 (chamada pelos autores citados de Lista B) contém os Itens de Vocabulário, isto é, traços fonológicos que estão associados a um feixe de traços morfossintáticos; e a Lista 3 (no diagrama chamada de Lista C) contém conhecimentos enciclopédicos não-linguísticos.

²⁷ Estamos traduzindo o original *signals* por “sinais”.

Segue o modelo de gramática da MD (Harley & Noyer 1999, p.2):

(1)

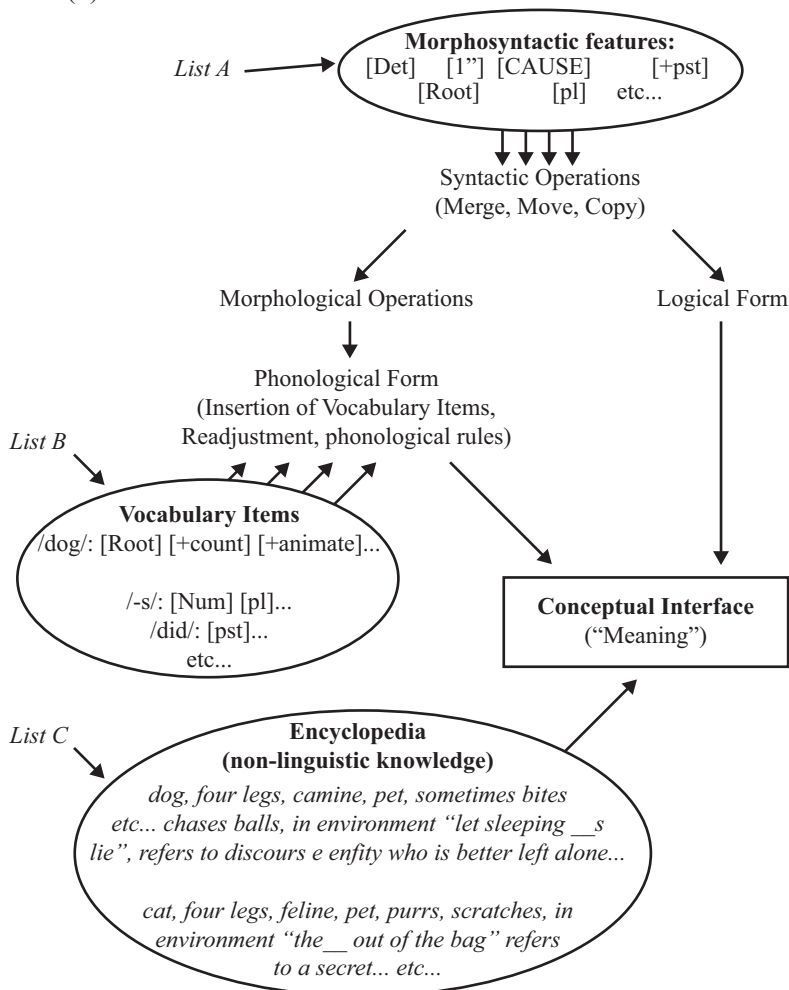


Figura 1: Modelo de Gramática da MD

Segundo a MD, a estrutura interna das expressões é produzida tanto na sintaxe quanto após a sintaxe, no componente morfológico, por meio de operações morfológicas. Devido à arquitetura *Top-Down* do modelo, o componente sintático produz uma representação cujos elementos terminais são traços morfossintáticos. A representação fornecida pela

computação sintática está sujeita a várias operações²⁸, que ocorrem entre os terminais sintáticos, com resultados que afetam a expressão de seus conteúdos. Toda a fonologia (exceção feita, talvez, às raízes) ocorre em um único módulo pós-sintático.

O termo “morfema” se refere a um nó terminal sintático ou morfológico e seu conteúdo de traços morfossintáticos (mas não fonológicos). Os morfemas são os átomos da representação morfossintática. O conteúdo de um morfema ativo na sintaxe compreende traços sintático-semânticos agrupados em feixes a partir do conjunto disponibilizado pela Gramática Universal.

Um Item de Vocabulário é a relação entre uma sequência fonológica e a informação sobre onde essa sequência pode ser inserida. Os itens de vocabulário fornecem o conjunto de sinais fonológicos disponíveis em um língua para expressar os morfemas abstratos. O conjunto de todos os Itens de Vocabulário é denominado Vocabulário.

Harley & Noyer (1998) classificam os morfemas em dois tipos básicos: morfemas-f e morfemas-l, que corresponderiam aproximadamente à divisão convencional entre categoria funcional e categoria lexical, ou categorias de classe fechada e de classe aberta.

Os morfemas-f apresentam um conteúdo (definido por traços sintáticos e semânticos disponibilizados pela Gramática Universal) suficiente para determinar uma única expressão fonológica. Isto significa que, no momento do *Spell-out*, em uma dada língua, há apenas uma opção de inserção vocabular.

Já para o morfema-l, se não se supõe que ele pode vir já da primeira lista com conteúdo fonológico, mas apenas com o lugar reservado para a inserção desse conteúdo, pode haver mais de uma escolha no momento do *Spell-out*, pois ele é preenchido por um Item de Vocabulário que pode denotar um conceito específico de uma língua.

Segundo Pesetsky (1995), as diferentes ‘partes do discurso’ podem ser definidas como um único morfema-l ou raiz, em certas relações locais com morfemas-f definidores de categoria. Cita-se o exemplo: um ‘nome’ ou uma ‘nominalização’ é uma raiz em que o morfema-f mais próximo que o c-comanda (ou seja, que é o seu licenciador) é um *n*, Determinante; um verbo é uma raiz e os morfemas-f que o c-comandam mais localmente são *v*, Aspecto e Tempo; sem Tempo tal raiz é apenas um ‘particípio’. Assim, o mesmo item de vocabulário pode aparecer em categorias morfológicas diferentes dependendo do contexto sintático em que aparece o morfema-l (ou raiz) do item.

²⁸ Essas operações serão explicitadas na seção 5.3.

5.3 As Operações Morfológicas

Durante sua derivação, uma dada expressão adquire pelo menos duas descrições estruturais. Na descrição morfofonológica, os pedaços fonológicos de uma expressão (seus Itens de Vocabulário) e sua estrutura de constituinte são apresentados. Na descrição morfossintática, apresentam-se os morfemas de uma expressão e sua estrutura constituinte, segundo Harley & Noyer 1999, p.13:

- (2) *The expression 'cows':*
Morphosyntactic description: [Root [+ plural]]
Morphophonological description: [kaw + z]

Vários mecanismos geram a estrutura morfossintática da expressão. Por meio de operações convencionais como a do movimento do núcleo, a Sintaxe desempenha o maior papel na construção das estruturas morfossintáticas. Adicionalmente, no componente pós-sintático, a MD aplica várias operações morfológicas.

Conforme Marantz (1991), morfemas como [passiva] ou [caso] que, a princípio, não figuram na sintaxe própria, podem ser inseridos após o componente sintático, mas antes de *Spell-out*. Embick (1997) denomina Morfemas Dissociados (*Dissociated morphemes*) a esses morfemas que refletem apenas indiretamente as estruturas sintáticas.

5.3.1 *Merger, Fusion, Impoverishment* e Fission²⁹

Marantz (1984) propõe o *Morphological Merger* como um princípio de boa formação entre níveis de representação na sintaxe. Posteriormente, Marantz (1988, p. 261) apresenta a seguinte generalização para *Merger*:

Morphological Merger. At any level of syntactic analysis (d-structure, s-structure, phonological structure), a relation between X and Y may be replaced by (expressed by) the affixation of the lexical head of X to the lexical head of Y.

Segundo Halle & Marantz (1993), o *Merger*, como um movimento de núcleo-para-núcleo, une nós terminais sob um nó categorial de nível zero (“*zero-level category node*”), mas mantém dois nós

²⁹ Mergir, Fusão, Empobrecimento e Fissão

terminais independentes sob esse nó categorial. A inserção vocabular posiciona dois Itens de Vocabulário separados sob o núcleo derivado, um para cada um dos nós terminais concatenados. O *Merger* geralmente une um núcleo com o núcleo do seu complemento XP. Desta forma, como no movimento de núcleo-para-núcleo, *Merger* forma uma nova palavra a partir de núcleos de sintagmas independentes. Esses núcleos independentes permanecem morfemas separados dentro da nova palavra derivada.

Fusion ou Fusão toma dois nós terminais que são irmãos sob um único nó categorial e funde-os em um único nó terminal. Assim, apenas um Item de Vocabulário pode ser inserido, um item que deve ter o conjunto ou um subconjunto de traços morfossintáticos do nó que sofreu a fusão, incluindo os traços de ambos os nós terminais de *input*. Um exemplo é o afixo que indica Número e Caso encontrado em muitas línguas indoeuropéias; tal afixo se torna um nó terminal que é o resultado da fusão dos nós independentes de Caso e Número.

Impoverishment ou Empobrecimento, primeiramente proposto em Bonet (1991), significa o processo de deletar traços morfossintáticos de morfemas em determinados contextos. Quando certos traços são deletados, a inserção de Itens de Vocabulário que exigem a presença daqueles traços para serem inseridos não pode ocorrer, e em seu lugar ocorre a inserção de um item menos especificado.

Segue o exemplo dos sufixos adjetivais em Norueguês (Sauerland 1995, *apud* Harley & Noyer 1999, p.16):

(3) *Adjectival suffixes in Norwegian*

STRONG	[-neuter]	[+ neuter]
[-pl]	^	- t
[+pl]	-e	-e
WEAK	[-neuter]	[+ neuter]
[-pl]	-e	-e
[+pl]	-e	-e

Em uma posição sintática ‘forte’, há três formas distintas possíveis para os sufixos adjetivais do Norueguês, e apenas uma forma na posição sintática ‘fraca’. O afixo *-e* é o *Elsewhere Affix* no contexto forte, e é a única forma que aparece no contexto fraco. A regra de empobrecimento se aplica na posição sintática fraca, deletando quaisquer valores dos traços de gênero, como a seguir:

- (4) Norwegian Vocabulary Items
- | | | |
|-----|---|-------------------------------|
| /t/ | ↔ | [__, -pl +neut] / Adj + ____ |
| ^ | ↔ | [__, -pl -neut] / Adj + ____ |
| /e/ | ↔ | elsewhere / Adj + ____ |

Adicionalmente às operações de *Impoverishment* e *Fusion*, a morfologia também emprega o dispositivo da Fissão, proposto por Noyer (1992).

A inserção vocabular geralmente é finalizada assim que o primeiro Item de Vocabulário que satisfaz a Condição do Subconjunto é inserido no morfema. No entanto, Noyer percebeu que esse procedimento não produzia resultados corretos em todos os casos, pois havia situações em que um único morfema podia corresponder a mais de um Item de Vocabulário.

Quando a fissão ocorre, a inserção vocabular não termina após o primeiro Item de Vocabulário inserido. Segundo Halle (1997), os Itens de Vocabulário são acrescidos ao irmão do morfema fissionado até que ocorra a inserção de todos os Itens de Vocabulário que possam ser inseridos, ou até que todos os traços do morfema tenham sido descarregados. Diz-se que um traço é descarregado quando a inserção de um Item de Vocabulário está condicionada à presença daquele traço.

Harley & Noyer (1999, p.18) apresentam o exemplo da conjugação prefixada do *Tamazight Berber*. O morfema AGR pode aparecer como um, dois ou três Itens de Vocabulário separados, e estes podem aparecer como prefixos ou como sufixos.

- (5) a. *Tamazight Berber Prefix Conjugation. Dawa 'cure'*
- | | <i>singular</i> | <i>plural</i> |
|----|-----------------|-------------------|
| 3m | <i>i-dawa</i> | <i>dawa-n</i> |
| 3f | <i>t-dawa</i> | <i>dawa-n-t</i> |
| 2m | <i>t-dawa-d</i> | <i>t-dawa-m</i> |
| 2f | <i>t-dawa-d</i> | <i>t-dawa-n-t</i> |
| 1 | <i>dawa-©</i> | <i>n-dawa</i> |

b. Vocabulary Items

- | | | |
|------|---|----------|
| /n-/ | ↔ | 1 pl |
| /-©/ | ↔ | 1 |
| /t-/ | ↔ | 2 |
| /t-/ | ↔ | 3 sg f |
| /-m/ | ↔ | pl m (2) |
| /i-/ | ↔ | sg m |
| /-d/ | ↔ | sg (2) |

/-n/	↔	pl
/-t/	↔	f

Na lista de Itens de Vocabulário em (5b), observe os traços entre parênteses. Esta notação indica que o respectivo Item de Vocabulário só pode ser inserido se o traço entre parênteses já tiver sido descarregado, ao passo que os traços que não estão entre parênteses não podem já ter sido descarregados se a inserção está para ocorrer. Por exemplo, *-m* pode ser inserido somente em um verbo para o qual *t- '2'* já tiver sido acrescido. Assim, os parênteses são utilizados para indicar traços que são secundariamente expressos por um Item de Vocabulário, enquanto os traços comuns – aqueles que o Item de Vocabulário expressa primariamente – não aparecem entre parênteses.

Os Itens de Vocabulário não estão em competição por uma única posição em um morfema fissionado, pois uma posição adicional é automaticamente disponibilizada sempre que um Item de Vocabulário do tipo relevante é inserido.

Segundo Harley & Noyer (1999), dois Itens de Vocabulário podem ser disjuntivos não por competirem pela mesma posição de exponência no morfema, mas por competirem pela descarga (*discharge*) do mesmo traço. Observe-se o exemplo da forma *n-dawa* ‘nós curamos’, em que há apenas um afixo: a inserção de *n- '1 pl'* impede a subsequente inserção de *-© '1'*, pois o mesmo traço já foi descarregado. Esse fenômeno é denominado *Discontinuous Bleeding*, uma espécie de esvaziamento descontínuo.

Com relação à Hierarquia de Traços, ela é fundamental para determinar a ordem em que os afixos serão adicionados. No exemplo *t-dawa-n-t* ‘você (fem pl) curam’ há três afixos, *t-*, *-n*, *-t*. Respeitando a hierarquia, *t- '2'* é adicionado primeiro, então *-n 'plural'*, e depois *-t 'feminino'*.

O objetivo desta seção foi apresentar e exemplificar as operações morfossintáticas como um princípio de boa formação entre níveis de representação (estrutura-D, estrutura-S e estrutura fonológica) na sintaxe.

5.4 O Spell-out e a Hierarquia de Traços

O *Spell-out*³⁰ insere Itens de Vocabulário (os pedaços fonológicos) nos morfemas. Essa inserção é diferente dependendo do tipo de morfema, se é um morfema-f ou um morfema-l.

³⁰ Esta noção de *spell-out* de Marantz é distinta da noção apresentada por Chomsky, abordada na seção 5.7.

O *Spell-out* envolve a associação de Itens de Vocabulário com morfemas abstratos, i. e., a inserção do vocabulário é estritamente a escolha fonológica para os traços morfossintáticos manipulados pelo sistema computacional durante a derivação sintática, atribuindo-lhe material fonológico. Essa operação é compreendida como cíclica, pois os morfemas encaixados mais profundamente são inseridos (*spelled-out*) primeiro.

No caso dos morfemas-f, os conjuntos de Itens de Vocabulário competem para a inserção, e Halle (1997:107) explica esse fenômeno por meio do Princípio do Subconjunto (*Subset Principle*):

Subset Principle. 'The phonological exponent of a Vocabulary Item is inserted into a morpheme... if the item matches all or a subset of the grammatical features specified in the terminal morpheme. Insertion does not take place if the Vocabulary Item contains features not present in the morpheme. Where several Vocabulary Items meet the conditions for insertion, the item matching the greatest number of features specified in the terminal morpheme must be chosen.'

Segue um exemplo de Sauerland (1995, *apud* Harley e Noyer 1999, p.10):

- (6) a. *Dutch strong adjectival desinences*
- | | | |
|--------|------------|------------|
| | [- neuter] | [+ neuter] |
| [- pl] | -e | ^ |
| [+pl] | -e | -e |
- b. Vocabulary Items
- | | | | |
|----|---|-------------------------|------------|
| ^ | ↔ | [__, + neuter – plural] | Adj + ____ |
| -e | ↔ | Adj + ____ | |

Na língua holandesa, após a sintaxe, um morfema dissociado é inserido como um adjunto à direita daqueles morfemas convencionalmente classificados como adjetivos para responder pela expressão de gênero neutro e número singular ou plural. Os Itens de Vocabulário do exemplo (6) competem pela inserção nesse morfema. No contexto específico do singular neutro, ^ é inserido. Nos demais ambientes -e é inserido. A inserção de ^ no contexto específico descarta a inserção de -e neste mesmo contexto porque, sob circunstâncias normais, apenas um Item de Vocabulário pode ser inserido em um morfema.

Todos os Itens de Vocabulário podem competir pela inserção em qualquer nó terminal; não existe uma pré-inserção separando os Itens de Vocabulário em formas 'relacionadas' que podem competir. Mas o pro-

cesso de inserção é restrito pelo conteúdo dos traços presentes no nó terminal. Em alguns contextos, é possível que dois (ou mais) Itens de Vocabulário satisfaçam as condições de inserção em um mesmo morfema-f, e pode acontecer de o Princípio do Subconjunto não ser capaz de determinar o vencedor.

Halle e Marantz (1993) sugerem que tais conflitos são resolvidos pela ordem extrínseca: simplesmente se estipula um Item de Vocabulário como o vencedor.

Noyer (1997), por outro lado, propõe uma Hierarquia Universal de Traços. Assim, o Item de Vocabulário que possuir o traço mais alto na hierarquia será inserido.

Bonet (1991) argumenta que a hierarquia de traços pode ser derivada de uma representação geométrica dos traços morfossintáticos. De acordo com essa hipótese, o Item de Vocabulário que apresentar a geometria de traços mais complexa é inserido em tais contextos.

Para os morfemas-l há uma escolha relacionada à inserção do Item de Vocabulário. Um morfema raiz, segundo Harley e Noyer (1998), numa relação local apropriada com um Determinante, pode ser preenchido por *gato*, *cachorro*, *casa*, *mesa* ou qualquer outro Item de Vocabulário normalmente designado de ‘nome’. Esses Itens de Vocabulário podem ser livremente inseridos no *Spell-out*, sujeitos às condições de licenciamento, e não estão em competição como ocorre com os Itens de Vocabulário inseridos nos morfemas-f.

Os licenciadores normalmente são morfemas-f em certas relações estruturais com a Raiz onde o Item de Vocabulário é inserido. Essas relações estruturais tipicamente determinam a noção tradicional de categoria. Os ‘Nomes’ são licenciados por um Determinante que os c-comanda imediatamente, diferentemente da classe dos verbos, que são licenciados em configurações estruturais diferentes.

Com relação à alomorfa, a MD reconhece dois tipos: a supletiva e a morfofonológica.

A alomorfa supletiva ocorre quando Itens de Vocabulário diferentes competem pela inserção em um morfema-f. No caso do holandês (*apud* Harley & Noyer 1999, p.12), os nomes têm (pelo menos) dois sufixos de número plural, *-en* e *-s*. As condições para a escolha são parcialmente fonológicas e parcialmente idiossincráticas. Como *-en* e *-s* não estão relacionados fonologicamente, eles constituem dois Itens de Vocabulário em competição.

A alomorfa morfofonológica ocorre quando um único Item de Vocabulário tem várias formas subjacentes semelhantes fonologicamente, mas

a semelhança não é tal que a Fonologia possa ser responsável diretamente pela variação. Como exemplo, *destroy* e *destruct-* representam alomorfes de um único Item Vocabular, e o segundo alomorfe ocorre em contexto de nominalização. A hipótese da MD é que existe um único alomorfe básico, e os outros são derivados dele por uma regra de reajustamento. O reajuste neste caso substitui a rima, isto é, o núcleo e a coda da sílaba.

5.5 Os níveis de derivação e as três listas: o Léxico Estrito, o Vocabulário e a Enciclopédia

Na Morfologia Distribuída, conforme descrito na seção 5.2, as categorias sintáticas são puramente abstratas, sem traços fonológicos. Somente após a realização de todas as operações sintáticas e morfológicas é que as expressões fonológicas, chamadas de Itens de Vocabulário, são inseridas nos nós terminais gerados pela sintaxe.

Os Itens de Vocabulário trazem consigo informação suficiente (sobre traços sintáticos, morfológicos e semânticos) para sua inserção nos nós resultantes das operações sintáticas e morfológicas.

Os nós terminais se organizam em estruturas hierárquicas determinadas pelos princípios e operações da sintaxe. Antes de serem enviados ao componente fonológico, podem sofrer algumas modificações como resultado de operações realizadas no componente morfológico. No entanto, como vimos na seção 5.3.1, essas operações têm um poder bastante restrito de transformar constituintes, ou seja, são operações locais e respeitam princípios sintáticos.

Como visto no esquema delineado na figura 1, a Lista 1 (ou Léxico Estrito) fornece *containers* de raízes e feixes de traços morfossintáticos com que o sistema operacional vai operar, concatenando (*merge*), movendo (*move*) ou copiando (*copy*). A computação inicia com uma numeração, uma pré-seleção dentre os elementos da Lista 1 a serem usados na derivação sintática.

No processo da derivação, a informação contida nos nós resultantes das operações sintáticas é enviada em fases (Marantz 2001) para a Forma Lógica (LF) e para a Estrutura Morfológica (MS) do sistema computacional.

Outro conjunto de operações (mergir, fissionar etc.) se aplica sobre os nós sintáticos no componente morfológico, o que cria novos nós. Estes sofrem a inserção de Itens de Vocabulário, elementos da Lista 2, denominada Vocabulário (Marantz 1997).

A inserção dos Itens Lexicais, que dão conteúdo fonológico aos nós, é tardia, ou seja, ocorre após as operações sintáticas e morfológicas em cada fase. A condição para que o Item seja inserido num determinado nó é que ele contenha no mínimo um subconjunto de traços morfosintáticos que o nó possui. Não é necessário possuir todos os traços presentes no nó. Após a inserção dos Itens de Vocabulário, as expressões são enviadas para a interface conceitual, e entra em ação a Lista 3, a Enciclopédia. Nela, as raízes recebem significados particulares, verificando-se o ambiente sintático em que ocorrem.

Segundo a Morfologia Distribuída, não se considera a palavra como unidade operacional em qualquer nível da derivação. Considera-se a existência das três listas que fornecem um determinado tipo de informação linguística: o Léxico Estrito, que apresenta informação gramatical (formal) e um conteúdo semântico mínimo a ser lido na LF; o Vocabulário, que contém informação fonológica; e a Enciclopédia, responsável pela informação semântica.

5.6 A Estrutura Morfológica (MS)

A Morfologia Distribuída assume que existe um nível de representação, pós-sintático, onde o conjunto de operações morfológicas ocorre, a Estrutura Morfológica (MS). Como não há uma correspondência um-para-um entre unidades terminais da sintaxe e unidades do vocabulário, as operações morfológicas visam dar conta desses pequenos desacordos.

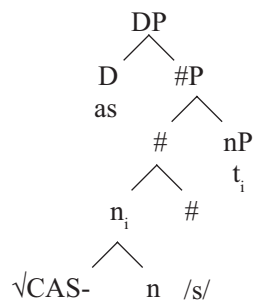
Conforme tratado na seção 5.1, há contextos em que um único Item de Vocabulário que contém informação de mais de um morfema é inserido em determinada posição, como se fosse a expressão fonológica de um único morfema; em outra situação, dois Itens de Vocabulário realizam um único morfema. Assim, na MS os nós terminais da sintaxe são concatenados, fundidos, fissionados ou empobrecidos, e criam novos nós, como os de concordância entre sujeito e verbo, por exemplo.

Halle e Marantz (1994) explicitam com um exemplo. Supõem a existência de um nó X com os traços F1, F2 e F3, e dois Itens de Vocabulário, A e B, que competem pela inserção nesse nó. Se A contém os traços F1 e F2, e B contém somente o traço F1, o Item A vence a competição, por ser mais especificado, e é inserido. No entanto, em um contexto em que X precede Y, se o traço F2 de X é apagado, por uma regra de empobrecimento, o Item A não pode mais ser inserido, e o Item B preenche então o nó X.

Lembremos que toda informação relevante para a computação sintática e semântica já deve ter sido inserida nos nós terminais antes da Estrutura Morfológica; nenhum traço semântico ou sintático poderá ser adicionado à árvore na MS.

Halle e Marantz (1994) propõem que a concordância do sintagma nominal seja um fenômeno puramente morfológico. O nó de concordância, que copia traços de número, gênero e pessoa de um sintagma determinante sintaticamente próximo, encontrado em verbos e adjetivos no português, é um nó inserido após todas as operações sintáticas concluídas.

(7)



No exemplo do sintagma determinante *as casas* (MEDEIROS 2008, p.34), ocorre o *morphological merger*, uma concatenação. A raiz se anexa ao núcleo nominalizador formando um complexo que será movido e concatenado ao núcleo #, que alberga traços de número. O vestígio é utilizado para mostrar o ponto de partida do movimento, sem ocasionar efeitos sobre a interpretação da estrutura. As operações morfológicas não têm qualquer efeito sobre a semântica do sintagma nominal.



CAPÍTULO 6 - FORMAS DE FOCALIZAÇÃO EM JAPONÊS E APRESENTAÇÃO DOS TIPOS DE FOCO

Segundo Chomsky (1981), o foco é o constituinte que veicula a informação não-pressuposta na sentença e a pressuposição é a informação que se pressupõe partilhada pelos falantes, como um ‘pano de fundo’ da sentença.

Há dois tipos maiores de foco, como muitos autores reconhecem, incluindo Frota (1998): o foco amplo(largo) e o foco estreito. O foco largo supostamente não desencadeia uma relação operador-variável, e com relação aos padrões de proeminência das línguas, ele normalmente recebe um acento não-marcado, neutro. O foco estreito desencadeia a relação operador-variável por meio de uma configuração de escopo e recebe um acento marcado.

Entre os fatores que desempenham um papel importante na indicação do foco da sentença está o contexto, pois ele auxilia na identificação da parte do enunciado a que o falante quer que o ouvinte fique atento, i.e., a parte focalizada.

Quanto à sintaxe, ela contribui com a construção de estruturas que indicam qual é o elemento focalizado da sentença, como ocorre, por exemplo, com as estruturas clivadas, em que o constituinte focalizado se situa entre uma cópula e um complementizador, que compõem a construção.

Há também morfemas foco que indicam os traços de exaustividade e contrastividade nas línguas. Podem ser palavras que acompanham o constituinte focalizado, como *only* ‘somente’ (Kiss 1998), atribuindo ao DP que acompanha um traço de exaustividade; ou podem ser marcadores morfológicos como *-ga* e *-wa* no japonês, itens de vocabulário que acompanham os DPs argumentos³¹ ou outros sintagmas da sentença.

Neste capítulo descreveremos os recursos morfossintáticos empregados para a focalização de constituintes em japonês, dedicando especial atenção aos contextos de realização morfológica dos itens de vocabulário *-ga* e *-wa*.

6.1 Foco Contrastivo e Não-contrastivo em Japonês

O japonês, por ser uma língua de sujeito nulo, apresenta dois mecanismos para a construção da sentença: um baseado na relação sujeito-

³¹ *-ga* acompanha o DP argumento sujeito e também o DP genitivo quando focalizados na periferia esquerda da sentença; *-wa* marca o sintagma adjunto focalizado *in situ* ou na periferia esquerda.

predicado e o outro na relação tópico-comentário ou foco-suposição. Segundo Inoue (1998), as sentenças sem sujeito explícito pertencem ao segundo grupo de construção, e são muito comuns na língua.

Nesta seção, identificaremos exemplos de constituintes focalizados em sentenças da língua japonesa, e distinguiremos, segundo Zubizarreta (1998), os contextos de foco contrastivo e foco não-contrastivo.

No caso de uma sentença clivada, afirma Mioto (2003), o constituinte focalizado é aquele que aparece entre a cópula e o complementizador *que*, em línguas como o português. Como o foco fica isolado, o restante da sentença constitui a suposição, como mostra (1a).

- (1a) Foi *a Maria* que comeu a maçã.
 (1b) Alguém comeu a maçã.

Em (1a), o constituinte *a Maria* é o foco da sentença clivada, que está sintaticamente focalizado. A suposição está em (1b), que deve ser dada como verdadeira quando (1a) é usada.

Também segundo Mioto (2003), é o constituinte focalizado que veicula a informação nova da sentença. Quando isso ocorre, há um foco de informação. O seu contexto típico é aquele que contém uma pergunta Wh. O constituinte marcado por F, que responde à pergunta e substitui a expressão Wh é o foco, como no exemplo (2).

- (2) a. Dare ga sono empitsu o katta-KA.
 Quem-NOM esse lápis-ACC comprou-Marcador de interrogação.
 [Quem]_F comprou esse lápis?
- b. Mary ga sono empitsu o katta.
 Mary NOM esse lápis-ACC comprou.
 [Maria]_F comprou esse lápis.

Em (2b), o sintagma *Mary-ga*, em resposta à pergunta Wh *Dare ga 'Quem?'*, encontra-se necessariamente focalizado. É o foco estreito da sentença.

No contexto a seguir, em que a sentença (3b) responde à pergunta *Nani ga atta no? 'O que aconteceu?'*, percebe-se que o foco se estabelece sobre toda a sentença, o foco largo.

- (3a) Nani ga atta-no?
O que-Nom acontecer passado-interrog.
O que aconteceu?
- (3b) Mary ga sono empitsu o katta.
Mary NOM esse lápis-ACC comprou.
[Maria comprou esse lápis.]_F

Para situações como (3b) em que o foco não está sintaticamente explícito através de uma sentença clivada, Zubizarreta (1998) determina contextos para distinguir dois tipos de foco: o não-contrastivo e o contrastivo.

A autora fixa uma interrogativa-Wh como um contexto para o foco não-contrastivo, ou seja, aquela informação que a pergunta solicita.

Foco Não-Contrastivo:

- (4a) Quem comeu uma maçã?
(4b) [A Maria]_F comeu uma maçã.

Zubizarreta apresenta a Estrutura de Asserção (AS) de uma sentença como (4b). A AS é formada por duas asserções que representam a interpretação de um constituinte focalizado:

- (5) A₁: Existe um x tal que x comeu uma maçã.
A₂: O x tal que x comeu uma maçã = [A Maria]_{Foco}

A A₁ é constituída pela pressuposição existencial. A asserção A₂, por sua vez, é a asserção principal, uma sentença equativa que tem como predicado o elemento focalizado.

Já como contexto apropriado para o foco contrastivo, Zubizarreta estabelece a necessidade de uma afirmação prévia. Assim, o foco contrastivo é entendido como uma correção da afirmação prévia.

Foco Contrastivo:

- (6a) O João comeu uma maçã.
(6b) [A Maria]_F comeu uma maçã. (Não o João)

A AS de (6b) segue em (7):

- (7) A_1 : Existe um x tal que x comeu uma maçã.
 A_2 : Não é o caso que o x (tal que o x comeu uma maçã) = o João & o x (tal que o x comeu uma maçã) = [a Maria]_F

A_1 em (7) é constituída pela pressuposição existencial. Já em A_2 observamos a negação de um valor atribuído anteriormente à variável x (o João) e a atribuição de um novo valor para essa variável (a Maria).

Na língua japonesa, como nas demais línguas, o contexto também é utilizado para a identificação do constituinte focalizado, como pode ser observado em (8a) e (8b) que exemplificam a interrogativa-Wh e o respectivo foco não-contrastivo.

- (8a) Dare ga ringo o tabemashita-ka.
 Quem-NOM maçã-ACC comeu-Interrog.
 Quem comeu uma maçã?
- (8b) Mary ga ringo o tabemashita.
 Maria-NOM maçã-ACC comeu.
 [A Maria]_F comeu uma maçã.

O que se observa é que o foco não-contrastivo aparece marcado por *-ga* em japonês.

Nos exemplos em (9), observam-se a afirmação prévia e o foco contrastivo, entendido como uma correção daquela afirmação anterior.

- (9a) John ga ringo o tabemashita.
 João-NOM maçã-ACC comeu.
 O João comeu uma maçã.
- (9b) - Iie. Mary ga ringo o tabemashita. (John dewa nakute)
 não. Maria-NOM maçã-ACC comeu. (João não foi)
 - Não. [A Maria]_F comeu uma maçã. (Não o João)

(9b) mostra que também o foco contrastivo é marcado por *-ga*.

O elemento focalizado também pode estar na posição de argumento interno, como se observa em (10a) – (10d). Neste caso o sintagma *Maria* deixa de ser marcado com o Nominativo *-ga*. O sintagma *Maria* deixa de ser foco e sujeito, e passa a ser tópico da sentença, marcado pela partícula *-wa*.

Foco Não-Contrastivo

(10a) Mary wa nani o tabemashita-ka.
 Maria-TÓP o que-ACC comeu-Interrog.
 A respeito da Maria, comeu o quê?

(10b) Mary wa [ringo o]_F tabemashita.
 Maria-Tóp maçã-ACC comeu.
 A respeito da Maria, comeu [uma maçã]_F.

(10b) mostra que, na focalização não-contrastiva do objeto, a marca utilizada na língua é o acusativo *-o*.

Foco Contrastivo

(10c) - Mary wa ringo o tabemashita.
 Maria-TÓP maçã-ACC comeu.
 - A respeito da Maria, comeu uma maçã.

(10d) - Ie. Mary wa [nashi o]_F tabemashita. (ringo dewa nakute)
 Não. Maria-Tóp pêra-ACC comeu. (maçã não foi)
 - Não. A respeito da Maria, comeu [uma pêra]_F. (Não uma maçã)

(10d) mostra que também no caso do foco contrastivo sobre o objeto, a marca *-o* é utilizada.

Mioto (2003, pág.175), concebendo que não há incompatibilidade entre Zubizarreta (1998) e Kiss (1998), compõe o quadro abaixo tendo por base os traços de contrastividade e exaustividade tidos como pertinentes para definir os tipos de foco:

(10) Tipos de Foco

a. [-contrastivo, -exaustivo]	informação (K), não-contrastivo (Z)
b. [-contrastivo, +exaustivo]	de identificação (K)
c. [+contrastivo, -exaustivo]	*
d. [+contrastivo, +exaustivo]	Contrastivo (Z) e (K)

Pôde-se observar o comportamento do foco contrastivo e do não-contrastivo nas funções de sujeito e de objeto em sentenças do japonês. Nos exemplos citados o contexto em que se inserem as frases diferencia as situações de foco informacional, em que o DP foco apresenta os traços [-exaustivo, -contrastivo], e de foco contrastivo, em que o DP focalizado apresenta os traços [+exaustivo,+contrastivo].

6.2 Formas de Focalização Morfossintática em Japonês

Zubizarreta (1998) assume que a interpretação semântica do foco é representada por ASs que se constroem depois da LF. Com relação à prosódia, sabe-se que o acento mais proeminente da sentença recai sobre o constituinte focalizado.

Em relação à sintaxe, Rizzi (1997) postula que existe uma categoria FocP na periferia esquerda da sentença, cujo núcleo articula o foco com a pressuposição. O constituinte focalizado ocupa a posição de especificador da categoria FocP, e a pressuposição ocupa a posição de complemento dessa categoria. A interpretação de um constituinte como foco emerge do fato de ele estar na configuração Spec/núcleo com Foc.

Quando o constituinte é focalizado *in situ*, contexto em que o foco não está na periferia esquerda da sentença, Belletti (2001 *apud* Miotto 2003)³² postula que existe uma categoria FocP interna a IP. Essa categoria domina vP e, como a da periferia esquerda da sentença, tem o especificador destinado ao foco.

Os exemplos da seção anterior mostraram que o japonês dispõe da estratégia de focalização *in situ*. Tanto o sujeito quanto o objeto podem ser interpretados como foco nas suas posições superficiais, como também ocorre no português brasileiro (PB)³³.

Em PB, conforme Miotto (2003), a focalização pode ser sintática e prosódica ao mesmo tempo. Os constituintes focalizados se movem para uma posição específica de foco (SpecFocP) na estrutura sintática e também são acentuados. Assim, a sintaxe atua de forma a facilitar o trabalho dos componentes de interface PF e LF na interpretação das sentenças.

Em japonês, de acordo com Kuno (1973) e Kuroda (1965), é possível focalizar um constituinte por meio de marcadores morfológicos como *-ga*, e também pela posição dos constituintes na sentença.³⁴

Na próxima seção, descreveremos a focalização de constituintes com a função de sujeito, objeto e adjunto, com predicados transitivos³⁵, em contextos de emprego dos marcadores morfológicos *-ga*, *-o* e *-wa*, levando em consideração a posição sintática do constituinte foco sentencial.

³² BELLETTI, A. *Aspects of low IP área*. Siena, 2001. Dissertação (mestrado) – Università di Siena.

³³ MIOTTO, C. (2001). *Sobre o sistema CP no Português Brasileiro*. Revista Letras. Curitiba: UFPR, 56, p.97-139.

³⁴ Temos consciência de que a prosódia é uma propriedade importante para a identificação do foco na sentença, no entanto, a focalização prosódica não é tema desta tese.

³⁵ Apresentaremos exemplos com verbos transitivos. Em alguns contextos, no entanto, acrescentaremos exemplos com verbos inacusativos para descrever a alternância dos marcadores morfológicos.

6.2.1 A Posição do DP Foco na Estrutura Sintática e a Realização Morfológica dos Marcadores *-ga*, *-o* e *-wa*

6.2.1.1 Foco sobre o sujeito

O contexto com foco informacional sobre o sujeito é a situação canônica para esta estrutura sintática: DP *ga* em primeira posição. O sujeito tradicionalmente ocupa a primeira posição da sentença, e lá permanece quando está sob foco informacional.³⁶

- (11a) Uma pessoa pergunta:
 - Dare *ga* hon o utte imasu ka?
 Quem NOM livro ACC vende interr.
 - Quem vende livros?
- (11b) E o colega responde:
 - John *ga* hon o utte imasu.
 John NOM livro ACC vende interr.
 - O João vende livros.
- (11c) #- John *wa* hon o utte imasu.
 John TÓP livro ACC vende
 - A respeito do John, vende livros.
- (11d) - John *ga* utte imasu.
 John NOM vende
 - O John vende.
- (11e) - John desu.
 John é
 - É John.

³⁶ Caso haja um DP adjunto temporal, ele pode ocupar a primeira posição na sentença, antecedendo o DP sujeito focalizado.

- (a) - Dare *ga* kinoo hon o utte imashita ka?
 Quem NOM ontem livro ACC vendeu interr.
 - Quem vendeu livros ontem?
- (a') - O João vendeu livros ontem
 - Kinoo John *ga* hon o utte imashita.
 Ontem John NOM livro ACC vendeu

A sentença (11b), com a ordem SOV, apresenta a ordem canônica dos constituintes em uma sentença do japonês, nesse contexto com o sujeito foco de informação/informacional.

(11c) não é uma resposta adequada para (11a), pois o DP *John* é a informação não-suposta da sentença, e não pode ser tópico sentencial. (11c) só é adequada quando não se focaliza o sujeito e, nesse contexto, emprega-se o tópico.

(11d), uma sentença SV, e (11e), uma clivada reduzida, são respostas adequadas para a pergunta (11a), apresentando o DP sujeito *John* como foco de informação. Note que em (11d) nenhuma marca casual está presente.

Observamos que, nos exemplos (11a), (11b) e (11d), o marcador *-ga* que acompanha o DP *John* em primeira posição é o marcador de Caso nominativo estrutural, indicando o sujeito da sentença, que é foco de informação, com os traços [-exaustivo,-contrastivo].

Em (12) a (14) temos exemplos de DP*ga* como foco contrastivo.

(12a) Uma pessoa comenta:

- Pedro *ga* *hon o* *utteiru to* *kikimashita*.
 Pedro NOM livroACC vende que ouvi
 - Soube que o Pedro vende livros.

(12b) E o colega responde:

- Iie. John *ga* *hon o* *utte imasu*.
 Não. John NOM livro ACC vende interr.
 - Não. O John vende livros.

(12c) - Iie. John *ga* *utte imasu*.

Não. John NOM vende
 - Não. O John vende.

(12d) - Iie. John *desu*.

Não. John *é*
 - Não. É o John.

(12e) - Iie. *Hon o* *utteiru no wa* John *desu*.

Não. livro ACC vende fato TÓP John *é*
 - Não. Quem vende livros é o John.

A situação em (12a), contexto para foco contrastivo, aceita como respostas adequadas as sentenças de (12b) a (12e). Se comparadas ao con-

texto de foco informacional em (11), a diferença está na sentença (12e), uma pseudoclivada³⁷, que é adequada para o contexto de foco contrastivo, mas não para o contexto de foco de informação.

- (13) Uma funcionária diz:
- Soube que um homem estava na recepção pedindo emprego.

E o colega responde:

- Iie. Onna no hito ga shigoto o
Não feminino GEN pessoa NOMFoco trabalho ACC

sagashite imashita.

procurando estava

- Não. [Uma mulher]_F estava procurando emprego.

Em (13) o DP *Onna no hito ga* ‘uma mulher NOM’ é o sujeito foco contrastivo, apresentado como correção da afirmação anterior, no lugar do DP ‘um homem’.

Em (14) apresentamos um exemplo com um DP sujeito complexo, que contém um DP genitivo (indicando a relação parte-todo), e descrevemos duas formas de focalização do genitivo. Nesse exemplo o predicado é inacusativo.

- (14) O dono de um estacionamento chega no final da tarde e conversa com seu funcionário:
- É verdade que furou o pneu de uma van?

E o funcionário responde:

- a. - Iie, [Kuruma no taia] ga panku shita.
Não [carroGEN pneu] NOM furou
- Não, [o pneu de um carro]_F furou.

- b. - Iie, [Kuruma] ga taia ga panku shita.
Não [carro]NOM+Foco pneu NOM furou
- Não, [um carro]_F furou o pneu

³⁷ A sentença pseudoclivada é também um recurso sintático para indicar o foco em japonês, no entanto, não é tema desta tese, que visa estudar a distribuição sintática dos constituintes quando estiver relacionada ao emprego dos marcadores *-ga* e *-wa*, em contextos de focalização.

Esses exemplos mostram que o sintagma sujeito *Kuruma no taia* ‘o pneu GEN carro’ pode ser focalizado como um grande único constituinte que indica a relação parte-todo, como em (14a), ou é possível focalizar apenas o DP *kuruma* ‘carro’, que indica o todo, e nesse contexto o marcador de Caso genitivo *-no* dá lugar ao marcador de Caso nominativo *-ga*³⁸. Esse fenômeno será explicitado na seção 9.1.

6.2.1.2 Foco sobre o objeto

Nos contextos em que o foco informacional recai sobre o DP objeto, este mantém sua marcação de Caso canônica, o acusativo (ou o nominativo nos contextos de objeto nominativo) e mantém também sua posição canônica dentro do VP. Na superfície da sentença o DP objeto focalizado vem após o tópico, conforme (15b). Outra forma de resposta é a ordem OV (objeto focalizado + verbo), como em (15c).

(15a) - John wa nani o utte imasu ka.
 John TÓP o que ACC vende interr.
 - O João vende o quê?

(15b) - John wa [hon o]_F utte imasu.
 - John TÓP livro ACC vende
 - A respeito de John, (ele) vende livros.

(15c) - [Hon o]_F utte imasu.
 livros vende
 - Vende livros.

(15d) - [Hon]_F desu.
 Livro é
 - São livros.

(15e) #- John ga hon o utte imasu.
 - John NOM livro ACC vende
 - [O João]_F vende livros.

³⁸ A sentença (14b) nessa situação de focalização é aceita pelos falantes nativos como adequada ao contexto; no entanto, a maioria dos informantes consultados empregaria a sentença (14a) para indicar o foco contrastivo.

(15d), uma clivada reduzida, é também alternativa de resposta para (15a).

(15e), no entanto, não é adequada como resposta a (15a), pois em (15e) o DP sujeito *John ga* ‘John NOM’ apresenta leitura focalizada e não seria adequada como resposta à pergunta em que o objeto está sob foco.

Quanto aos contextos de objeto foco contrastivo, temos os exemplos em (16):

(16a) Uma pessoa comenta:

- John *ga* kazaritsuke o utteiru to kikimashita.
John NOM objeto de decoração ACC vende que ouvi
- Eu soube que o John vende objetos de decoração.

E o colega responde:

- (16b) - Iie. John *wa* [hon o]_F utte imasu.
- Não. John TÓP livro ACC vende
- Não. A respeito de John, (ele) vende livros.

- (16c) - Iie. [Hon]_F desu.
- Não. livro é
- Não. É livro.

- (16d) - Iie. John *ga* utteiru no *wa* [hon]_F desu.
- Não. John NOM vende fato TÓP livro é
- Não. O que o John vende é livro.

- (16e) - Iie. [Hon o]_F John *wa* utte imasu.
- Não. Livro ACC John TÓP vende
- Não. [Livro]_F o John vende.

A sentença (16b), como correção à informação apresentada em (16a), apresenta o DP *hon o* ‘livro ACC’ como foco contrastivo *in situ*. Também são adequadas ao mesmo contexto contrastivo as sentenças (16c), uma clivada reduzida, e (16d), uma pseudoclivada plena, casos em que nenhuma marca aparece sobre o DP focalizado.

(16e) é outra alternativa de sentença resposta a (16a), em que o DP objeto focalizado mantém a marcação de acusativo *-o* e é deslocado para a periferia esquerda da sentença.

6.2.1.3 Foco sobre o adjunto

O sintagma adjunto indicativo de tempo, como *nitiyoobi ni* ‘no domingo’, vem acompanhado do marcador posposto *-ni*, que equivale à preposição *em* em português.

Nos contextos de foco de informação, (17a) e (17a’), esse sintagma adjunto não recebe marcação morfológica adicional.

(17a) - Itsu Maria wa kyookai e ikimasu ka?
 Quando Maria TÓP igreja para vai interr.
 - Quando a Maria vai à igreja?

(17a’) - [Nitiyoobi ni]_F Maria wa kyookai e ikimasu.
 Domingo em Maria TÓP igreja para vai
 - No domingo a Maria vai para a igreja.

Em situação de focalização contrastiva, *-wa* é o marcador morfológico que acompanha o sintagma adjunto³⁹ com o valor positivo para os traços de exaustividade e contrastividade.

(18) Uma amiga comenta que a Maria vai para a igreja todo sábado. E eu corrijo:

(18a) - [Nitiyoobi ni]_F wa Maria wa kyookai e ikimasu.
 Domingo emFoco Maria TÓP igreja para vai
 - [No domingo]_F a Maria vai para a igreja.

(18b) #- Nitiyoobi ni Maria wa kyookai e ikimasu.
 Domingo em Maria TÓP igreja para vai
 - No domingo a Maria vai para a igreja.

-wa é a marca de foco contrastivo sobre o sintagma adjunto, como mostra (18a). A sentença (18b) é inadequada devido à ausência do marcador *-wa*, indicador dos traços [+exaustivo,+contrastivo] nesse contexto.

Esse *-wa* marca foco contrastivo apenas no sintagma adjunto e não nos DPs argumentos. Ele também é distinto do marcador de tópico da sentença *-wa*, conforme será explicitado na seção 7.3.

³⁹ O sintagma adjunto não é marcado por *-ga* NOM ou por *-o* ACC, que são marcadores do Caso estrutural de argumentos.

CAPÍTULO 7 – O TÓPICO – WA EM JAPONÊS

Além da focalização, outra forma de destacar um constituinte do restante da sentença é por uma pausa que introduz um elemento, o tópico⁴⁰.

Ser informação dada não é condição suficiente para a topicalidade, pois em um enunciado pode haver outros elementos que não exercem a função de tópico, mas que também veiculam informação dada.

Este capítulo apresentará a noção de tópico na língua japonesa realizando um paralelo com exemplos do português brasileiro (PB). Também fará a distinção entre tópico temático e tópico contrastivo em japonês.

7.1 O Tópico sujeito e o tópico objeto

Zubizarreta (1998) assume que a articulação tópico-comentário é representada em termos de predicação, na qual o comentário é uma sentença aberta que predica sobre o tópico.

- | | | | |
|-----|--|--|---------------------------|
| (1) | Otoosan wa
Pai TÓP
O meu pai, (ele) | yasumi ni
feriado DAT
trabalha nos feriados. | hatarakimasu.
trabalha |
| (2) | Yasumi ni
feriado DAT
Nos feriados, meu pai | otoosan wa
pai TÓP
trabalha. | hatarakimasu.
trabalha |
| (3) | Yasumi ni
feriado DAT
Nos feriados, [o meu pai] _F | otoosan ga
pai NOM
trabalha. | hatarakimasu.
trabalha |

Observamos em (1) e (2) a ocorrência do DP *otoosan* ‘meu pai’ marcado com *-wa* tópico. Em português esse DP é sujeito da sentença; em japonês, no entanto, esse DP é marcado como tópico (*-wa*). Apesar de ser interpretado como sujeito do predicado *hatarakimasu* ‘trabalha’, não recebe a marcação canônica de Caso nominativo. Deve-se salientar que essas sentenças não podem ser usadas para iniciar uma conversação.

⁴⁰ Essa é a maneira usual de introduzirmos o tópico, ainda que em muitas línguas essa condição não se verifique, ou sua presença não seja obrigatória.

A marcação de nominativo⁴¹, como ocorre em (3), focaliza o DP *otoosan* ‘meu pai’ e seu emprego seria adequado em contextos de focalização, como o de resposta à pergunta ‘Quem trabalha nos feriados?’.

Em (4), em um paralelo com os exemplos de Quarezemin (2009, p.78), apresentamos um contexto em que o *DPga* é foco de informação. Observe-se que na sentença interrogativa a expressão-*wh* na função de sujeito apresenta o marcador morfológico *-ga*.

- (4) a. Pizza wa⁴², dare ga tabemashita ka.
 Pizza quem NOM comeu interr
 A pizza, quem comeu (ela)?
- b. Pizza wa [Pedro ga]_F tabemashita.
 Pizza Pedro NOM comeu
 A pizza, [o Pedro]_F comeu (ela).

Em (4b) como resposta a (4a), verificamos que *Pedro* é o foco e a *pizza* é o constituinte topicalizado da sentença. A bipartição tópico-comentário é representada na seguinte AS (*Assertion Structure*) de (4b).

- (5) A₁: a pizza/ existe um x, tal que x comeu y.
 A₂: a pizza_y / o x (tal que x comeu y) = Pedro

Na asserção A₁ encontramos o tópico *a pizza* e uma quantificação existencial similar à pressuposição. A₂ é composta pelo tópico e pela asserção principal de uma sentença com foco.

Zubizarreta (1998) afirma que a representação de uma sentença contendo tópico na AS mostra que o tópico não pode ser identificado com o foco, visto que o tópico é o sujeito de um predicado proposicional e o foco está contido dentro desse predicado.

Na língua japonesa essa distinção se realiza morfológicamente, como exemplificado em (4b): *pizza wa* é o tópico e *Pedro ga* é o foco. O objeto *pizza* é o tópico, visto que já aparece na pergunta (4a) como in-

⁴¹ Conforme mencionado no capítulo 6, na seção 6.2, sobre formas de focalização morfossintática em japonês, o emprego do *DPga* na primeira posição da sentença é um dos recursos de focalização; no entanto, essa posição pode ser preferencialmente ocupada pelo tópico da sentença, contexto em que o *DPga* focalizado passa a ocupar a segunda posição na sentença.

⁴² A partícula *-wa* no DP *pizza* indica o tópico contrastivo, mencionado no capítulo 2 e tema específico do capítulo 7.

formação pressuposta, e *Pedro*, marcado com o nominativo *-ga*, é o foco contido no predicado proposicional.

Zubizarreta (1998), com Reinhart (1995)⁴³, assume que a estrutura de tópico-comentário é representada em termos de predicação, e trabalha com a noção de conjunto de asserções pragmaticamente possíveis (*Possible Pragmatic Assertions* – PPA).

Cada sentença declarativa é associada com um conjunto de asserções pragmaticamente possíveis, i.e., ela pode ser usada para introduzir o conteúdo de qualquer uma dessas asserções relacionadas a um dado discurso e aceitas como proposições verdadeiras naquele determinado ponto do discurso.

Esse conceito de Reinhart (1995 *apud* Zubizarreta 1998) é importante porque o conjunto de PPAs auxilia a explicar os julgamentos de valor de verdade e as lacunas (*gaps*) de valor de verdade. O procedimento de avaliação é checar a predicação: qualquer expressão na sentença pode ser tomada como o argumento e o restante como predicado. O argumento dentro de tal relação de predicação é a expressão que é considerada o tópico em um determinado discurso.

Assim, para uma sentença SVO⁴⁴, por exemplo, o seu conjunto de PPA apresentará três asserções. Há uma asserção sem tópico (SVO) e há duas asserções relacionadas a tópico (S/SVO e O/SVO). Se, num dado contexto do discurso, o conteúdo proposicional de uma sentença é avaliado via PPA S/SVO, então, para avaliar a sentença, temos que verificar se o conjunto definido pelo sujeito tem a propriedade definida pelo predicado. E, se o conteúdo proposicional é avaliado via PPA O/SVO, para avaliar a sentença é preciso verificar se o conjunto definido pelo objeto tem a propriedade definida pelo predicado.

A cada sentença é associado um conjunto de PPAs que pode variar de acordo com o tipo de sentença. Em PB, em um contexto sem focalização, em que A comenta com B sobre o evento da leitura de um determinado livro por João, para a sentença (6) teremos o PPA em (7):

- (6) O João leu esse livro.
- (7)
 - a. O João leu esse livro.
 - b. O João, ele leu esse livro.
 - c. Esse livro, o João leu ele.
 - d. Ler o livro, o João leu ele.

⁴³ REINHART, T. (1995). *Interface strategies*. Ms., OTS, Universiteit Utrecht.

⁴⁴ A análise de Reinhart foi feita com sentenças do inglês.

Em um paralelo com as sentenças de (6) e (7), em japonês teríamos (8) e (9):

- (8) John wa kono hon o yonda.
 John TÓP esse livro ACC leu
 O João leu esse livro.
- (9) a. John wa kono hon o yonda.
 John TÓP esse livro ACC leu
 O João leu esse livro.
- a'. # [John ga]_F kono hon o yonda.
 John NOM esse livro ACC leu
 [O João]_F leu esse livro.
- b. * John wa, kare wa kono hon o yonda.
 John TÓP, ele TÓP esse livro ACC leu
 O John, ele leu esse livro.
- b'. Kare wa kono hon o yonda.
 Ele TÓP esse livro ACC leu
 Ele leu esse livro. (*Ele* faz referência a *John*, citado anteriormente no discurso)
- c. Kono hon wa John wa yonda
 Esse livro TC⁴⁵ John TÓP leu
 Esse livro, o João leu. [+exaustivo]
- c'. # Kono hon wa [John ga]_F yonda.
 Esse livro TC John NOM leu
 Esse livro, [o João]_F leu (ele).
- d. [Kono hon o yonda koto] wa John wa yonda.
 [Esse livro ACC ler fato] TC o João TÓP leu
 O fato de ter lido o livro o João leu. [+exaustivo]

(9a) seria a sentença japonesa equivalente a (7a) do português. Observamos que o DP tópico em japonês será o recurso sintático que

⁴⁵ Tópico Contrastivo (TC), tema da seção 7.3.3

equivalerá ao emprego do DP sujeito em português. Nesse contexto de (9a) não é possível marcar o DP *John* com o Caso nominativo *-ga* (9a'), porque essa marca focalizaria o sujeito. Assim, o recurso disponível é a marca de tópico *-wa*, que indica o sujeito da predicação. Esse fenômeno, segundo Kuroda (1972), caracteriza o julgamento categórico: o DP-*wa* que inicia a sentença representa o sujeito do julgamento.

Não há em japonês uma sentença que corresponda literalmente a (7b). Esse é um fenômeno que distingue o tópico da língua japonesa do tópico na língua portuguesa. Segundo Rizzi (1997), o tópico pode ser retomado por um pronome resumptivo no comentário; no entanto, a estrutura em (7b) não é gramatical em japonês, como mostra a agramaticalidade de (9b). Acreditamos que a agramaticalidade de (9b) se deva ao fato de que os dois tópicos da sentença apresentam o mesmo referente no discurso. A língua apresenta o fenômeno dos múltiplos tópicos que podem ocorrer em uma mesma sentença, mas cada um com um referente distinto no discurso⁴⁶.

(7b) do português teria (9a) como sentença correspondente em japonês, que apresenta *John wa* 'John TÓP', como tópico em função canônica, ou seja, o sujeito do predicado proposicional. Outra alternativa de asserção pragmaticamente possível é (9b'), que apresenta *kare wa* 'ele TÓP' como tópico do comentário *kono hon o yonda* 'leu esse livro'. Essa construção é possível se o DP *John* já tiver sido introduzido anteriormente no discurso, como ocorre nas demais línguas naturais. Sintaticamente *kare wa* 'ele TÓP' é o tópico da sentença, mas semanticamente é o sujeito (papel temático de agente) do predicado *kono hon o yonda* 'leu esse livro'. Se o sujeito estivesse focalizado, seria marcado pela morfologia do *-ga* nominativo.

Ao descrever a relação entre sujeito e tópico, Rizzi (2006) defende que ambos têm uma propriedade em comum. Tanto para o sujeito quanto para o tópico existe uma espécie de predicação envolvida, um processo que seleciona um argumento como ponto de partida da descrição do evento, e expressa o evento como algo que envolve aquele argumento. Rizzi denomina essa relação de *aboutness*, e menciona que tanto tópico quanto sujeito apresentam a propriedade [+*aboutness*].

Esse traço [+*aboutness*], presente no DP sujeito de (7a) e no DP tópico de (7b) seguido de pronome resumptivo, é a propriedade que a partícula *-wa* (tópico temático do japonês) confere ao DP *John wa* de (9a), que lhe

⁴⁶ Acreditamos também que possa haver uma restrição sobre o pronome que explicaria a agramaticalidade de (9b), mas esse é um tema destinado à pesquisa futura.

atribui a leitura de sujeito da predicação, permitindo a equivalência semântica com o DP tópico de (7b) e com o DP sujeito de (7a) em português.

É importante observar que, em português, (7a) com o DP *John* nominativo e (7b) com o DP *John* tópico pertencem ao mesmo conjunto de PPAs da sentença (6); no entanto, em japonês não há essa correspondência: (9a) com o DP *John* tópico é parte do conjunto de PPAs de (8), mas (9a') com o DP *John* nominativo não faz parte do mesmo conjunto devido à focalização desse DP em início de sentença.

Em relação a (9c), a sentença distingue dois comportamentos para o *-wa* tópico: quando marca o sujeito e quando marca o objeto na periferia esquerda da sentença. Nesta posição, o objeto deslocado *Kono hon wa* 'esse livro TÓP' se comporta como um tópico contrastivo⁴⁷. O DP-*wa esse livro* recebe o traço de exaustividade, que o distingue de outros possíveis livros citados ou pressupostos no discurso. E, em equivalência a (7c) do português, o DP *John wa* 'John TÓP' é o tópico sujeito do predicado *yonda* 'leu'.

Ainda que o presente trabalho não faça um estudo sistemático da prosódia dessas sentenças, é importante mencionar que em (9c) a prosódia dos dois DPs-*wa* é distinta. O primeiro DP-*wa* é destacado por uma pausa que o sucede, o que não ocorre com o segundo DP-*wa*.

Ao compararmos o DP *John wa* 'John TÓP' em (9c) e o DP *John ga* 'John NOM' em (9c'), percebe-se que ambos têm a função de sujeito do predicado *yonda* 'leu'; no entanto (9c') não pertence ao mesmo conjunto de PPA da sentença (8). Como ocorre com (9a'), a diferença é discursiva, pois em (9c') o DP *John ga* 'John NOM' apresenta a interpretação de sujeito focalizado (e ocorreria em um contexto de resposta à pergunta 'Esse livro, quem leu?'), o que não ocorre com o DP marcado com *-wa*, apenas sujeito topicalizado da predicação *yonda* 'leu'.

Ainda assim, o DP *John wa* em (9c) e o DP *John ga* em (9c') têm em comum a propriedade de [+*aboutness*], ou seja, ambos são o argumento que é ponto de partida para a descrição do evento de *ler esse livro*, e esse evento envolve o argumento *John*.

(9d) é outra sentença possível associada ao conjunto de PPA de (8). Ela apresenta o tópico *John wa* 'John TÓP', sujeito do predicado *yonda* 'leu'; como tópico maior que indica a exclusão⁴⁸ de outras atividades possíveis, está a oração relativa *Kono hon o yonda koto* 'o fato de ter lido o livro', marcada como tópico contrastivo (TC⁴⁹) por *-wa*.

⁴⁷ O tópico contrastivo será tratado na seção 7.3.

⁴⁸ Ideia contida na noção de exaustividade proposta por Kiss (1998).

⁴⁹ O TC (Tópico Contrastivo) será tratado na seção 7.3.

Pela descrição desse conjunto de PPAs para uma determinada sentença do japonês⁵⁰, em paralelo com exemplos do português, foi possível verificar que a marca de tópico temático *-wa* é uma das possibilidades empregadas para a marcação do sujeito da predicação na sentença, seja ele o sujeito gramatical ou não.

Assim, ao descrevermos em português e em japonês o conjunto de PPAs para a sentença *John wa kono hon o yonda* ‘O João leu esse livro’, verificamos que: i) não há correspondência direta entre os conjuntos de PPA do português e do japonês; ii) o *DPwa* tópico (9a) marca o que corresponderia ao DP com função sintática de sujeito (7a) em português; iii) a marca *-ga* de nominativo em (9a’) e (9c’) focaliza o sujeito, o que exclui a possibilidade de serem asserções pragmaticamente possíveis para a proposição (8). (9a’) e (9c’) são empregadas em um contexto de foco informacional sobre o sujeito, o que não corresponde ao conjunto de PPAs da sentença declarativa (8).

A próxima seção descreverá mais detalhadamente as possibilidades de marcação do DP sujeito da predicação em japonês.

7.2 A marcação do sujeito: DP-wa, DP-ga ou Ø?

A literatura gramatical tradicionalista sobre o japonês indica que *-wa* marca tópico e *-ga* marca o Caso nominativo, ou seja, o sujeito.

Como os exemplos da seção anterior já mostraram, não se pode generalizar dessa forma a divisão.

Uma das funções da partícula nominativa *-ga* é indicar o sujeito da sentença quando este é introduzido no discurso, conforme o exemplo (10a).

- (10) a. Mukashi mukashi odiisan ga/*wa imashita.
Antigamente antigamente velho NOM/*TÓP existia
Era uma vez um velho.
- b. Odiisan wa/#ga hataraitte imashita.
Velho TÓP/#NOM trabalhando estava
A respeito do velho, (ele) estava trabalhando.

(10a) introduz o personagem *odiisan* ‘velho’ no discurso e por isso o sujeito deve ser marcado com o nominativo. É importante observar que

⁵⁰ (9a’) e (9c’) foram marcadas com # por não se adequarem ao conjunto de PPA da sentença (8), e (9b) foi marcada com * por ser uma sentença agramatical na língua japonesa.

esse DP não está focalizado, apesar de ser marcado com *-ga*. Nesse contexto de introdução do DP sujeito no discurso a marcação com *-ga* é a forma gramatical e o emprego de tópico seria agramatical.

Na sentença (10b), como continuação de (10a), o DP *odiisan* ‘velho’ é marcado como tópico porque já é informação referida anteriormente no discurso, e nesse contexto o emprego de *-ga* seria inadequado.

Ao compararmos a marcação morfológica do DP *odiisan ga* ‘um velho NOM’ em (10a) e do DP *odiisan wa* ‘o velho TÓP’ em (10b), verificamos que a distinção *-ga* e *-wa* apresenta duas funções: i) marcar uma diferença sintática entre sujeito e tópico; e ii) marcar o traço de definitude do DP em certos contextos: o *-ga* nominativo que introduz o DP no discurso, marca sua indefinitude (um velho); o *-wa* tópico que acompanha o DP já referido no discurso, marca sua definitude (o velho). Essa é uma distinção importante, visto que a língua japonesa é reconhecida como uma língua sem artigos definidos ou indefinidos.

Assim, para o item de vocabulário *-wa* existe a interpretação do traço [+definido] sobre o DP e para o item de vocabulário *-ga* há a interpretação do traço [-definido] sobre o DP sujeito em sentenças apresentativas. Aproveitamos para fazer uma comparação com as informações do capítulo 6, seção 6.2.1.1, quando apresentamos os exemplos de DPs sujeitos focalizados. Naquela seção verificamos que o mesmo item de vocabulário *-ga* marca o DP sujeito foco sentencial: foco de informação, com os traços [-exaustivo, -contrastivo]; o foco identificacional, com o traço [+exaustivo]; e o foco contrastivo ([+exaustivo, +contrastivo]).

É possível afirmar que para o mesmo Item de Vocabulário *-ga* existem duas interpretações possíveis, e para diferenciá-las, optamos pela indicação de *-ga₁* e de *-ga₂* conforme a tabela abaixo:

(11) A marcação morfológica do DP sujeito e o traço de definitude

DP Sujeito [+aboutness]	-wa	-ga ₁	-ga ₂
Tópico [+definido]	+		
Ao ser introduzido no discurso [-definido] ou Foco informacional [+ ou - definido]		+	
Foco [+ ou - definido] [+exaustivo] ou [+exaustivo,+contrastivo]			+

Com relação ao DP-*wa* tópico, supostamente uma informação articulada previamente no discurso, o sujeito DP-*wa* pode estar em distribuição complementar com a marcação morfológica \emptyset , o que não é possível com o sujeito DP-*ga*.

- (12) a. Anata wa nani o shita?
 Você TÓP o que ACC fez
 O que você fez?
- b. [Watashi wa] / Ø hon o katta.
 [Eu TÓP] / Ø livro ACC comprei
 [A meu respeito] / Ø comprei um livro.
- c. John wa nani o shita?
 John TÓP o que ACC fez
 O que o João fez?
- d. [John wa] / Ø hon o katta.
 [John TÓP] / Ø livro ACC comprei
 A respeito de John/ Ø comprou um livro.
- (13) a. Dare ga hon o katta?
 Quem NOM livro ACC comprou
 Quem comprou o livro?
- b. [Watashi ga] / * Ø hon o katta.
 [Eu NOM] / * Ø livro ACC comprei
 Eu/ * Ø comprei um livro.
- c. [John ga] / * Ø hon o katta.
 [John NOM] / * Ø livro ACC comprei
 O John/* Ø comprou o livro.

Nos exemplos em (12) os DPs *Watashi wa* ‘Eu TÓP’ e *John wa* ‘John TÓP’ são informação pressuposta na pergunta e por isso na resposta o DP-*wa* está em distribuição complementar com a marcação Ø para o DP na posição de sujeito.

Em (13) essa alternância não é possível, pois os DPs *Watashi ga* ‘Eu NOM’ e *John ga* ‘John NOM’ são foco de informação, justamente a parte não-pressuposta da sentença. A presença desses DPs sujeitos com a marcação nominativa -*ga* que marca o sujeito estrutural e também os focaliza na resposta é obrigatória.

O mesmo ocorre com (10a), repetida em (14), uma sentença apresentativa, de foco largo, que introduz um *DPga* sujeito no discurso.

- (14) a. Mukashi mukashi odiisan ga/*wa/* \emptyset imashita.
 Antigamente antigamente velho NOM/*TÓP/* \emptyset existia
 Era uma vez um velho.

Pelos exemplos descritos é possível apresentar, para a realização e a marcação morfológica do sujeito, a seguinte tabela de distribuição das formas *-ga*, *-wa* e \emptyset .

(15) Distribuição de *-ga*, *-wa* ou \emptyset na posição de sujeito

	DP <i>ga</i> ₁	DP <i>ga</i> ₂	DP <i>wa</i>	\emptyset
Sujeito ao ser introduzido no discurso ou foco informacional (NOM estrutural)	+			
Sujeito já pressuposto, (com referência anterior no discurso)			+	+
Sujeito Tópico da sentença			+	
Sujeito focalizado [+exhaust] ou [+exhaust. , +contrast.]		+		

Na marcação morfológica do DP sujeito nos contextos descritos na tabela, encontramos uma distribuição complementar dos marcadores *-wa* (tópico), *-ga*₁ (caso nominativo estrutural) e *-ga*₂ (nominativo focalizado, conforme descrito no capítulo 6). Quanto à marcação \emptyset (ausência de marca morfológica explícita sobre o DP sujeito) ela concorre com o morfema de tópico *-wa* nos contextos em que o DP sujeito é informação pressuposta no discurso; aliás, em contextos informais orais dos exemplos em (12), \emptyset é a forma preferencialmente empregada pelos falantes nativos.

7.3 O Tópico temático *-wa*₁ e o tópico contrastivo *-wa*₂

Nesta seção faremos a descrição e a distinção dos contextos de realização morfológica do tópico *-wa* na língua japonesa (Kuno 1973), que podem ser: i) marcador de tópico temático na sentença, na estrutura tópico-comentário; ii) marcador de tópico contrastivo, com o DP que apresenta o traço [+exhaustivo] ou [+exhaustivo,+contrastivo].

7.3.1 O fenômeno da topicalidade contrastiva (Kuno 1973) e o tópico sobre o objeto

Kuno (1973) descreveu a morfologia do tópico e popularizou o uso do termo tópico contrastivo *-wa* para diferenciá-lo do tópico temático⁵¹ *-wa*, este usado canonicamente na estrutura tópico-comentário.

Postulamos que existe um único Item de Vocabulário *-wa* que é inserido quando o DP apresenta o traço [+definido], no entanto a interpretação de tópico temático ou tópico contrastivo está relacionada ao traço de contrastividade. Nesta tese empregaremos a grafia *-wa₁* para a indicação do DP tópico sentencial e *-wa₂* para a interpretação do DP tópico contrastivo, já que, como mostraremos, cada qual exige contextos de realização distintos e específicos.

O autor, em sua explicação do tópico japonês, apresenta contextos que ele entende como ambíguos, a fim de diferenciar tópico temático e tópico contrastivo.

Nos exemplos em (14a)-(14c) o primeiro DP é tópico temático, que corresponde ao sujeito sentencial, e o segundo DP é o tópico contrastivo (TC) sobre o objeto. Nos exemplos em (14d)-(14f) o terceiro DP é o tópico contrastivo sobre o objeto.

- (14) a. Watakushi wa tabako wa suimasu. (Kuno 1973,48)
 Eu cigarro fumo
 A meu respeito, (eu) fumo cigarro.
- b. Watakushi wa tabako wa suimasen.
 Eu cigarro fumo não
 A meu respeito, (eu) não fumo.
- c. Watakushi wa tabako wa suimasu ga⁵² sake wa
 Eu cigarro fumo mas sake

 nomimasen.
 bebo não
 A meu respeito, (eu) fumo, mas não bebo sakê.

⁵¹ Recordamos que o termo Tópico Temático foi consagrado por Kuno (1973) para indicar a estrutura tópico-comentário, e não apresenta relação com o conceito de papel temático.

⁵² Esta realização morfológica de *-ga* equivalente ao 'mas', que a gramática normativa denomina conjunção adversativa, não será abordada nesta tese.

- d. Watakushi wa syuumatu ni wa hon wa yomimasu.
 Eu fim-de-semana em livro leio
 A meu respeito, eu leio livros no final de semana.
- e. Watakushi wa syuumatu ni wa hon wa yomimasen.
 Eu fim-de-semana em livro leio não
 A meu respeito, eu não leio livros no final de semana.
- f. Watakushi wa syuumatu ni wa hon wa
 Eu fim-de-semana em livro
- yomimasu ga benkyoo wa simasen.
 leio mas estudo faço não
 A meu respeito, eu leio livros no final de semana, mas eu não estudo.

Segundo Kuno, (14a) e (14d) apresentam tópico contrastivo sobre o objeto. Cada sentença, se analisada isoladamente, apresenta uma interpretação incompleta ou inadequada, pois nesses exemplos o marcador *-wa* sobre o objeto, que só poderia ser *-wa* tópico contrastivo, indica que uma leitura de exaustividade ou contrastividade deve se estabelecer. As sentenças são completamente adequadas quando são empregadas em contexto de contraste, respectivamente em (14c) e (14f).

O tópico contrastivo (*-wa₂*) ocorre em um contexto em que há duas opções já dadas ou referenciadas anteriormente no discurso, e o DP escolhido vem marcado com *-wa₂*, compatível com a interpretação [+exaustivo] e/ou [+contrastivo].

Criamos o contexto em (15) para apresentarmos uma descrição mais detalhada.

- (15) A Maria saiu para comprar um livro e uma revista. Ela comprou os dois?
- a. - Iie. Maria wa₁ hon wa₂ kaimashita. [+contrastivo]
 Não. Maria TÓP livro TC comprou
 - Não. A Maria comprou [o livro]_{TC}.
- b. * - Iie. Maria wa₁ hon wa₁ kaimashita. [+contrastivo]
 Não. Maria TÓP livro TÓP comprou
 - Não. A Maria comprou o livro.

- c. # - Iie. Maria wa_1 hon o kaimashita. [+contrastivo]
 Não. Maria TÓP livro ACC comprou
 - Não. A Maria comprou o livro.

- (15.1) - Maria wa_1 hon wa_2 kaimashita.
 Maria TÓP livro TC comprou

- (Hoka no koto wa_2 kaimasendeshita) [+exaustivo]
 (outro GEN coisa TC comprou não)
 - A Maria comprou [o livro]_{TC}. (Não comprou [outras coisas]_{TC})

Para a situação proposta em (15) apenas (15a) é gramatical e adequada com a marcação de TC $-wa_2$ sobre o DP objeto que está sendo contrastado *hon* ‘livro’. (15b) é agramatical porque o objeto não pode ser marcado como tópico temático *in situ*; e (15c) é inadequada porque o marcador $-o$ indica o acusativo estrutural, mas não apresenta o traço [+contrastivo] solicitado pelo contexto. (15c) seria adequada em uma situação de foco informacional, por exemplo, em resposta à pergunta *Maria wa, nani o kaimashita ka?* ‘O que a Maria comprou?’.

E a sentença (15.1) apresenta o DP *hon wa₂* ‘o livro TC’ assim interpretado devido ao traço de exaustividade presente no contexto: a Maria comprou apenas o livro e nenhuma outra coisa.

Em (16) outro exemplo de tópico contrastivo sobre o objeto.

- (16) - O João gostou de dois carros: um japonês e um americano.

- a. Kare wa_1 America san no kuruma wa_2 kaimashita
 [+contrastivo]
 Ele TÓP América produto GEN carro TC comprou
 Ele comprou [o carro americano]_{TC}.

- b. - Dotira o kaimashita ka?
 Qual ACC comprou interr.
 - Qual deles (ele) comprou?

- America san no kuruma o kaimashita.
 América produto GEN carro ACC comprou
 - Comprou o carro americano.

- c. - America san no kuruma wa₂ John wa₁ kaimashita.
 [+contrastivo]
 América produto GEN carro TC John TÓP comprou
 - [O carro americano]_{TC} o John comprou.
- d. * - America san no kuruma wa₁ kaimashita.
 América produto GEN carro ACC comprou
 - A respeito do carro americano, comprou.

Em (16a) o DP *America san no kuruma* ‘o carro americano’ só pode ser interpretado como TC devido ao traço [+contrastivo] estabelecido contextualmente. O discurso apresenta anteriormente as duas opções de carros e a escolha pelo carro americano atribui a esse DP a interpretação com os traços de exaustividade e contrastividade.

(16b) apresenta um contexto de foco informacional. Na pergunta a expressão WH *dotira* ‘qual’ é marcada com o acusativo estrutural *-o* e por isso na resposta o objeto foco de informação também recebe a marcação *-o*. Neste contexto de resposta não estão presentes os traços de exaustividade ou contrastividade.

(16c) apresenta o objeto TC na periferia esquerda da sentença. Quando esse deslocamento acontece, o sujeito tópico temático passa a ocupar a segunda posição na sentença.

E (16d) é agramatical porque o objeto de verbos transitivos como *kau* ‘comprar’ não pode ser tópico temático na periferia esquerda da sentença.

Como os exemplos em (15) e (16) mostraram, a posição do DP objeto na sentença é uma propriedade relevante para distinguir o emprego de *wa₁*, *wa₂* e *-o*.

- (17) a. John wa₁ nani o katta?
 John TÓP o que ACC comprou
 O que o João comprou?
- b. John wa₁ [hon o]_F katta.
 John livro ACC comprou
 O João comprou [o livro]_F.
- c. A Maria abre a porta e diz:
 - John wa₁ hon o katta.
 John livro ACC comprou
 - O João comprou o livro.

(17b) em resposta a (17a) apresenta *in situ* o DP objeto *hon o* ‘livro ACC’, que é foco de informação nesse contexto. (17c), no entanto, é uma declaração sem ter como contexto anterior uma pergunta, e nessa situação o DP objeto não está focalizado.

Observe agora os exemplos em (18):

- (18) a. John wa_{1/2} kono hon o katta.
 John TÓP/TC esse livro ACC comprou
 A respeito do João, (ele) comprou esse livro. (leitura com wa₁)
 O João comprou esse livro (A Mary não comprou). (leitura com wa₂)
- a'. John ga kono hon o katta.
 John NOM Foco esse livro ACC comprou
 [O João]_F comprou esse livro.
- b. John wa₁ kono hon wa₂ katta.
 John TÓP esse livro TC comprou
 (shinbun wa₂ kawanakatta)
 (jornal TC não comprou)
 Sobre o João, comprou esse livro (Não comprou o jornal)
- c. John wa₁ kono hon o/*wa₁ katta.
 John TÓP esse livro ACC/*TÓP comprou
 Sobre o João, comprou esse livro.
- d. *Hon wa₁ John wa₁ katta.
 Livro TÓP John TÓP comprou
 A respeito do livro, o João comprou .

Em (18a) o DP sujeito *John wa* poderá ser tópico temático (wa₁) ou tópico contrastivo (wa₂). Será temático no contexto tópico-comentário, e será contrastivo no contexto em que haja a pressuposição de um outro DP sujeito, referenciado anteriormente no discurso, e excluído da predicação de comprar o livro, por exemplo, *Mary wa hon o kawanakatta* ‘A Mary não comprou o livro’ num contexto em que se quer saber qual dos dois, *Mary* ou *Jon*, comprou o livro.

Na sentença (18a') temos o contexto em que o DP sujeito *John* é marcado com *-ga* e está focalizado. Nessa sentença o DP sujeito é foco informacional caso resposta à pergunta *Dare ga hon o kaimashita ka?* 'Quem comprou o livro?'. Será foco identificacional⁵³ em um contexto de resposta a uma pergunta clivada como "Quem foi que comprou esse livro?", que presume solicitar informação exaustiva (Zanfeliz 2002); e será contrastivo no contexto em que o interlocutor corrige uma informação contrastando-a com uma nova informação introduzida no discurso, como: *Mary wa kono hon o katta* 'A Maria comprou esse livro' / *Iie. John ga kono hon o katta.* 'Não. Foi o John que comprou esse livro'.

Em (18b), o DP *John wa* é o tópico canônico da sentença e o DP objeto certamente é o tópico contrastivo, pois o contexto de contraste está estabelecido com respeito ao objeto: o João comprou o livro e não o jornal. O *DP_{wa}* objeto em sua posição canônica, ou seja, dentro do VP, sempre será tópico contrastivo, pois nessa posição ou ele é marcado morfologicamente com *-o* acusativo (para o contexto canônico da função de objeto ou para o contexto de objeto focalizado) ou ele é marcado com *-wa₂* contrastivo.

Conforme mostra a agramaticalidade de (18c) com *-wa* e de (18d), o *DP_{wa}* objeto de predicados transitivos como o verbo *kau* 'comprar' é agramatical como tópico temático, tanto *in situ* quanto na periferia esquerda da sentença. Esse *DP_{wa}* objeto, tanto [+definido] quanto [-definido], é marcado apenas como tópico contrastivo *-wa₂*.

Na periferia esquerda da sentença o DP objeto de verbo transitivo terá a marcação canônica de acusativo *-o* quando estiver focalizado (exemplo (18e)abaixo), e será marcado com *-wa₂* quando for tópico contrastivo (exemplo (18f)), apresentando o traço [+exaustivo]. Observe-se que a leitura exaustiva de (18f) indica que, de um conjunto de possibilidades de compra (referenciadas no discurso anteriormente) John comprou apenas o livro.

Em (18g) apresentamos o contexto clássico de emprego do tópico contrastivo no DP objeto. Nesse exemplo os dois DPs objeto em contraste são marcados com *-wa₂* e a marcação com o acusativo *-o* é agramatical.

- (18) e. [Hon o]_F John wa₁ katta.
 Livro ACC John TÓP comprou
 [O livro]_F o João comprou.

⁵³ Kiss (1998).

- f. Hon wa₂ John wa₁ katta.
 livro TC John TÓP comprou
 O livro o João comprou. [+exaustivo]
- g. Hon wa₂/*o John wa₁ katta ga
 livro TC/*ACC John TÓP comprou mas
- shinbun wa₂/*o kawanakatta.
 jornal TC/*ACC comprou não
 O livro o João comprou, mas o jornal não (comprou).
 [+exaustivo,+contrastivo]

Um questionamento que surge é a respeito do DP objeto de verbo transitivo não ser tópico temático. *In situ* (i.e., dentro do VP) esse DP objeto não pode ser tópico temático, pois a posição canônica desse tipo de tópico é a periferia esquerda da sentença.

E na posição de deslocamento para a periferia esquerda, por que não é marcado com wa₁?

Comparando (18e) e (18f), observamos que quando deslocamos o DP objeto para a periferia esquerda da sentença, é porque ele apresenta os traços [+exaustivo] ou [+exaustivo,+contrastivo], e nesse contexto o DP objeto ou será foco ou será tópico contrastivo (TC). Nessa situação o DP objeto ocupa a posição de SpecFocP.

A descrição apresentada nesta seção sobre o emprego de DP objeto de verbo transitivo⁵⁴ como tópico contrastivo, tópico temático ou objeto canônico permite organizar a seguinte tabela de distribuição:

- (19) A distribuição de -wa₁, -wa₂ e -o sobre o DP objeto de verbo transitivo

DP objeto de verbo transitivo	DP wa ₁	DP wa ₂	DP o
DP objeto <i>in situ</i> ou foco informacional			+
DP objeto focalizado pela configuração sintática Na periferia esquerda da sentença			+
DP objeto como tópico contrastivo <i>In situ</i>		+	

⁵⁴ Como os exemplos mostraram, fazemos referência aos objetos de verbo transitivo como *kau* ‘comprar’.

DP objeto de verbo transitivo	DP wa_1	DP wa_2	DP o
DP objeto como tópico contrastivo Na periferia esquerda da sentença		+	
DP objeto como tópico temático <i>In situ</i>	-		
DP objeto como tópico temático Na periferia esquerda da sentença	-		

Em sua posição *in situ*, ou seja, dentro do VP, o DP objeto argumento interno do predicado será marcado com o Caso acusativo $-o$, podendo estar focalizado prosodicamente dependendo do contexto. Se, nessa posição interna ao VP, o DP estiver marcado com $-wa$, necessariamente será tópico contrastivo ($-wa_2$).

Verifica-se, então, uma distribuição complementar na marcação do DP objeto nos exemplos analisados: tanto *in situ* quanto na periferia esquerda da sentença será marcado com wa_2 , quando for tópico contrastivo, e será marcado com $-o$ quando for objeto acusativo *in situ*, foco informacional, ou ainda foco identificacional ou contrastivo na periferia esquerda.

7.3.2 O objeto nominativo e o tópico contrastivo

Nesta seção descreveremos o objeto nominativo com a marca morfológica de tópico contrastivo.

- (20) Watashi wa_1 sakana ga_1 suki desu.
 Eu TÓP peixe NOM agrado é
 Eu gosto de peixe.

No exemplo (20) o objeto nominativo *sakana ga_1* , “peixe NOM” é marcado com ga_1 . Esse fenômeno⁵⁵ é uma propriedade de predicados estativos como *suki desu* “gostar”. O predicado que denominamos estativo em português constitui-se, em japonês, do verbo inacusativo *desu* “é” + o DP *suki* “agrado, gosto”.

O que Kuno chama de objeto nominativo é, na verdade, o argumento sujeito do predicado inacusativo *suki* “agrado, gosto”, predicado de uma *small clause*.

Vários predicados denominados estativos na língua japonesa,

⁵⁵ Originalmente explicado por Kuno (1973) e descrito no capítulo 2 desta tese.

como *hosii* ‘querer’, *kirai* ‘odiar’, *kowai* ‘ter medo’, apresentam a mesma estrutura inacusativa de *suki* ‘gostar’.

- (21) Watashi wa₁ sakana ga₁ suki. (tempo presente)
 Eu TÓP peixe NOM agrado
 Eu gosto de peixe.

O exemplo (21), sinônimo em sentido a (20), não apresenta o verbo *desu* ‘é’. No tempo verbal presente esse emprego é facultativo. No tempo passado ou futuro, no entanto, o verbo inacusativo não pode ser omitido, como nos exemplos (22) e (23) – em (22) o verbo *deshita* e em (23) a perífrase de futuro *ni naru*.

- (22) a. Watashi wa₁ sakana ga₁ suki deshita.
 Eu TÓP peixe NOM agrado foi
 Eu gostei de peixe.
- b. * Watashi wa₁ sakana ga₁ suki.
 Eu TÓP peixe NOM agrado
 Eu gostei de peixe.
- (23) a. Watashi wa₁ sakana ga₁ suki ni naru to omoimasu.
 Eu TÓP peixe NOM agrado para tornar C penso
 Eu acho que vou gostar de peixe.
- b. * Watashi wa₁ sakana ga₁ suki to omoimasu.
 Eu TÓP peixe NOM agrado C penso
 Eu acho que vou gostar de peixe.

O objeto nominativo, quando é tópico contrastivo, apresenta a marcação morfológica *-wa₂* no lugar de *-ga₁*.

- (24) Watashi wa₁ sakana wa₂ / # ga₁ suki desu ga
 Eu TÓP peixe TC / # NOM agrado é mas
- carne TC / # NOM desgosto é
 niku wa₂ / # ga₁ kirai desu.
 Sobre mim, gosto de peixe mas não gosto de carne.
 [+contrastivo]

No exemplo (24) *sakana wa₂* ‘peixe TC’ é o objeto nominativo que contrasta com *niku wa₂* ‘carne TC’. Nesse contexto o emprego da partícula *ga₁* é inadequado devido à presença do traço [+contrastivo] no contexto em que são empregados os DPs *sakana* ‘peixe’ e *niku* ‘carne’.

- (25) Pedro wa₁ sakana wa₂ suki desu.
 Pedro TÓP peixe TC agrado é
 Pedro gosta de peixe. [+exaustivo]

Em (25) o objeto nominativo *sakana wa₂* ‘peixe TC’ é tópico contrastivo em sua posição canônica, apresenta o traço [+exaustivo] com a interpretação de que entre tantas outras opções de alimentos, Pedro gosta de peixe. Se não houvesse essa leitura de exclusão/exaustividade o DP objeto deveria ser marcado com *ga₁*.

- (26) Sakana wa₂/* wa₁ Pedro wa₁ suki desu ga
 Peixe TC/*TÓP Pedro TÓP agrado é mas

 niku wa₂/* wa₁ kirai desu.
 carne TC/*TÓP desagrado é
 De peixe Pedro gosta , mas de carne (ele) não gosta.

(26) apresenta o objeto nominativo *sakana wa₂* ‘peixe TC’ na periferia esquerda da sentença. Apesar de ser essa a posição clássica do tópico temático (*-wa₁*), a interpretação de tópico temático do objeto nominativo é agramatical (o que ocorre também com o objeto de verbo transitivo). E o traço [+contrastivo] sobre o DP objeto justifica a ocorrência de *-wa₂*.

Se não houvesse o contexto de contrastividade como ocorre em (27), o DP objeto *sakana* ‘peixe’ na periferia esquerda da sentença seria marcado com *-ga₁*, o nominativo atribuído estruturalmente. Em (27) esse DP está focalizado devido à posição de deslocamento à esquerda; e em (28), sem o deslocamento, a leitura do DP *sakana* ‘peixe’ não é de foco.

- (27) Sakana ga₁/* wa₂/ *wa₁ Pedro wa₁ suki desu.
 Peixe NOM/*TC/TÓP Pedro TÓP agrado é
 De peixe o Pedro gosta.

 (28) Pedro wa₁ sakana ga₁ suki desu.
 Pedro TÓP Peixe NOM agrado é
 O Pedro gosta de peixe.

Após esta reflexão sobre o objeto nominativo como tópico contrastivo é possível retornar à tabela apresentada em (19), agora reformulada em (29).

(29) A distribuição sobre o DP objeto: $-wa_1$, $-wa_2$, $-o$ e $-ga_1$
(objeto nominativo)

DP objeto	DP wa_1	DP wa_2	DP o	DP ga_1
DP objeto VT ⁵⁶ <i>in situ</i> ⁵⁷ ou Foco informacional			+	
DP objeto VT focalizado pela configuração sintática Na periferia esquerda da sentença			+	
DP objeto VT como tópico contrastivo <i>in situ</i>		+		
DP objeto VT como tópico contrastivo Na periferia esquerda da sentença		+		
DP objeto VT como tópico temático <i>in situ</i>	-			
DP objeto VT como tópico temático Na periferia esquerda da sentença	-			
DP objeto nominativo Sujeito de predicado estativo ⁵⁸ Posição spec IP ou Foco informacional				+
DP objeto nominativo focalizado Na periferia esquerda da sentença				+
DP objeto nominativo como tópico contrastivo Na posição spec IP		+		
DP objeto nominativo como tópico contrastivo Na periferia esquerda da sentença		+		
DP objeto nominativo como tópico temático Na posição spec IP	-			
DP objeto nominativo como tópico temático na periferia esquerda da sentença	-			

⁵⁶ Objeto VT refere-se ao objeto de verbo transitivo, como o exemplificado no texto.

⁵⁷ Nesse contexto não fazemos referência à focalização prosódica, recurso pelo qual, mesmo na posição canônica, o DP objeto poderia ser foco informacional, identificacional ou contrastivo.

⁵⁸ Como mencionado no início da seção, fazemos referência ao objeto nominativo de predicado estativo do tipo verbo inacusativo *desu* “é” + o DP *suki* “agrado, gosto”

O DP como objeto nominativo *in situ* é marcado morfológicamente com ga_1 . Nessa posição, quando for marcado com $-wa$, certamente terá leitura de tópico contrastivo (wa_2), da mesma forma que ocorre com o objeto que quando *in situ* é marcado com o acusativo estrutural $-o$.

Quando o DP objeto ocorre na periferia esquerda da sentença, se for tópico contrastivo será marcado com $-wa_2$; se estiver focalizado, terá a mesma marcação morfológica que recebe canonicamente *in situ*: $-ga_1$ para objeto nominativo e $-o$ para objeto acusativo.

Quanto ao tópico temático, tanto o objeto acusativo (de verbo transitivo) quanto o objeto nominativo dos exemplos descritos não são marcados com $-wa_1$. A posição *in situ* desses objetos não pode ser interpretada como tópico temático.

A tabela em (29) pode ser sintetizada em (30), mostrando a distribuição complementar dos morfemas que acompanham o DP objeto sentencial em contexto de emprego canônico (objeto acusativo ou objeto nominativo) e tópico contrastivo.

(30) A distribuição sobre o DP objeto⁵⁹: $-wa_1$, $-wa_2$, $-o$ e $-ga_1$ (objeto nominativo)

DP objeto	DP wa_1	DP wa_2	DP o / DP ga_1
DP objeto <i>in situ</i> ou foco informacional			+
DP objeto focalizado pela configuração sintática Na periferia esquerda da sentença			+
DP objeto como tópico contrastivo <i>In situ</i>		+	
DP objeto como tópico contrastivo Na periferia esquerda da sentença		+	
DP objeto como tópico temático <i>In situ</i>	-		
DP objeto como tópico temático Na periferia esquerda da sentença	-		

⁵⁹ DP objeto nominativo de predicados estativos como *suki desu* 'gostar' e DP objeto de verbos transitivos como *kau* 'comprar'.

7.3.3 O tópico contrastivo sobre o sujeito

O sujeito tópico contrastivo é marcado com $-wa_2$ e ocorre nos contextos em que o DP sujeito da oração matriz apresenta os traços [+exaustivo, +contrastivo] em relação ao DP sujeito da oração complementar.

- (31) Pedro wa_2 sakana ga_1 suki desu ga John wa_2
 Pedro TC peixe NOM gosto é mas John TC
- sakana ga_1 kirai desu.
 peixe NOM desgosto é
 O Pedro gosta de peixe mas o João não gosta

No contexto de exaustividade e contrastividade do DP sujeito exemplificado em (31) apenas a marcação de wa_2 é gramatical e adequada; nesse contexto, tanto o emprego de wa_1 (tópico temático) quanto de ga_1 (nominativo estrutural) seriam inadequadas, conforme (32) e (33).

- (32) # Pedro wa_1 sakana ga_1 suki desu ga John wa_1
 Pedro TÓP peixe NOM gosto é mas John TÓP
- sakana ga_1 kirai desu.
 peixe NOM desgosto é
 O Pedro gosta de peixe mas o João não gosta.

- (33) # Pedro ga_1 sakana ga_1 suki desu ga John ga_1
 Pedro NOM peixe NOM gosto é mas John NOM
- sakana ga_1 kirai desu.
 peixe NOM desgosto é
 O Pedro gosta de peixe mas o João não gosta.

Em (34) o objeto nominativo foi deslocado para a periferia esquerda da sentença onde está focalizado, mas os traços de [+exaustividade, +contrastividade] sobre o DP sujeito tópico contrastivo garantem a sua marcação como $-wa_2$.

- (34) Niku ga_1 Pedro wa_2 kirai desu ga John wa_2 suki desu.
 Carne NOM Pedro TC desgosto é mas John TC gosto é
 De carne o Pedro não gosta mas o João gosta.

Se, no lugar do predicado estativo, o DP sujeito tópico contrastivo ocorrer em uma sentença com um predicado transitivo por exemplo, também a marcação $-wa_2$ ocorrerá.

- (35) Pedro wa_2 hon o katta ga John wa_2 kawanakatta.
 Pedro TC livro ACC comprou mas John TC comprou não
 Pedro comprou o livro mas João não comprou.

Há contextos em que há apenas uma oração e o DP sujeito tópico será temático ($-wa_1$) quando houver valor negativo para os traços de exaustividade e contrastividade; e será TC ($-wa_2$) quando houver valor positivo para pelo menos o primeiro desses traços.

Como a periferia esquerda da sentença já é posição canônica do sujeito e do tópico, nessa posição o DP sujeito pode ser marcado com $-wa_1$ ou $-wa_2$, diferentemente do que ocorre com o DP objeto.

- (36) a. Mary wa_2 shinbun o kaimashita.
 Mary TC jornal ACC comprou

(hoka no hito wa_2 kaimasen deshita)
 (restante GEN pessoa TC comprou não)
 A Maria comprou o jornal. (o restante das pessoas não)
 [+exaustivo]

- b. Mary wa_1 shinbun o kaimashita.
 Mary TÓP jornal ACC comprou
 A respeito da Maria, comprou o jornal.
 [-exaustivo, -contrastivo]

- (37) a. Mary wa_2 sakana ga_1 suki desu.
 Mary TC peixe NOM gosto é

(hoka no hito wa kirai desu)
 (restante GEN pessoa TC desgosto é)
 A Maria gosta de peixe. (o restante das pessoas não)
 [+exaustivo]

- b. Mary wa_1 sakana ga_1 suki desu.
 Mary TÓP peixe NOM gosto é
 A respeito da Maria, gosta de peixe. [-exaustivo, -contrastivo]

A partir dos exemplos descritos, podemos retomar a tabela em (15) e sistematizar o emprego das marcas morfológicas sobre o sujeito na tabela em (38).

(38) A distribuição da marcação morfológica sobre o DP sujeito:
-*wa*, -*ga* e \emptyset

	DP <i>ga</i> ₁	DP <i>ga</i> ₂	DP <i>wa</i> ₁	DP <i>wa</i> ₂	\emptyset
Sujeito ao ser introduzido no discurso ou foco informacional (NOM estrutural)	+				
Sujeito já pressuposto, (com referência anterior no discurso)			+		+
Sujeito TÓP Tópico temático			+		
Sujeito TC Tópico contrastivo [+exaust] ou [+exaust. , +contrast.]				+	
Sujeito FOCO [+exaust] ou [+exaust. , +contrast.]		+			

Como a posição canônica do sujeito já é a periferia esquerda da sentença, a marcação morfológica do DP sujeito se distribui da seguinte forma: - *ga*₁ marca o sujeito quando este é introduzido no discurso, ou quando é foco de informação nos contextos de pergunta e resposta; - *wa*₁ é empregado para marcar o sujeito tópico da sentença, ou seja, uma informação com referência prévia no discurso; nesse contexto em que o sujeito já é pressuposto, ele pode ser marcado igualmente com \emptyset , isto é, sem apresentar marca morfológica visível. E quando o sujeito apresentar os traços [+exaustivo] ou [+exaustivo,+contrastivo]⁶⁰, ele será marcado com - *wa*₂ se for tópico contrastivo, e -*ga*₂ se for foco.

⁶⁰ Segundo Kiss (1998), o traço +exaustivo é parte constitutiva do traço +contrastivo.

7.3.4 O tópico contrastivo sobre sintagmas adjuntos⁶¹

Além de marcar morfologicamente os traços de exaustividade e/ou contrastividade no DP sujeito e no DP objeto, o marcador de tópico contrastivo $-wa_2$ também pode ocorrer sobre sintagmas que indicam i) lugar, ii) tempo, iii) exatidão de horário, iv) direção e v) finalidade, conforme exemplificado a seguir⁶².

i) Lugar

- (39) a.

	Puru de $wa_2/*wa_1$	oyoguimasu ga	umi
	Piscina em TC/*TÓP	nado mas	mar
de $wa_2/*wa_1$ oyoguimasen.			
	em TC/*TÓP	nado não	
	Nado na piscina, mas não nado no mar. [+contrastivo]		
- b.

	Puru	de $wa_2/*wa_1$	oyoguimasu.
	Piscina em TC	/*TÓP	nado
	Nado na piscina. [+exaustivo]		
- c.

	Puru de	oyoguimasu.	
	Piscina em	nado	
	Nado na piscina. [-exaustivo, -contrastivo]		

Em (39a) os sintagmas *puru de* ‘na piscina’ e *umi de* ‘no mar’ são marcados com $-wa_2$ porque se estabelece o contraste entre o sintagma locativo da primeira oração e o da segunda oração. A informação contrastiva dessa segunda oração poderia estar pressuposta no contexto. Observamos também que o emprego de $-wa_1$ é agramatical por dois motivos: a presença dos traços [+exaustivo, +contrastivo] que selecionam a realização morfológica de $-wa_2$, e a tipologia do sintagma: $-wa_1$ realiza-se sobre DPs⁶³ e não sobre sintagmas marcados por posposição (equivalentes a

⁶¹ A expressão sintagma adjunto refere-se aos sintagmas posposicionais como o exemplificado em (9) *nityoobi ni* ‘no domingo’.

⁶² Exemplos coletados oralmente em entrevista com a Professora Miyoko Saito, falante nativa de japonês e professora de língua japonesa do CELIN, Centro de Línguas da UFPR.

⁶³ Os autores se dividem entre o emprego da terminologia DP e NP. Optamos por DP pois entendemos que o determinante é parte constitutiva do sintagma nominal marcado morfologicamente por $-wa_1$.

PPs em português), quando é sempre agramatical.

No exemplo (39b) há apenas uma oração e o sintagma *puru de* ‘na piscina’ também recebe a marcação $-wa_2$. Neste contexto a leitura é de exaustividade (*nado na piscina e não em outro lugar*). O emprego de wa_1 é também agramatical.

E (39c) apresenta o sintagma locativo sem marcação $-wa_2$, i.e., uma leitura sem os traços de exaustividade ou de contrastividade. Uma leitura neutra, sem interpretação de tópico contrastivo ou tópico temático.

Nos exemplos a seguir a mesma descrição se aplica.

ii) Tempo

- (40) a. Getsuyoobi ni $wa_2/*wa_1$ gakko e ikimasu ga
segunda-feira em TC/TÓP escola para vou mas
- nitiyoobi ni $wa_2/*wa_1$ kyookai e ikimasu.
domingo em TC/TÓP igreja para vou
Na 2ª feira vou para a escola, mas no domingo vou para a igreja. [+exaustivo,+contrastivo]
- b. Getsuyoobi ni $wa_2/*wa_1$ gakko e ikimasu.
segunda-feira em TC/*TÓP escola para vou
Na segunda-feira vou para a escola. [+exaustivo]
- c. Getsuyoobi ni gakko e ikimasu.
segunda-feira em escola para vou
Na segunda-feira vou para a escola. [-exaustivo, -contrastivo]

iii) Exatidão de horário

- (41) a. Ashita godi ni $wa_2/*wa_1$ kite kudasai yo⁶⁴.
Amanhã cinco horas às TC/*TÓP venha por favor
[ênfase]
Amanhã venha às 5 horas (pontualmente) por favor.
[+exaustivo]

⁶⁴ A partícula *yo* é um marcador enfático que reforça a prosódia de sentenças exclamativas ou declarativas em contexto de pedido, reforço de ideia, advertência etc.

- b. Ashita godi ni kite kudasai.
 Amanhã cinco horas às venha por favor
 Amanhã venha às 5h. [-exaustivo]

Em (41a), ao empregarmos *godi ni wa₂* ‘às cinco horas exatamente’, o traço de exaustividade está presente porque exclui-se a possibilidade de qualquer outro horário. Já em (41b) essa leitura exaustiva não ocorre, i.e., não se atribui a leitura de exclusão de outros horários possíveis.

iv) Direção

- (42) a. Kayoobi ni daigaku e wa₂/*wa₁ ikimasu ga
 3ª feira em universidade para TC/*TÓP vou mas

 kyookai e wa₂/*wa₁ ikimasen.
 igreja para TC/*TÓP vou não
 Na terça-feira vou para a universidade, mas não vou para
 a igreja. [+exaustivo,+contrastivo]
- b. Kayoobi ni daigaku e wa₂/*wa₁ ikimasu.
 3ª feira em universidade para TC/*TÓP vou
 Na terça-feira vou para a universidade. [+exaustivo]
- c. Kayoobi ni daigaku e ikimasu.
 3ª feira em universidade para vou
 Na terça-feira vou para a universidade. [-exaustivo]

v) Finalidade

- (43) a. Shopping e kaimono ni wa₂/*wa₁ ikimasu ga
 shopping ao compra para TC/*TÓP vou mas

 benkyoo ni wa₂/*wa₁ ikimasen.
 estudo para TC/*TÓP vou não
 Vou ao shopping para compras, mas não para estudo.
 [+exaustivo,+contrastivo]
- b. Shopping e kaimono ni wa₂/*wa₁ ikimasu.
 shopping ao compra para TC/*TÓP vou
 Vou ao shopping para (fazer) compras. [+exaustivo]

- c. Shopping e kaimono ni ikimasu.
 shopping ao compra para vou
 Vou ao shopping para (fazer) compras. [-exaustivo]

As sentenças de (39) a (43) descrevem a distribuição de $-wa_2$ em sintagmas posposicionais do japonês, equivalentes à categoria dos PPs em português. Mostramos que $-wa_1$ se realiza sobre DPs e não sobre sintagmas posposicionais. Estes, quando marcados com $-wa$ necessariamente apresentam o valor positivo para os traços de exaustividade ou exaustividade e contrastividade. Quando esses traços estão ausentes, o sintagma posposicional não vem marcado morfologicamente com $-wa$.



CAPÍTULO 8 – O TÓPICO CONTRASTIVO ($-wa_2$) E OS FOCOS IDENTIFICACIONAL E CONTRASTIVO ($-ga_2$)

Tópico e foco, na literatura linguística, normalmente são considerados opostos polares; no entanto, como descrevemos no capítulo anterior, em japonês existe uma conexão entre a topicalidade e os traços de exaustividade e contrastividade, que nessa língua se realizam não apenas prosodicamente mas também por meio de Itens de Vocabulário específicos na morfologia de superfície.

Neste capítulo enfocaremos $-wa$ e $-ga$ e o traço de contrastividade.

8.1 $-wa$ e $-ga$: traços em comum?

Há um fenômeno que distingue o tópico na língua japonesa do tópico na língua portuguesa, e que o aproxima da noção de foco apresentada por Zubizarreta (1998). Segundo Rizzi (1997), o tópico pode ser retomado por um pronome resumptivo no comentário; contudo, uma sentença como (9b) apresentada no capítulo 7, repetida em (1), não é gramatical em japonês.

- (1) * John wa_1 kare wa_1 kono hon o yonda.
John TÓP ele TÓP esse livro ACC leu
O John, ele leu esse livro.

Nesse aspecto observamos que o sujeito tópico $-wa_1$ em japonês partilha uma propriedade com o sujeito focalizado do português, i.e., ambos não podem ser retomados por um pronome resumptivo. As noções de tópico temático $-wa_1$ e de foco não podem ser consideradas opostos polares em japonês.

Com relação a $-wa_2$, a própria nomenclatura Tópico Contrastivo (TC), proveniente da literatura gramatical japonesa, pode ser objeto de análise. Como a realização morfológica do TC é também $-wa$, coincidindo com a forma do $-wa$ tópico temático, essa denominação pode ter sido considerada a mais adequada. No entanto, nas seções 7.3.1 e 7.3.2 descrevemos o DP objeto TC e observamos que ele não se comporta como tópico canônico, a começar pela posição do sintagma na sentença: o objeto tópico contrastivo $-wa_2$ fica *in situ*, que é uma posição agramatical para o tópico temático $-wa_1$.

Nesta seção, a atenção é dirigida para a presença do traço [+contrastivo] como condição para a ocorrência de $-wa_2$. Esse traço é uma propriedade comum que o tópico contrastivo (Kuno 1973) e o foco contrastivo (Zubizarreta 1998) apresentam.

Nos exemplos a seguir reforçamos essa noção de que o pré-requisito para a ocorrência de $-wa_2$ e $-ga_2$ é o traço de contrastividade. Na ausência desse traço sobre o DP, a marcação de $-wa_2$ e $-ga_2$ é agramatical.

- (2) Party ni nidyu nin shootai shimashista.
Festa DAT vinte pessoas convite fiz
Convidei vinte pessoas para a festa.
- a. Minna wa₁ kimashita. [-contrastivo]
Todos TÓP vieram
Sobre todos, (eles) vieram.
- b. Dare ga₁ kimashita ka?
Quem NOM veio interr.
Quem veio?
- b?. Minna ga₁ kimashita. [-contrastivo]
Todos NOM vieram
Todos vieram.
- c. *Minna wa₂ kimashita. [-contrastivo]
Todos TC vieram
Todos vieram.
- d. *Minna ga₂ kimashita. [-contrastivo]
Todos NOM Foco vieram
[Todos]_F vieram.

Nos exemplos de (2a) a (2d) há o valor negativo para o traço de contrastividade, pois o contexto indica que o locutor convidou vinte pessoas para a festa e o comentário posterior é o de que todas vieram.

(2a) apresenta a estrutura tópico-comentário, com a realização de wa₁. A sentença é gramatical, pois o DP *minna* ‘todos’ refere-se à informação *nidyu nin* ‘vinte pessoas’ anteriormente mencionada no discurso.

(2b) apresenta uma pergunta WH, contexto típico de foco de informação. O constituinte que responde à pergunta substituindo a expressão

WH é o foco informacional no exemplo (2b'). Esse DP é marcado estruturalmente pelo Caso nominativo ga_1 , pois é o sujeito focalizado da sentença. O foco de informação não apresenta os traços de exaustividade e/ou contrastividade.

(2c) é agramatical porque o DP *minna* 'todos' possui inerentemente os traços [-exaustivo,-contrastivo] e, no contexto da sentença, pelo menos o valor positivo para o primeiro desses traços é requisito necessário para a ocorrência de $-wa_2$.

(2d) também é agramatical porque o traço [+contrastivo] é uma propriedade necessária para a ocorrência do marcador morfológico de foco contrastivo $-ga_2$.

Pelos exemplos em (2) reforçamos que o traço [+contrastivo] é um requisito tanto para a ocorrência do marcador morfológico $-wa_2$, de tópico contrastivo, quanto de $-ga_2$, foco contrastivo.

8.2 $-wa_2$ e $-ga_2$: diferenciação dos contextos de emprego

$-wa_2$ e $-ga_2$ são marcadores morfológicos dos traços de exaustividade e contrastividade na língua japonesa. Hipotetizamos que, no caso dos DPs sujeito, $-wa_2$ marca o tópico contrastivo (TC) e $-ga_2$ marca o foco contrastivo. Em relação aos DPs objeto de verbo transitivo⁶⁵, $-wa_2$ marca o objeto TC e o marcador de acusativo $-o$ permanece indicando o objeto focalizado, tanto foco de informação quanto foco contrastivo. Em relação ao objeto nominativo⁶⁶, da mesma forma que ocorre com o objeto de verbo transitivo, $-wa_2$ marca o objeto nominativo TC e $-ga_1$, marcador de Caso nominativo estrutural, é o item de vocabulário que permanece indicando o Caso do objeto nominativo tanto em contextos sem foco quanto com foco.

Já em relação aos sintagmas adjuntos, os traços de exaustividade e contrastividade serão marcados morfológicamente apenas por $-wa_2$, tanto nos contextos de tópico quanto nos de foco, pois o marcador $-ga$ realiza-se morfológicamente apenas com DPs e não ocorre com sintagmas adjuntos (sintagmas posposicionais).

Passamos à exemplificação nas subseções seguintes, onde poderemos testar nossa hipótese.

⁶⁵ Aqui nos referimos aos DPs objeto de verbos transitivos como *kau* 'comprar'.

⁶⁶ Aqui nos referimos aos objetos nominativos de predicados como *suki desu* 'gosto é =gostar', que são sujeito do verbo inacusativo *ser*, e por isso recebem a marcação estrutural de nominativo $-ga_1$, conforme visto no capítulo 7, seção 7.3.2

8.2.1 O tópico contrastivo e o foco contrastivo sobre o sujeito

O contexto para emprego de tópico contrastivo sobre o DP sujeito é a apresentação no discurso das duas possibilidades de ocorrência (um homem e uma mulher, no exemplo (3)) e a retomada de apenas uma dessas opções (já referidas anteriormente) que contrasta com a opção não escolhida.

- (3) Um homem e uma mulher estavam no escritório pedindo emprego. É verdade?

a. - *Otoko no hito wa₂ shigoto o*
 Masculino GEN pessoa TC trabalho ACC

sagashite imashita.
 procurando estava
 - O homem estava procurando emprego.

b. - *Otoko no hito wa₂ shigoto o sagashite imashita*
 Masculino GEN pessoa TC trabalho ACC procurando estava

ga onna no hito wa₂ sagashite imasen deshita.
 mas feminino GEN pessoa TC procurando estava não
 - O homem estava procurando emprego, mas a mulher não estava (procurando emprego).

Em (3a) e (3b), a marcação *-ga* no DP *Otoko no hito* ‘homem’ é agramatical, porque esse DP é uma informação já referenciada anteriormente no discurso.

O foco contrastivo sobre o sujeito supõe um contexto em que se inclui a negação de um valor previamente atribuído a uma variável *x* (um homem), e a atribuição de um novo valor a ela (uma mulher), como exemplificamos a seguir:

- (4) - Soube que um homem estava na recepção pedindo emprego.
 - *Iie. Onna no hito ga₂ shigoto o*
 Não feminino GEN pessoa NOM Foco trabalho ACC

sagashite imashita.
 procurando estava
 - Não. [Uma mulher]_F estava procurando emprego.

Em (4) a marcação de *-wa* no DP *Onna no hito* ‘mulher’ seria agramatical por se tratar de uma informação não-presuposta no contexto.

8.2.2 O tópico contrastivo e o foco contrastivo sobre o objeto VT⁶⁷ e sobre o objeto nominativo

Em japonês o DP objeto tópico contrastivo também é sempre marcado com *-wa*₂ e pode ou não ser antecedido pelo DP sujeito tópico temático na sentença, como mostram (5a) e (5b). Observe-se em (5c) que, quando o DP objeto tópico apresenta o traço [+contrastivo], o emprego da marcação estrutural acusativa *-o* é inadequado.

- (5) A Maria saiu para comprar um livro e uma revista. Será que ela comprou os dois?

a. - Maria wa₁ hon wa₂ kaimashita.
 Maria TÓP livro TC comprou
 - A Maria comprou o livro.

b. - Hon wa₂ kaimashita.
 livro TC comprou
 - Comprou o livro.

c. # - Maria wa₁ hon o kaimashita.
 Maria TÓP livro ACC comprou
 - A Maria comprou o livro.

Em relação ao objeto foco contrastivo, a marcação morfológica difere da do sujeito focalizado, que é marcado com *-ga*₂.

O DP objeto foco contrastivo é seguido do item de vocabulário *-o*, marcador de acusativo estrutural, e dispõe de dois recursos para indicar a focalização: i) o deslocamento para a periferia esquerda da sentença; ou ii) *in situ* com focalização prosódica (*pitch accent*), conforme os exemplos em (6).

- (6) - Soube que Pedro vai comprar um carro americano.
 a. - Iie. Nihon san no kuruma o
 Não. Japão produto GEN carro ACC

⁶⁷ VT= verbo transitivo

Pedro wa_1 kaimasu.
 Pedro TÓP compra
 - Não. [Um carro japonês]_F o Pedro vai comprar.

b. - Iie. Pedro wa_1 nihon san no kuruma o kaimasu.
 Não. Pedro TÓP Japão produto GEN carro ACC compra
 - Não. O Pedro vai comprar [um carro japonês]_F.

c. - Iie. Nihon san no kuruma o kaimasu.
 Não. Japão produto GEN carro ACC compra
 - Não. Vai comprar [um carro japonês]_F.

Em relação ao objeto nominativo, a inserção do marcador morfológico segue o mesmo padrão da marcação do objeto de VT. Quando o objeto nominativo é TC também é marcado com $-wa_2$, conforme o exemplo em (7a). E (7b) mostra a inadequação do emprego de $-ga_1$ no contexto de objeto nominativo tópico contrastivo.

(7) A sogra diz para a mãe de Pedro que ele gosta de peixe e de carne. E a mãe comenta:

a. Pedro wa_1 sakana wa_2 suki desu ga niku wa_2
 Pedro TÓP Peixe TC agrado é mas carne TC

kirai desu.
 desagrado é
 A respeito de Pedro, gosta de peixe, mas não gosta de carne.

b. # Pedro wa_1 sakana ga_1 suki desu ga niku ga_1
 Pedro TÓP Peixe NOM agrado é mas carne NOM

kirai desu.
 desagrado é
 A respeito de Pedro, gosta de peixe, mas não gosta de carne.

Quando o objeto nominativo está focalizado, mantém sua marcação canônica de Caso estrutural nominativo $-ga_1$. E também dispõe dos dois recursos para indicar a focalização: i) o deslocamento para a periferia

esquerda da sentença; ou ii) *in situ* com focalização prosódica (*pitch accent*), conforme os exemplos em (8).

- (8) A tia menciona que Pedro gosta de carne.
E a mãe de Pedro corrige:
- a. Sakana ga₁ Pedro wa₁ suki desu.
Peixe NOM Pedro TÓP agrado é
[De peixe]_F Pedro gosta.
É de peixe que Pedro gosta.
- b. Pedro wa₁ sakana ga₁ suki desu.
Pedro TÓP peixe NOM agrado é
Pedro gosta [de peixe]_F.

Acreditamos que a regra de inserção do marcador de Caso do objeto nominativo segue o mesmo parâmetro da regra de inserção do marcador do objeto VT. Este recebe o acusativo canônico *-o in situ* e mantém a mesma marcação morfológica quando deslocado para a periferia esquerda da sentença. Da mesma forma, o objeto nominativo é marcado com o Item de Vocabulário *-ga₁ in situ* (posição em que *ga₂* não ocorre) e mantém a mesma marcação em sua posição na periferia esquerda da sentença.

8.2.3 O tópico contrastivo e o foco contrastivo sobre o adjunto

Nos contextos em que o sintagma adjunto apresenta o traço [+contrastivo], seja ele foco ou tópico, ele é sempre marcado com *-wa₂*.

- (9) - Na semana passada a Maria foi para a igreja no sábado e no domingo. E nesta semana?
- a. - Nitiyoobi niwa₂ Maria wa₁ kyookai e ikimasu.
Domingo em TC Maria TÓP igreja para vai
- No domingo a Maria vai para a igreja.
- b. # - Nitiyoobi ni Maria wa₁ kyookai e ikimasu.
Domingo em Maria TÓP igreja para vai
- No domingo a Maria vai para a igreja.

- c. * - Nitiyoobi niwa₁ Maria wa₁ kyookai e ikimasu.
 Domingo em TÓP Maria TÓP igreja para vai
 - A respeito do domingo, a Maria vai para a igreja.

Para o contexto contrastivo em que duas opções de dias da semana são fornecidas previamente no discurso e o falante seleciona uma delas, apenas a resposta (9a) é adequada.

(9b) é inadequada justamente pela ausência do marcador *-wa₂* no contexto em que a contrastividade precisa ser indicada.

E (9c) é agramatical porque o marcador de tópico temático acompanha apenas DPs, não marca sintagmas posposicionais.

Em situação de focalização (11), *-wa₂* acompanha o sintagma adjunto⁶⁸ com o valor positivo para os traços de exaustividade e contrastividade. Nos contextos de foco de informação, (10a) e (10a'), esse item de vocabulário não é inserido.

- (10) a. - Itsu Maria wa₁ kyookai e ikimasu ka?
 Quando Maria TÓP igreja para vai interr.
 - Quando a Maria vai à igreja?
- a'. - Nitiyoobi ni Maria wa₁ kyookai e ikimasu.
 Domingo em Maria TÓP igreja para vai
 - No domingo a Maria vai para a igreja.
- (11) Uma amiga comenta que a Maria vai para a igreja todo sábado. E eu corrijo:
- a. - [Nitiyoobi ni]wa₂ Maria wa₁ kyookai e ikimasu.
 [Domingo em]_F Maria TÓP igreja para vai
 - [No domingo]_F a Maria vai para a igreja.
- b. # - Nitiyoobi ni Maria wa₁ kyookai e ikimasu.
 Domingo em Maria TÓP igreja para vai
 - No domingo a Maria vai para a igreja.
- c. * - Nitiyoobi niwa₁ Maria wa₁ kyookai e ikimasu.
 Domingo em TÓP Maria TÓP igreja para vai
 - A respeito do domingo, a Maria vai para a igreja.

⁶⁸ O sintagma adjunto nunca é marcado por *-ga* NOM ou por *-o* ACC, que são marcadores do Caso estrutural de argumentos.

$-wa_2$ é a marca de foco contrastivo sobre o sintagma adjunto, conforme (11a). A sentença (11b) é inadequada devido à ausência dos traços [+exaustivo,+contrastivo], e (11c) é agramatical porque o marcador de tópico temático acompanha apenas DPs argumentos, não marca sintagmas posposicionais.

Assim, a respeito da distribuição morfológica dos traços de exaustividade e contrastividade é possível sintetizar as informações nas tabelas em (12) e (13).

(12) A marcação morfológica do Tópico Contrastivo

	$-wa_2$	$-ga_2$	$-o/-ga_1$
DP Sujeito	+		
DP Objeto VT e DP objeto nominativo	+		
Sintagma adjunto	+		

(13) A marcação morfológica do Foco Contrastivo

	$-wa_2$	$-ga_2$	$-o/-ga_1$
DP Sujeito		+	
DP Objeto VT e DP objeto nominativo			+
Sintagma adjunto	+		

Recordamos que as tabelas (12) e (13) se referem à marcação morfológica do sintagma que apresenta o traço da contrastividade. Essa marcação morfológica está associada à posição sintática do sintagma na sentença: $-wa_2$ marca o sintagma [+contrastivo] tanto *in situ* quanto deslocado para a periferia esquerda da sentença; $-ga_2$ marca o DP sujeito⁶⁹ focalizado na periferia esquerda da sentença; $-o$ é a marcação canônica do DP objeto e $-ga_1$ é a marcação do DP objeto nominativo, logo, a focalização desses DPs objeto é indicada ou *in situ* por meio da prosódia, ou com o deslocamento do DP objeto para a periferia esquerda da sentença.

⁶⁹ Marca também o sintagma genitivo focalizado na periferia esquerda da sentença.



CAPÍTULO 9 – DPGA GENITIVO + DPGA NOMINATIVO: FOCALIZAÇÃO E POSSIBILIDADE DE OCORRÊNCIA

Este capítulo tem por objetivo descrever a sequência *DPno DPga* e sua formação equivalente focalizada *DPga DPga*⁷⁰, empregada nos contextos em que o primeiro DP do sintagma é marcado pelo traço de foco. Aplicaremos os testes de topicalização, focalização e relativização, observando a gramaticalidade das sentenças e as relações semânticas que se estabelecem entre os DPs do sintagma genitivo.

9.1 O Caso genitivo e a relação semântica parte-todo

As relações semânticas de posse e de partitividade normalmente são expressas pelo marcador morfológico de Caso genitivo *-no*, relações que se estabelecem dentro do sintagma nominal. Observe os exemplos em (1) abaixo:

- (1) a. John no kuruma no taia ga panku shita.
John GEN carro GEN pneu NOM furou
Furou o pneu do carro do John.
- b. * Kuruma no John no taia ga panku shita.
carro GEN John GEN pneu NOM furou
Furou o pneu do John do carro.
- c. * John no taia no kuruma ga panku shita.
John GEN pneu GEN carro NOM furou
Furou o carro do pneu do John.

O DP com papel temático de possuidor *John no* ‘John GEN’ antecede o DP com o papel de objeto possuído, *John no kuruma* ‘carro do John’; e no sintagma que indica a partitividade, *kuruma no taia* ‘o pneu do carro’, o DP que indica o todo antecede o DP que indica a parte. Outras ordens são agramaticais, conforme exemplificamos em (1b) e (1c).

⁷⁰ Essa estrutura *DPga DPga*, em vez de *DPno DPga*, é empregada nos contextos de focalização do DP genitivo. Há uma forma alternativa de focalização por meio da prosódia, situação em que o item de vocabulário *-no* (marcação canônica do genitivo) permanece. Muitos falantes nativos preferem esta forma de focalização por meio da prosódia por considerá-la mais natural.

Observe agora (2) abaixo:

- (2) John no kuruma no taia wa panku shita.
 John GEN carro GEN pneu TÓP furou
 A respeito do pneu do carro do John, (ele) furou.

A comparação de (1a) e (2) sugere que o sintagma *John no kuruma no taia* ‘o pneu do carro do John’, argumento interno do predicado inacusativo *panku shita* ‘furou’, pode receber a marcação morfológica de sujeito estrutural ou de tópico sentencial, dependendo do contexto discursivo em que está inserido.

Para expressar a relação entre o todo e sua parte num contexto de focalização, o marcador morfológico de genitivo *-no* pode se realizar como o marcador discursivo de foco *-ga₂*. Dado que o Caso Genitivo é um Caso inerente que já vem acompanhado da função temática relevante, deve-se hipotetizar que em LF serão somadas as duas interpretações: permanece a interpretação Genitiva e se sobrepõe a leitura de focalização do DP Genitivo marcado com *-ga₂*, como ocorre em (3a) e (3b).

- (3) Situação: O dono de um estacionamento chega no final da tarde e conversa com seu funcionário:
 - É verdade que furou o pneu de uma van?

E o funcionário responde:

- a. - Iie, [John no kuruma] *ga₂* taia *ga₁* panku shita.
 Não [John GEN carro]Foco pneu NOM furou
 - Não, [O carro do John]_F furou o pneu.
- b. - Iie, [Kuruma] *ga₂* taia *ga₁* panku shita.
 Não [carro]Foco pneu NOM furou
 - Não, [um carro]_F furou o pneu

É importante observar que este mesmo sintagma Genitivo, se não estiver marcado discursivamente pelo foco, pode apresentar-se como tópico da sentença, com a marca *-wa*. Em japonês, a estrutura sintática garante a interpretação da relação genitiva da estrutura que apresenta um DP genitivo marcado com *-wa₁* tópico em posição inicial na sentença e anteposto ao DP com o qual estabelece a relação parte/ todo.

- (4) a. [John no kuruma] wa₁ taia ga₁ panku shita.
 [John GEN carro]TÓP pneu NOM furou
 O carro do John, furou o pneu dele.
- b. [Kuruma] wa₁ taia ga₁ panku shita.
 [carro]TÓP pneu NOM furou
 O carro, o pneu furou.

Baseando-se nessa primeira descrição, buscamos verificar as possibilidades de distribuição na realização dos marcadores morfológicos que indicam a relação genitiva parte/todo no sintagma. Apresentamos, assim, uma primeira alternativa de distribuição.

- (5) DP genitivo expressando a relação parte/todo - distribuição complementar: *-no* genitivo, *-ga₂* foco e *-wa₁* tópico canônico

DP genitivo na relação parte/todo (Periferia esquerda da sentença)	DP genitivo foco	DP genitivo tópico
<i>-no</i> (genitivo)	-	-
<i>-ga₂</i>	+	-
<i>-wa₁</i>	-	+

Para verificar os tipos de focalização que *-ga₂* representa em sua realização morfológica, passamos aos testes. Inicialmente no contexto pergunta-resposta:

- (6) a. Nani no taia ga₁ panku shita ka?
 O que GEN pneu NOM furou interr.
 Furou o pneu do quê?
- b. Kuruma no taia ga₁ panku shita.
 Carro GEN pneu NOM furou
 Furou o pneu do carro.
- c. # Kuruma ga₂ taia ga₁ panku shita.
 [Carro]Foco pneu NOM furou
 [Um carro]_F furou o pneu.

Verificamos que (6b), com a marca de genitivo *-no*, é a forma gramatical para o contexto de resposta à pergunta. É também a forma emprega-

da em contextos sem focalização, como o das sentenças declarativas, que em português podem se estruturar com o DP posposto ao verbo inacusativo.

A marcação de $-ga_2$ torna a sentença-resposta inadequada ao contexto. Logo, $-ga_2$ não marca DP foco informacional de genitivos.

A seguir, testamos os contextos de foco identificacional e de foco contrastivo.

(7) Foco identificacional [+exaustivo]

Você e Pedro trabalham em um estacionamento. Ontem ele folgou, mas hoje ouviu comentários de que furou o pneu de vários tipos de veículos durante o expediente, e pergunta se é verdade. Você diz que não:

- (7a) - [Kuruma] ga_2 taia ga_1 panku shita.
 [carro]Foco pneu NOM furou
 - Um carro furou o pneu. (e nenhum outro meio de transporte)

- (7b) - Kuruma no deshita.
 carro GEN foi
 - Foi de um carro.

Portanto, $-ga_2$ pode veicular a informação de foco [+exaustivo] em estruturas com genitivos.

(8) Foco contrastivo [+exaustivo, +contrastivo]

O dono de um estacionamento chega no final da tarde e conversa com seu funcionário:

- É verdade que furou o pneu de um carro hoje?

E o funcionário responde:

- Iie, turaku ga_2 taia ga_1 panku shimashita.
 Não, caminhão Foco pneu NOM furou.
 - Não, furou o pneu [de um caminhão]_F.

- (8b) - Turaku no deshita.
 Caminhão GEN foi
 - Foi de um caminhão.

Observemos que $-ga_2$ acompanha tanto o DP focalizado com o traço [+exaustivo] quanto o DP com os traços [+exaustivo, +contrastivo].

Nesses dois contextos de focalização, identificacional e contrastiva, em português empregariamos o DP focalizado acentuado ou em forma de clivada ou pseudoclivada.

Reapresentamos, assim, a tabela:

- (9) DP genitivo na relação parte/todo: a distribuição das marcas *-no* genitivo, *-ga₂* foco e *-wa₁* tópico canônico

DP genitivo na relação parte/todo	DP genitivo Contexto de sentença neutra ou pergunta- resposta	DP genitivo [+exaustivo] ou [+exhaust, +contrastivo]	DP genitivo tópico
DP- <i>no</i> na periferia esquerda	+	-	-
DP- <i>no</i> em posição final junto ao verbo SER. (clivada reduzida em português)		+	
DP- <i>ga₂</i> na periferia esquerda (Em português, clivada ou DP focalizado prosodicamente)	-	+	-
DP- <i>wa₁</i>	-	-	+

O sintagma genitivo (*DP no DP*) na relação semântica parte-todo, nos exemplos acima descritos, terá a realização morfológica *-no* nas sentenças neutras e no contexto de resposta a pergunta (foco informacional).

Nas sentenças em que o DP focalizado apresentar os traços [+exaustivo] ou [+exaustivo,+contrastivo] há duas possibilidades de realização morfossintática: a) será inserido o item de vocabulário *-no* quando o DP focalizado estiver em posição final junto ao verbo *desu* ‘ser’, que equivale em português à estrutura clivada reduzida; b) ocorrerá a inserção de *-ga₂* quando o DP focalizado estiver na periferia esquerda da sentença imediatamente anteposto ao DP com o qual estabelece a relação genitiva parte-todo (em japonês a ordem canônica é [DP indicador do todo] + [marcador de genitivo] + [DP

indicador da parte]).⁷¹

E a outra marcação morfológica possível é a de tópico canônico *-wa_i*. No contexto de início de sentença, ela concorre com os demais marcadores descritos na tabela (9), i.e., para a marcação do DP genitivo na periferia esquerda da sentença, *-wa_i* concorre com *-ga₂* e com *-no⁷²*, este último que se constitui a marcação canônica de genitivo na língua. Qual vencerá a concorrência dependerá dos traços contextuais do enunciado, presentes no núcleo que recebe o Item de Vocabulário.

9.2 O Caso genitivo e a relação semântica de posse (possuidor-possuído)

No contexto em que o marcador de Caso genitivo estabelece entre os DPs uma relação de posse, observa-se a seguinte ordem entre os DPs do sintagma: DP possuidor GEN DP possuído. Essa ordem é pré-requisito para a gramaticalidade da sentença, do mesmo modo que observamos também na relação parte-todo.

- (10) John no kuruma *ga₁* koshoo shita.
 John GEN carro NOM pifou
 O carro do João pifou.

A sentença acima pode ser empregada em dois contextos: a) em contexto neutro em que o DP-*ga* é informação introduzida no discurso, b) em contexto de pergunta-resposta com foco sobre o DP sujeito, situação exemplificada a seguir:

- (11) a. - Nani *ga₁* koshoo shita ka?
 O que NOM pifou interr.
 - O que pifou?
- b. - John no kuruma *ga₁* koshoo shita.
 [John GEN carro] NOM pifou
 - [O carro do João] pifou.

⁷¹ Conforme descrito no início deste capítulo, é importante lembrar que há contextos em que um sintagma adjunto (por exemplo, um indicador de temporalidade, *kinoo* ‘ontem’) pode ocupar a primeira posição da sentença. Nesta situação o DP focalizado passa a ocupar a segunda posição.

⁷² Mencionamos o fato de que o item de vocabulário *-no*, na língua japonesa, tem outras funções sintáticas além da marcação de genitivo que, no entanto, não são tema de estudo desta tese.

Em outros contextos como quando a informação é pressuposta, o sintagma *John no kuruma* ‘o carro do João’ pode ser marcado com *-wa* tópico sentencial, constituindo assim a estrutura tópico-comentário.

- (12) John no kuruma wa₁ koshoo shita.
 John GEN carro TÓP pifou
 Sobre o carro do João, pifou.

Em vez de topicalizar todo o sintagma, é possível marcar como tópico apenas o DP com o papel temático de possuidor. No momento da inserção dos Itens de Vocabulário, o marcador de tópico *-wa₁* é inserido, mas a interpretação de DP genitivo permanece em LF, acrescida da informação discursiva de tópico sentencial.

- (13) John wa₁ kuruma ga₁ koshoo shita.
 TÓP carro NOM pifou
 O João, o carro dele pifou.

Observe-se que na estrutura de tópico em português é preciso acrescentar o PP *dele*, mantendo-se na oração a relação sintática e a relação semântica de posse entre o DP *carro* e o DP topicalizado *João*. Em japonês essa relação por meio de pronome não ocorre nesse contexto, pois a marcação Casual genitiva (DP com papel temático de possuidor anteposto ao DP com papel temático de possuído) e a estrutura prosódica⁷³ garantem a gramaticalidade, conforme exemplificado em (12) e (13).

Verifiquemos, no entanto, que as estruturas genitivas não são uniformes com respeito ao comportamento que apresentam em relação ao emprego da marca morfológica *-ga₂*. Compare-se o exemplo da relação parte-todo em (14) com o exemplo da relação de posse em (15):

- (14) a. Kuruma no taia ga₁ panku shita.
 carro GEN pneu NOM furou
 Furou o pneu do carro.
- b. Kuruma ga₂ taia ga₁ panku shita.
 carro Foco pneu NOM furou
 O carro furou o pneu.

⁷³ O estudo da marcação prosódica dos DPs na sentença será tema de trabalhos futuros.

- (15) a. John no kuruma ga₁ koshoo shita.
 John GEN carro NOM pifou
 O carro do João pifou.
- b. * John ga₂ kuruma ga₁ koshoo shita.
 John Foco carro NOM pifou
 * O João pifou o carro.
 * O João o carro pifou.

(14b) é gramatical tanto em português quanto em japonês, e (15b) é agramatical nas duas línguas, apesar de a estrutura das sentenças ser muito semelhante.

Em (14) o sintagma genitivo *Kuruma no taia* ‘o pneu do carro’ apresenta uma relação semântica de parte/todo e em (15) o sintagma genitivo *John no kuruma* ‘o carro do João’ expressa uma relação de posse. Parece-nos que esta relação de posse, mais restrita semanticamente que a anterior, torna (15b) agramatical. Outra hipótese é a de que esses dois genitivos estão em lugares diferentes na estrutura sintática e, assim, só uma dessas posições é acessível ao *-ga*⁷⁴.

A estrutura exibida em (15b) é agramatical inclusive nos testes de foco identificacional e contrastivo, como veremos a seguir.

(16) Foco identificacional [+exaustivo]

Você e Pedro trabalham em um estacionamento. Ontem ele folgou, mas hoje ouviu comentários de que os carros de vários clientes pifaram durante o expediente, e pergunta se é verdade. E você diz que não:

- (16a) - John no kuruma ga₁ koshoo shita.
 John GEN carro NOM pifou
 - O carro do João pifou. (e nenhum outro carro)
 - Foi o carro do João que pifou.
- (16b) - John no deshita.
 John GEN foi
 - Foi o do João.

⁷⁴ Esse é um estudo para trabalhos futuros.

- (16c) * - John ga_2 kuruma ga_1 koshoo shita.
 John Foco carro NOM pifou
 * - O João pifou o carro.
 * - O João o carro pifou.
- (16d) * - Watashi ga_2 kuruma ga_1 koshoo shita.
 eu Foco carro NOM pifou
 * - Eu pifei o carro. (Em vez de: Meu carro pifou)
 * - Eu o carro pifou.
- (16e) * - Musume ga_2 kuruma ga_1 koshoo shita.
 moça Foco carro NOM pifou
 * - Uma moça pifou o carro. (em vez de: O carro da moça pifou)
 * - Uma moça o carro pifou.

(17) Foco contrastivo [+exaustivo +contrastivo]

Você e um amigo trabalham em um estacionamento. Ontem ele folgou, mas hoje ouviu comentários de que, durante o expediente, o carro do Pedro pifou, e pergunta se é verdade. E você diz que não:

- (17a) - John no kuruma ga_1 koshoo shita.
 John GEN carro NOM pifou
 - O carro do João pifou. (e não o do Pedro)
 - Foi o carro do João que pifou.
- (17b) - John no deshita.
 John GEN foi
 - Foi o do João.
- (17c) * - John ga_2 kuruma ga_1 koshoo shita.
 John Foco carro NOM pifou
 * - O João pifou o carro.
 * - O João o carro pifou.

Nos contextos de foco com os traços [+exaustivo] ou [+exaustivo +contrastivo] sobre o DP com papel temático de possuidor, encontramos a seguinte distribuição: a) será inserido o item de vocabulário *-no* quando o DP focalizado estiver em posição final junto ao verbo *ser*, que equivale

em português à estrutura clivada reduzida; b) não se emprega ga_2 porque é impossível este item indicar a relação genitiva (possuidor-possuído).

Temos assim o seguinte quadro:

- (18) DP genitivo na relação de posse: *-no* genitivo, *-ga₂* foco e *-wa₁* tópico canônico

DP genitivo na relação de posse	DP genitivo Contexto Sentença neutra ou pergunta-resposta	DP genitivo [+exaustivo] ou [+exaust, +contrastivo]	DP genitivo tópico
DP- <i>no</i> na periferia esquerda	+	-	-
DP- <i>no</i> em posição final junto ao verbo <i>ser</i> . (clivada reduzida em português)	-	+	-
DP- <i>ga₂</i> (clivada ou DP focalizado prosodicamente na periferia esquerda)	-	-	-
DP- <i>wa₁</i>	-	-	+

A marcação de Caso genitivo com *-no* é empregada canonicamente para indicar tanto a relação de parte-todo quanto a relação de posse.

As tabelas (9) e (18) mostram uma diferença na realização do Item de Vocabulário que marca o DP genitivo quando apresenta os traços [+exaustivo] ou [+exaustivo,+contrastivo]. Esse DP, ao ser focalizado, pode ser marcado com *-ga₂* apenas quando indica a relação de parte-todo (relação semântica que se mantém na focalização com *-ga₂*), mas esse DP genitivo não pode ser marcado com *-ga₂* quando a relação semântica estabelecida é a de posse.

9.3 O Caso genitivo e as orações relativas

Observemos agora um fenômeno que exibe comportamento contrário ao que examinamos nas seções anteriores. A conversão *DPga/DPno* nas orações relativas do japonês é um fenômeno que foi primeiramente

estudado por Harada (1973). O autor descreveu contextos em que o sujeito de uma oração relativa pode ser opcionalmente marcado com o genitivo *-no* no lugar do nominativo *-ga*. Bedell (1973) propôs uma análise na qual o NP⁷⁵ adquire a marca genitiva se estiver reestruturado em um posição dominada pelo NP, conforme exemplificamos em (19).

- (19) a. Taro *ga/no* *katta* *hon.*
 Taro NOM/GEN comprou livro
 O livro que Taro comprou
- b. [_{NP} NP no [... *katta*] *hon*]

Nesta seção, no entanto, estudaremos as construções genitivas em contexto de sentenças relativas, mais especificamente a conversão *DPno/DPga*. O que se observa é que também aqui se aplica a generalização das tabelas (9) e (18) em relação à focalização do DP genitivo. Retomemos os exemplos relevantes em (20a) e (21a) para compará-los com as sentenças relativas.

- (20) a. Kuruma *no* *taia ga₁* *panku shita.*
 carro GEN pneu NOM furou
 Furou o pneu do carro.
- b. Kuruma *no* *panku shita* *taia*
 carro GEN furou pneu
 O pneu do carro que furou
- c. [Kuruma *ga₂*] *panku shita* *taia*
 [carro Foco] furou pneu
 O pneu [do carro] que furou
- (21) a. John *no* *kuruma ga₁* *koshoo shita.*
 John GEN carro NOM pifou
 O carro do John pifou.

⁷⁵ Recordamos que nesta tese optamos pelo emprego de DP para fazer referência ao sintagma nominal, e que aqui preservamos a terminologia NP empregada pelo autor Bedell (1973) em seu trabalho.

- | | | | |
|----|--|--------------|--------|
| b. | John no | koshoo shita | kuruma |
| | John GEN | pifou | carro |
| | O carro do John que pifou | | |
| c. | * [John ga_2] | koshoo shita | kuruma |
| | [John Foco] | pifou | carro |
| | O carro [do John] que pifou (leitura pretendida) | | |
| | * O carro o John que pifou | | |

Em (20b) e em (21b) o processo de relativização ocorre gramaticalmente: cria-se um DP com uma oração relativa encaixada e mantém-se a marcação canônica de Caso genitivo no DP anteposto.

(20c) apresenta o DP genitivo (indicador da relação parte-todo) focalizado e por isso marcado com- ga_2 . Verificamos, no entanto, que o contexto paralelo em (21c) é agramatical, porque a relação semântica dos DPs no sintagma genitivo é possuidor-possuído, espelhando o que acontece em orações matrizes.

CAPÍTULO 10 - A MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA E AS REGRAS DE INSERÇÃO DOS ITENS DE VOCABULÁRIO *-ga* E *-wa*

Retomamos aqui os questionamentos apresentados na introdução desta tese, que guiaram nossas reflexões e a presente análise sobre o comportamento e a distribuição dos Itens de Vocabulário *-ga* e *-wa* na língua japonesa:

- a) Que feixes de traços morfossintático-semânticos estão envolvidos nos diferentes contextos em que o marcador de nominativo *-ga* e o marcador de tópico *-wa* aparecem nas sentenças?
- b) Quais combinações específicas desses traços geram as diferentes interpretações associadas à forma *-ga* e à forma *-wa*?
- c) Como esses significados são gerados por essas combinações?
- d) Como explicar a marcação *-ga* sobre o objeto nominativo e a alternância genitivo *-no*/nominativo *-ga* nas sentenças?
- e) Quais informações contextuais devem ser associadas a esses itens para que os falantes os insiram nos lugares correspondentes na estrutura da sentença?

Como os capítulos anteriores apresentaram, há uma multiplicidade de contextos que realizam o Item de Vocabulário *-ga*, do caso nominativo, e também o marcador morfológico *-wa* de tópico na superfície da sentença. As formas morfológicas do marcador *-ga* e do marcador *-wa* são subespecificadas, logo, podem veicular várias informações gramaticais, como a marcação de caso estrutural, e os traços morfossintáticos e semânticos de exaustividade, contrastividade, referencialidade (no sentido de informação referida anteriormente no discurso, informação presuposta) e definitude dos DPs, identificação representada morfológica e sintaticamente.

A tabela (1) propõe uma Hierarquia Universal de Traços (Noyer 1997) para o emprego dos Itens de Vocabulário *-ga* e *-wa*. Recordamos que, para uma maior adequação descritiva, nesta tese optamos por representar as duas interpretações do Item de Vocabulário *-ga* como *-ga₁* (marcador do DP sujeito em sentenças apresentativas, do DP sujeito foco de informação, do DP sujeito canônico marcado com nominativo estrutu-

ral⁷⁶) e *-ga*₂ (marcador do DP sujeito ou DP genitivo como foco contrastivo na periferia esquerda da sentença). E da mesma forma, para o Item de Vocabulário *-wa*, as duas interpretações distintas foram: *-wa*₁ (marcador de tópico na estrutura tópico-comentário) e *-wa*₂ (marcador de tópico contrastivo e, no sintagma adjunto também marcador de foco contrastivo), que foram estudados no decorrer deste trabalho.

(1) Regras de inserção dos Itens de Vocabulário⁷⁷ *-ga* e *-wa* na marcação morfológica do DP sujeito

Marca morfológ.		Referencialidade (pressuposição)	Contrastividade	Definitude	Posição sintática Perif. Esquerda
<i>-wa</i> ₁	Tópico temático	+	-	+	+
<i>-wa</i> ₂	Tópico contrastivo	+	+	+	+
<i>-ga</i> ₂	Foco contrastivo ⁷⁸	-	+	+	+
				-	
<i>-ga</i> ₁	Foco Informacional	-	-	+	+
				-	
<i>-ga</i> ₁	Sentença apresentativa	-	-	-	+

Postulamos que a combinação dos traços [contrastividade⁷⁹] e [referencialidade/pressuposição] determina qual o Item de Vocabulário que ganhará a concorrência e será inserido marcando morfológicamente o DP sujeito da sentença: *-ga* ou *-wa*.

Partimos da noção de referencialidade e de definitude de Chesterman (1991) e Enç (1991), mas adotamos também a noção de referencialidade como um traço do DP tópico da sentença. O traço [+referenciado]

⁷⁶ Há outros contextos em que se emprega o caso nominativo estrutural, como nos DPs sujeito de orações encaixadas. Esses outros contextos não foram objeto de estudo desta tese.

⁷⁷ Essas regras de inserção dos Itens de Vocabulário *-ga* e *-wa* se referem ao seu emprego em sentenças com verbos transitivos e inacusativos estudados nesta tese.

⁷⁸ *-ga*₂ marca foco contrastivo sobre o DP sujeito ou sobre o DP genitivo contido no DP sujeito, indicando a relação parte-todo, na periferia esquerda da sentença.

⁷⁹ Como o traço de exaustividade está contido no de contrastividade (Zubizarreta 1998, Kiss 1998), em nossa análise faremos uso do termo contrastividade. Entenda-se que a análise proposta se aplica aos sintagmas que apresentem pelo menos o traço de exaustividade, ou que apresentem os dois traços.

permite identificar um referente no universo discursivo, distinguindo-o de todos os outros indivíduos desse universo. E o valor positivo para o traço de referencialidade também indica que tanto o falante quanto o ouvinte podem identificar o referente que é tomado como o tópico da sentença, i.e., o DP tópico apresenta uma natureza pressuposicional e definida.

Em nossa análise empregamos o traço [+referenciado] como indicativo da identificação do referente no universo discursivo e também de sua identificação pelo falante e pelo ouvinte.

-ga₁ vence a concorrência quando o DP sujeito apresenta os traços [-contrastivo, -referenciado], que caracterizam o contexto de sentença apresentativa e também de foco de informação.

-ga₂ é o Item de Vocabulário inserido quando o DP sujeito tem os traços [+contrastivo, -referenciado], que são os traços do sujeito foco contrastivo. Nos contextos de foco identificacional os traços do DP serão [+exaustivo,-referenciado].

Portanto, *-ga* é subespecificado e traz, além do traço gramatical de NOM, o traço [-referenciado].

-wa₁ é inserido quando os traços [-contrastivo,+referenciado] estão presentes, que é característica do DP sujeito tópico da sentença na estrutura tópico-comentário. O tópico, por veicular a informação compartilhada pelos interlocutores da situação discursiva, é sempre [+referenciado].

E *-wa₂*, marcador de tópico contrastivo, marca morfologicamente o DP [+contrastivo,+referenciado]. O seu emprego prevê o contraste entre o DP sujeito citado na sentença e outro DP referenciado no discurso ou que faça parte do conhecimento partilhado entre locutor e interlocutor.

Assim, *-wa* é subespecificado e traz apenas o traço [+referenciado].

Quanto ao traço de definitude, o DP-*wa*, tanto o tópico temático quanto o tópico contrastivo, é sempre [+definido], justamente por ser a informação compartilhada pelos interlocutores ou referida anteriormente no discurso. O DP-*ga* de sentenças apresentativas será sempre [-definido], pois introduz o DP sujeito no discurso. Por outro lado, quando *-ga* marca DPs que veiculam foco informacional e foco contrastivo, ele é compatível com DPs que podem ser definidos ou indefinidos. Portanto, *-ga* também é subespecificado para a definitude; *-wa* traz o traço [+definido].

Em relação à posição sintática do DP marcado morfologicamente, a periferia esquerda da sentença é a posição canônica do sujeito. Ele pode ser antecedido de outros sintagmas como os adjuntos que, por hipótese, também estão deslocados à esquerda⁸⁰.

⁸⁰ O estudo desse tema ficará para pesquisas futuras.

Passamos agora à análise das regras de inserção de *-wa* e *-ga* quando marcam morfológicamente outros sintagmas da sentença.

- (2) Regras de inserção dos Itens de Vocabulário⁸¹ *-wa* e *-ga* na marcação morfológica do DP objeto VT, do DP objeto nominativo e do Sintagma adjunto

	Marca morfológ.	Referencialidade (pressuposição)	Contrastividade	Posição sintática <i>In situ</i> (com <i>pitch accent</i>)	Posição sintática Perif. Esquerda
Objeto VT Foco	<i>-o</i>	-	+	+	+
Objeto VT TC	<i>-wa₂</i>	+	+	+	+
Objeto NOM Foco	<i>-ga₁</i>	-	+	+	+
Objeto NOM TC	<i>-wa₂</i>	+	+	+	+
Sintagma Adjunto Foco	<i>-wa₂</i>	-	+	+	+
Sintagma Adjunto TC	<i>-wa₂</i>	+	+	+	+

Entendemos que os DPs com caso estrutural (nominativo e acusativo) mantêm sua marcação canônica, i.e., *-ga* para os DPs sujeito e *-o* para os DPs objeto. Por isso, o DP objeto de verbo transitivo mantém sua marcação *-o* mesmo no contexto de focalização. Para obter sua interpretação focalizada, conta com dois recursos: um sintático, que é o deslocamento do DP objeto para a periferia esquerda da sentença; e outro recurso que é o fonológico, com uma marcação prosódica com *pitch accent* quando está *in situ*. Assim, o Item de Vocabulário *-o* é especificado apenas pelo traço ACC.

Em relação ao objeto marcado com nominativo, vimos no capítulo 7, seção 7.3.2, que há objetos de predicados estativos como *suki desu* “gostar”, que são marcados com o nominativo *-ga*. O predicado que denominamos estativo em português constitui-se, em japonês, do verbo inacusativo *desu* “é” + o DP *suki* “agrado, gosto”. Nossa análise mostrou

⁸¹ Essas regras de inserção desses Itens de Vocabulário se referem ao seu emprego em sentenças com verbos transitivos e inacusativos estudados nesta tese. O seu emprego em outros tipos verbais ainda deverá ser estudado.

que o que Kuno (1973) chama de objeto nominativo é, na verdade, o argumento sujeito da *Small Clause*, selecionado pelo predicado inacusativo *suki* “agrado, gosto”. Assim, não é surpreendente que esse DP exiba a marcação de nominativo estrutural *-ga*.⁸² Para sua focalização, esse DP conta com os mesmos recursos de objeto de verbo transitivo: o deslocamento para a periferia esquerda da sentença ou a prosódia com *pitch accent* quando o DP está *in situ*.

Quanto aos sintagmas adjuntos, esses não recebem a marcação *-ga* porque *-ga* só marca morfologicamente DPs com o traço NOM e, assim, não acompanha sintagmas posposicionais, semelhantes aos sintagmas preposicionais em português.

E com relação ao DP genitivo⁸³ (conforme os exemplos descritos no capítulo 9, seção 9.1), nos contextos em que está na periferia esquerda da sentença e é foco contrastivo, recebe a marcação *-ga*, pois o marcador de genitivo *-no* (com o qual se alterna) não é Caso estrutural, e o sintagma genitivo é um DP, diferentemente do que ocorre com o sintagma adjunto. No entanto, a marca *-ga* só é possível quando o DP genitivo é sujeito do DP, expressando a relação parte-todo. Quando se trata da relação possuidor-possuído, *-ga* não é uma possibilidade, ao contrário do que se poderia esperar, dado o que diz a literatura sobre sujeitos dentro do DP (desde Chomsky 1970, *apud* Spencer 1993). Esse ponto deve ser aprofundado em trabalhos futuros, mas já é possível adiantar algo sobre a sua posição.

Quanto ao marcador de tópico contrastivo *-wa*, ele pode se realizar morfologicamente com uma gama de sintagmas: DP sujeito, DP objeto de verbo transitivo, DP objeto nominativo e sintagmas adjuntos, tanto na posição *in situ* quanto na periferia esquerda da sentença. O sintagma, no entanto, deve apresentar os traços [+contrastivo] e [+referenciado], que constituem o conjunto de traços de *-wa* tópico contrastivo e, portanto, uma exigência para que esse seja o Item de Vocabulário que se realiza morfologicamente.

⁸² Da mesma forma que o DP objeto mantém sua marcação de acusativo estrutural *-o*, o DP sujeito de verbo inacusativo (objeto nominativo, segundo Kuno 1973) mantém a sua marcação de nominativo estrutural *-ga*.

⁸³ DPs genitivos (relação parte-todo) contidos no sintagma sujeito.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assumindo a arquitetura de gramática da Morfologia Distribuída, esta tese fez uma descrição dos traços morfossintático-semânticos presentes nos contextos de emprego de *-ga*, marcador morfológico do Caso nominativo e de alguns tipos de foco, e de *-wa*, marcador de tópico temático e de tópico contrastivo na língua japonesa.

Investigamos o fenômeno do Caso nominativo múltiplo nos seguintes contextos: DP-*ga* genitivo seguido de DP-*ga* sujeito; e DP-*ga* sujeito focalizado seguido de DP-*ga* objeto nominativo. Verificamos que o DP-*ga* na periferia esquerda da sentença, nesses dois contextos, apresenta os traços [+exaustivo] ou [+contrastivo], o que focaliza o DP. Na ausência desses traços, o DP genitivo recebe a marcação morfológica *-no* e o DP sujeito não focalizado recebe a marcação de tópico temático *-wa*.

Identificamos os contextos que exibem a realização morfológica de *-ga*: *-ga*₁ marca o Caso nominativo estrutural do DP sujeito foco de informação e do DP sujeito em sentenças apresentativas. Nesses contextos o DP sujeito apresenta os traços [-referenciado,-contrastivo]. *-ga*₂ marca o DP sujeito e o DP genitivo (contido no sintagma sujeito) quando focalizados na periferia esquerda da sentença, contexto em que esses DPs têm os traços [-referencial,+exaustivo]. Assim, somos levados a dizer que *-ga* é subespecificado para vários traços dos nós em que ocorre, exibindo apenas os traços [-referenciado] e [-contrastivo].

O outro fenômeno estudado foi o da topicalização. Em japonês o marcador *-wa* é a realização morfológica de duas interpretações distintas: o tópico temático (*-wa*₁) da sentença e também o tópico contrastivo (*-wa*₂). O traço da contrastividade sobre o sintagma, o tipo de sintagma e sua posição na sentença são determinantes para a realização *-wa*. *-wa*₁ marca morfológicamente apenas DPs e sua posição canônica é a periferia esquerda da sentença. *-wa*₂ marca sintagmas nominais e posposicionais (aqueles marcados por posposições; alguns equivalem aos sintagmas preposicionais do português); i.e., é compatível com DPs sujeito, DPs objeto e sintagmas adjuntos, indicando o traço [+contrastivo] sobre eles. Ainda em relação a *-wa*₂, ele marca os sintagmas tanto *in situ* quanto na periferia esquerda da sentença. O valor positivo para o traço da referencialidade está sempre presente nos sintagmas marcados como tópico temático ou contrastivo. Portanto, *-wa*, diferentemente de *-ga*, é completamente subespecificado para qualquer traço gramatical, e é também subespecificado para traços discursivos como a contrastividade. Seu único traço é

a referencialidade, razão pela qual será escolhido quando o conjunto de traços do nó sintático for especificado com [+referenciado].

Como o presente trabalho já indicou, há outros temas envolvendo os marcadores morfológicos *-ga* e *-wa* que não foram objeto de estudo desta tese, e ficarão para pesquisas posteriores.

REFERÊNCIAS

ALLEN, C. L. A change in structural case marking in early middle english. In: THRÁINSSON, H.; EPSTEIN, S. D.; PETER, S. (Eds.). *Studies in comparative germanic syntax II*. Dordrecht: Kluwer, 1996. p. 3-20.

BEDELL, G. *On no*. UCLA Papers in Syntax 3. Syntax at Sunset. Los Angeles, CA: UCLA Working Papers in Syntax and Semantics, 1973. p. 1-20.

BOCCI, G. Criterial positions and left periphery in Italian: evidence for the syntactic encoding of contrastive focus. *Nanzan Linguistics*, Nagoya, v.1, Special Issue 3.1, p. 33-70, 2007.

BONET, E. *Morphology after syntax: pronominal clitics in romance*. 1991. 240f. Thesis (Doctor of Linguistics) - Massachusetts Institute of Technology. Dept. of Linguistics and Philosophy, Cambridge, MA, 1991.

BURZIO, L. *Italian syntax*. Dordrecht, Reidel: Springer, 1986.

BUTT, M. *Theories of case*. New York: Cambridge University Press, 2006.

CHESTERMAN, A. *On definiteness: a study with special reference to English and Finnish*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge: The MIT Press, 1965.

_____. *Lectures on government and binding*. Dordrecht, Holanda: Foris, 1981.

_____. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986.

_____. *The minimalist program*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

_____. *Minimalist inquiries: the framework*. Cambridge, MA: MIT, ms, 1998.

- _____. *Derivation by phase*. Cambridge MA: MIT Press, 1999.
- _____. Minimalist inquiries: the framework. In: MARTIN, R.; MICHAELS, D.; URIAGAREKA, J. (Eds.). *Step by step: essays on minimalist syntax in honor of Howard Lasnik*. Cambridge, Mass: MIT Press, 2000. p. 89-155.
- _____. Derivation by phase. In: Kenstowicz, M. (Ed.). *Ken Hale: a life in language*. Cambridge, Mass: MIT Press, 2001a. p. 1-52.
- _____. *Beyond explanatory adequacy*. Série MIT Occasional Papers in Linguistics 20. Cambridge, MA: MITWPL, 2001b. p. 1-28.
- _____. *On nature and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- CINQUE, G. *Adverbs and functional heads: a cross-linguistic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- DELSING, L. *The internal structure of noun phrases in the scandinavian languages*. 1993. Thesis (Doctor of Linguistics) - Lund University, Lund, Sweden, 1993.
- EMBICK, D. *Voice and the interfaces of syntax*. 1997. 320f. Thesis (Doctor of Linguistics) - University of Pennsylvania, Philadelphia, PA, 1997.
- ENÇ, M. The semantics of specificity. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, MA, v. 22, n. 1, p. 1-25, Winter 1991.
- FIGUEIREDO SILVA, M. C. *A posição do sujeito no português brasileiro – frases finitas e infinitivas*. Campinas. Editora da Unicamp, 1996.
- FILLMORE, C. The case for case. In: BACH, E; HARMS, R. T. (Eds). *Universals of linguistic theory*. New York: Hold, Rinehart and Winston, 1968.
- FODOR, J.; SAG, I. Referential and quantificational indefinites. *Linguistics and Philosophy*, Dordrecht, Holanda, v. 5, n. 3, p. 355-398, Sept. 1982.
- FROTA, S. *Prosody and focus in European Portuguese*. 1998. 405f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 1998.

GALVES, C. Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro. *Cadernos de estudos lingüísticos*, Campinas, n. 34, p. 19-31, jan/jun. 1998.

HALE, K.; KEYSER, S. J. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (Eds.). *The view from building 20*. Cambridge: The MIT Press, 1993. 53-109.

HALLE, M. Latvian declension. In: BOOIJ, G.; MARLE, J. van (Eds.). *Morphology yearbook 1991*. Dordrecht: Kluwer. 1992. p. 33-47.

_____. Distributed morphology: impoverishment and fission. BRUENING, B.; KANG, Y.; MCGINNIS, M. (Eds.). *Papers at the Interface*. MIT Working Papers in Linguistics 30. Cambridge, p. 425-449. 1997.

_____.; MARANTZ, A. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: HALE, K.; Keyser, S. J. (Eds.). *The view from building 20*. Cambridge: MIT Press. 1993. p. 111-176.

HARADA, S. I. *Counter-equivalent NP deletion*. Annual Bulletin 7. Research Institute of Logopedics and Phoniatrics, University of Tokyo. 1973. p. 113-147.

HARLEY, H.; NOYER, R. Licensing in the non-lexicalist lexicon: nominalizations, vocabulary items and the encyclopedia. HARLEY, H. (Ed.). *Papers from the upenn/MIT roundtable on argument structure and aspect*. MIT Working Papers in Linguistics 32. Cambridge, 1998. p. 119-137.

_____.; _____. *State-of-the-article: distributed morphology*. 1999. Disponível em: <<http://linguistics.arizona.edu/~hharley/PDFs/HarelyNoyerDM1999.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2007.

HEYCOCH, C.; DORON, E. Categorical subject. *Gengo Kenkyu*, Kyoto, Japan, n. 123, p. 95-135. Mar. 2003.

HUANG, C. On the distribution and reference of empty pronouns. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, MA, v. 15, n. 4, p. 531-574, Autumn 1984.

INOUE, K. *Case marking vs. Case checking in Japanese generative grammar: an alternative proposal*. Kanda University of International Studies, 1998. Disponível em: <<http://fccl.ksu.ru/papers/inoue.htm>>. Acesso em: 05 mar. 2007.

IPPOLITO, M. On the past participle morphology in Italian. In: Arregi, K.; Bruening, B.; Krause, C.; Lin, V. (Eds.). *Papers on morphology and syntax, cycle one*. MIT Working Papers in Linguistics 32. Cambridge, MA, 1999. p. 111-137.

KATO, M. A. Tópico e sujeito: duas categorias na sintaxe? *Cadernos de estudos lingüísticos*, Campinas, n. 17, p. 109-131, jul-dez. 1989.

KATO, M. Sujeito e tópico: duas categorias na sintaxe? *Cadernos de estudos lingüísticos*, Campinas, n. 17, p. 109-132. 1988.

KIKUCHI, R.; SIRAI, H. *Analysis and interpretation of japanese postposition no*. Aichi, Japan: Chukyo University, 2003.

KISS, K. Identificational focus versus information focus. *Language*, v. 74, n. 2, p. 245-273. 1998.

KRATZER, A. Severing the external argument from its verb. In Rooryck, J.; Zring, L. (Eds.). *Phrase structure and the lexicon*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1996. p. 109-137.

KUNO, S. *The structure of Japanese language*. Cambridge MA: MIT Press, 1973.

KURODA, S. Y. *Generative grammatical studies in the Japanese language*. 1965. 234f. Thesis (Doctor of Linguistics) - Massachusetts Institute of Technology. Dept. of Modern Languages, Cambridge, Mass, 1965.

KURODA, S. Y. Remarks on the notion of subject with reference to words like also, even, or only. *Annual Bulletin of Research Institute of Logopedics and Phoniatrics*, Tokyo, n. 3, p. 111-130, 1969.

_____. The categorial and the thetic judgement. *Foundations of Language*, Dordrecht, v. 9. p. 153-185, 1972.

_____. *Subject*. Syntax and Semantics. p. 1-16, 1976.

_____. The concept of subject in grammar. In: SHIBATANI, M. (Ed). *Syntax and semantics: Japanese generative grammar*. New York: Academic Press, 1976.

LARSON, R. On the double object construction. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, MA, v. 19, n. 3, p. 335-391, 1988.

_____.; YAMAKIDO, H. *A new form of nominal ellipsis in Japanese*. New York: Stony Brook University, 2001.

LEGATE, J. A. *Phases in beyond explanatory adequacy*. MIT Ms., 2002.

LI, C.; THOMPSON, S. Subject and topic: a new typology of language. In: LI C. (Ed). *Subject and topic*. New York: Academic Press, 1976.

LIN, J. *Event structure and the encoding of arguments: the syntax of the mandarin and english verb phrase*. 2004. 194f. Thesis (Doctor of Philosophy) - Massachusetts Institute of Technology, Dept. of Electrical Engineering and Computer Science, 2004.

LOBATO, L. M. P. *Sintaxe gerativa do português*. Rio de Janeiro: Vigília, 1986.

LOPES, R. V. *Introdução ao programa minimalista de fases*. 2005. Notas de Aula. Mimeografado.

LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, v. 2, 1977.

MARANTZ, A. *On the nature of grammatical relations*. Cambridge: MIT Press, 1984.

_____. Case and licensing. In: *EASTERN STATES CONFERENCE ON LINGUISTICS*, 91., 1991, Baltimore. *Proceedings...* Baltimore, MD: University of Maryland, 1991. p. 234-253.

MATSUNAGA, S. *The development of case marking in Japanese*. 1983. Masters thesis. Ohio State University, Columbus, OH, 1983.

MEDEIROS, A. B. *Traços morfossintáticos e subespecificação morfológica na gramática do português: um estudo das formas participiais*. 2008. 315f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2008.

MIKAMI, A. *Nihongo no koobun* (Sintaxe japonesa). Tóquio: Kurosio Syuppan, 1963.

MILLER, R. A. *The Japanese language*. Chicago: University of Chicago Press, 1967.

MILSARK, G. *Existential sentences in English*. 1974. 260f. Thesis (Doctor of Linguistics) - Massachusetts Institute of Technology. Dept. of Foreign Literatures and Linguistics, Cambridge, MA, 1974.

MIOTO, C. Focalização e quantificação. *Revista Letras*, Curitiba, n. 61, especial, p. 169-189, 2003.

_____.; KATO, M. Aspectos sintáticos da subordinação sentencial. In: ABAURRE, M. B.; RODRIGUES, A. C. (Orgs.). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora Unicamp, 2002, v. 8.

_____.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. *Novo manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2004.

MIYAGAWA, S. *Structure and case marking in Japanese*. (Syntax and Semantics). San Diego, California: Academic Press, 1989. v. 22.

_____. Sase as an elsewhere causative. In: SYMPOSIUM ON JAPANESE LANGUAGE TEACHING, Linguistic Theory and Japanese Language Teaching. 7., 1994. *Proceedings...* Tsuda Japanese Language Center, 1994.

NASCIMENTO, M. *Sur la postposition du sujet dans le Portugais du Brésil*. 1984. Thèse (Doctorat la Linguistique) - Université de Paris VIII. Paris, 1984.

NEGRÃO, E.; VIOTTI, E. A propriedade de deslocamento e a marcação gramatical das relações semânticas e informacionais. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 4., 2003, Brasília. *Anais...* Brasília: ABRALIN, 2003.

NICHOLS, J. *Linguistic diversity in space and time*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.

NOYER, R. *Features, positions and affixes in autonomous morphological structure*. 1992. 320f. Thesis (Doctor of Linguistics) - Massachusetts Institute of Technology. Dept. of Linguistics and Philosophy, Cambridge, MA, 1992.

_____. *Features, positions and affixes in autonomous morphological structure* (MIT Revised version of 1992). New York: Garland Publishing, 1997.

ONO, H. *Japanese grammar*. Tokyo: The Hokuseido Press, 1973.

PERLMUTTER, D. M. Impersonal passives and the inaccusative hypothesis. In: ANNUAL MEETING OF THE BERKELEY LINGUISTICS SOCIETY, 4., Berkeley. *Proceedings...* Berkeley, CA: Berkeley Linguistics Society 1978. p. 157-189.

_____. *Deep and surface structure constraints in syntax*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1971.

PESETSKY, D. *Zero syntax: experiencers and cascades*. Cambridge: MIT Press, 1995.

PONTES, E. Da importância do tópico em português. In: ENCONTRO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA, 5., Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: PUC. 1981.

_____. *Sujeito: da sintaxe ao discurso*. São Paulo: Ática, 1986.

QUAREZEMIN, S. *Estratégias de focalização no português brasileiro: – uma abordagem cartográfica*. 2009. 200f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2009.

REINHART, T. *Interface strategies*. OTS working papers in linguistics. Utrecht Netherlands: Universiteit Utrecht, 1995. 89p.

RIZZI, L. The fine structures of left periphery. In: HAEGEMAN, L. (Ed.). *Elements of grammar*, Klumer Academic Publishers, 1997. p. 281-337.

_____. On the form of chains: criterial positions and ECP effects. In: CHENG, S.; CORVER, N. (Eds.). *WH-movement moving on*. Cambridge, MA: MIT Press, 2006, p. 97-34.

SAITO, M. *Case marking in japanese: a preliminary study*. Cambridge, MA: MIT Press. 1982.

SHIBATANI, M. Grammatical relations and surface cases. In: *Studies in Japanese linguistics*. Tokyo: Kuroshio Publishers, v. 3, 1980.

SIGURDSSON, H. A. Case: abstract vs. morphological. In: BRANDNER, E.; ZINSMEISTER, H. (Eds.). *New Perspectives on case theory*. Stanford, California: CSLI Publications, 2003. p. 223-268.

STOWELL, T. Remarks on clause structure. In: CARDINALETTI, A.; GUASTI, M. T. (Eds.). *Syntax and Semantics: Small Clauses*. San Diego, California: Academic Press, 1995. v. 28.

SVAVARSDÓTTIR, A. *The inflectional system of nouns in modern Icelandic*. Reykjavík: Institute of Linguistics, University of Iceland, 1993.

SVENONIUS, P. *The derivation of VO and OV*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

TAKAHASHI, C. *Multiplicity, optimality, and constraints on the distribution of nominative case in Japanese*. 1996. Thesis (Doctor of Linguistics) - Cornell University Department of Linguistics, Ithaca, NY, 1996.

TAMURA, S. *Nihongo no tadoosi no kibookei, kanookei to Jyosi* (Formas potenciais dos verbos transitivos e partículas em japonês). Waseda daigaku gogaku kyookukenkyuzuyo kiyoo, nº 8. Tokyo: Waseda University, 1969.

TATEISHI, K. *The syntax of 'subjects'*. California: CSLI Publications, 1994.

TERADA, M. Unaccusativity in Japanese. In: NORTH EASTERN LINGUISTIC SOCIETY, 17., 1987. Amherst. *Proceedings...* Amherst, MA: G L S A Dept of Linguistics South Coll, 1987. p. 619-640.

TOKIEDA, M. *Kokugo-gaku genron* (Princípios do estudo da língua japonesa). Tóquio: Iwanami, 1941.

TOMIOKA, S. Contrastive topics operate on speech acts*. In: FÉRY, C.; Zimmermann, M. (Eds.). *Information structure from different perspectives OUP*. Newark, DE: University of Delaware. 2009,

TORISAWA, K. *An unsupervised method for canonicalization of Japanese postpositions*. Ishikawa. Japan: Presto, Japan Science and Technology Corporation, 2002.

UEHARA, K. *Center-embedding and nominative repetition in Japanese sentence processing*. 2003. 476f. Thesis (Doctor of Linguistics). University of New York, NY, 2003.

VERMEULEN, R. Ga Ga constructions in Japanese. In: DURHAM POSTGRADUATE CONFERENCE IN LINGUISTICS, 5., 2002, Durham, NC, 2002.

_____. *Topics in Japanese: a unified analysis of contrastive and non-contrastive topics*. Sep. 2008. London: University College London. Mimeografado.

VON HEUSINGER, K. Specificity and definiteness in sentence and discourse structure. *Journal of Semantics*, v. 19, n. 3, p. 245-274, 2002.

YAMASHITA, H.; CHANG, F. *Sentence production in Japanese*. Rochester: Rochester Institute of Technology, 2003.

YANG, D-W. *Focus movements, distinctness condition, and intervention effects*. MIT, 2005a. Disponível em: <<http://www.people.fas.harvard.edu/~ctjhuang/teal3/dyang.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2007.

_____. *Múltiple case constructions, secondary agree, and movements in parallel*. MIT, 2005b. Disponível em: <http://web.mit.edu/linguistics/www/linglunch/Ling_lunch_abstract%5B1%5D.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2007.

YEGHIAZARYAN, L. *Sobre a interação da marcação de caso e a definitude no armênio*. 2005. 105f. Dissertação (Mestrado em lingüística) – Universidade de São Paulo, Departamento de Lingüística, São Paulo, SP, 2005.

ZANFELIZ, A. *Sentenças focalizadas no português brasileiro*. 2002. 98f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Lingüística. Florianópolis, SC, 2002.

ZUBIZARRETA, M. *Prosody, focus, and word order*. Cambridge: MIT, 1998.

